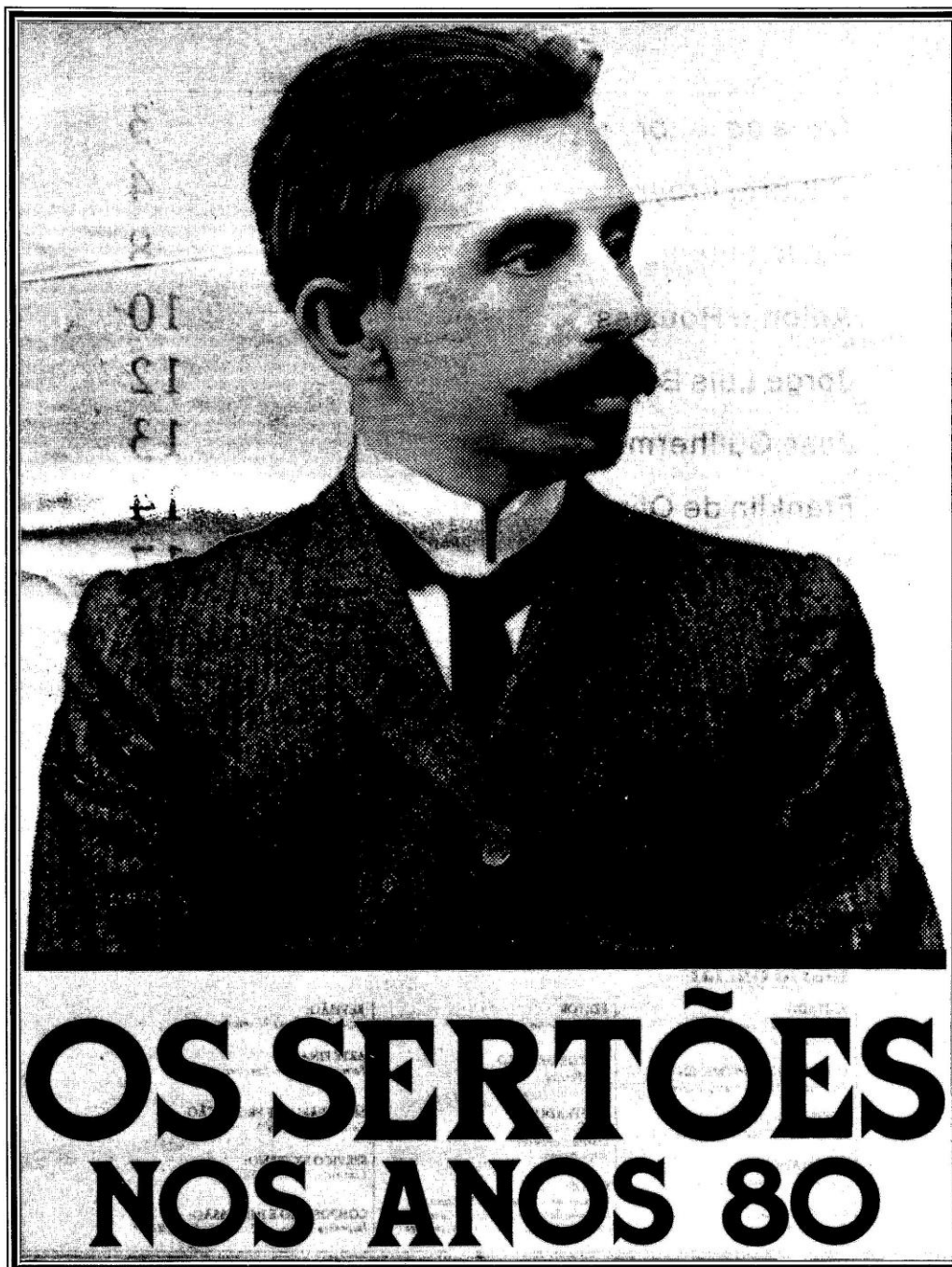


PORTE PAGO
ECT - DR/SP
UNIDADE: Cidade de São Paulo
ISR - 40 - 3051/81

Diário Oficial

CADERNO ESPECIAL

ESTADO DE SÃO PAULO



São Paulo, sábado, 18 de dezembro de 1982

ÍNDICE

Carta ao leitor	3
Gilberto Freyre	4
Paulo Francis	8
Antonio Houaiss	10
Jorge Luis Borges	12
José Guilherme Merquior	13
Franklin de Oliveira	14
“Últimos Dias”	17
Gerardo Mello Mourão	25
Walnice Nogueira Galvão	31
Moisés Gikovate	34
A Morte	37

Diário Oficial

EDITADO
pela Imprensa Oficial
do Estado S/A - IMESP

DIRETOR SUPERINTENDENTE
Caio Plínio Aguiar Alves de Lima

COORDENAÇÃO
Secretaria de Estado da Cultura

SECRETÁRIO
João Carlos Martins

COORDENADOR
Enio Squeff

EDITOR
Nelson Merlin

EDITOR GRÁFICO
Joca Pereira

ILUSTRADORES:
Emílio Damiani,
Martin Kovensky,
Jorge Arizio

FOTOS:
Arquivo de O Estado de S. Paulo,
reproduções da revista Dom Casmurro,
coleção particular de Moisés Gikovate

REVISÃO:
Elisa de Andrade Nishioka

ARTE FINAL:
Fernando Coelho Jimenez

SECRETÁRIA DE PRODUÇÃO:
Christiane Gabriel Moreira

SERVIÇO EXTERNO:
Cláudio Cardoso da Silva

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
Imprensa Oficial do Estado S/A — IMESP



Enio Squeff

Um mistério de 80 anos

Enio Squeff é assessor cultural da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo.

Disse-me certa vez Olímpio de Souza Andrade, grande estudioso da obra de Euclides da Cunha, que "Os Sertões" só não escapava de um risco: o de beirar o ridículo, com sua grandiloquência, e seus superlativos. Era apenas um risco, como alertava Olímpio: se não houve escritor brasileiro algum que conseguiu sair incólume da crítica do futuro, Euclides e seus "Os Sertões" conseguiram. O fato deve ter suas explicações; e não é uma simples boa vontade.

O problema permite algumas conjecturas. Supondo-se que alguns dos desejos sub-repticiamente expressos neste suplemento se realizem — isto é, de que "Os Sertões" seja lido por muito mais gente — talvez a propalada "chatice" desta grande obra sobressaia como uma reação coletiva. Imagino que isso tenha acontecido, por exemplo, com "Os Lusíadas", ou com o "Paraíso Perdido", de Milton. São poucas as obras que resistem a mais de um século. Sobre os oitenta anos de "Os Sertões" pode-se dizer que resistiu, mas certamente também porque nem todos o leram. Afinal, numa coisa Gustavo Corção tinha razão quando reclamava que não bastava alfabetizar: era necessário educar. Sem isso, "Os Sertões" é um livro intransponível.

Feitas tais considerações, porém, o mistério continua. Não que não se façam críticas. Sobre as idéias racistas de Euclides da Cunha é inútil contestar o que o próprio livro comprova. Como sugere Lukács, a realidade se impôs à ideologia. Mas Mário de Andrade, numa crônica, anotava um lado insólito deste livro: ao criticar "O Quinze", livro de estreia de Raquel de Queiroz, lembrava que a arte tinha certo papel alienante. Reportando-se ao nosso escritor, acrescentava que entre a realidade terrível da guerra de Canudos e "Os Sertões" restava aos intelectuais chorarem as lágrimas gostosas sobre o texto esteticamente irreprensível de Euclides da Cunha.

É uma crítica, sem dúvida. A ela poder-se-iam juntar muitas outras. Monteiro Lobato, num artigo já antigo, anotava que em Euclides não cabiam coisas pequenas. Dizia isso em tom de respeito. Talvez devesse considerar esta como sendo exatamente a maior restrição a Euclides, embora tal crítica se possa fazer a outros, já que, por sua vez, o pequeno também não existe em Beethoven e em Miguelangelo, para citar apenas dois exemplos.

Mas qual seria então o mistério intransponível deste livro? São todos os que concernem à arte. Anotam alguns teóricos que o mistério da arte é a reinvenção sobre o conhecido. É verdade: não há nada teoricamente tão conhecido pelas comunidades às quais se dirigem quanto os idiomas. No entanto, o milagre acontece: e o conhecido amoldado muitas vezes à imagem e semelhança do seu criador, torna-se exatamente um filho diferente. Neste sentido, talvez se pudesse falar de "Os Sertões" sem a presença por vezes incômoda de Euclides... Não duvido: mas certamente cairíamos nos exageros a que se jogam alguns vanguardistas. E o fato concreto, a propósito de "Os Sertões", é ainda o que subsiste sobre o nosso País, Brasil. Persistimos nas mistificações sobre o nosso País, quando uma das tentativas mais bem logradas de explicá-lo foi escrita há oitenta anos. Não creio exagerar se dissesse que uma coisa explica a outra, e vice-versa.





Euclides da Cunha Revisitado

E

em mais de um livro de minha autoria, tenho-me voltado, sob perspectivas diversas, para a obra e para a figura extraordinária de Euclides da Cunha. É para mim o mais criativo, telúrico e caracteristicamente brasileiro dos escritores em prosa — sendo, entretanto, sempre poeta — da língua portuguesa. Foi mais escritor do que cientista, embora a algumas das suas abordagens não falem apoios científicos.

Para evitar repetir-me, de-sejo, neste novo ensaio — concordando nuns pontos, discordando noutros — considerar o que, sobre Euclides, está em livro, que eu saiba, ainda inédito, que me foi dado pelo seu brilhante autor, o gosto de ler nos originais. Esse autor, um ainda jovem inglês — o seu livro, entretanto, está escrito em bom português — de formação universitária na Universidade britânica de Cambridge, Mr. Henry Bacon. Não me parece ele menos digno de atenção brasileira, como analista e intérprete estrangeiro de Euclides da Cunha, que o também brilhante peruano Vargas Llosa. Ao contrário: o inglês é mais *scholar* sem deixar de igualmente revelar, no que escreve, excelente poder literário de expressão.

Desse trabalho, tendo Mr. Henry Bacon me confiado os originais, escrito em língua portuguesa da melhor, pois, nessa língua, exprime-se não em arremedo de fechada doutorice de "Brazilianista" convencional, mas em palavras portuguesas literariamente expressivas e brasileira-mente soltas, vou permitir-me, neste meu novo ensaio sobre Euclides, transcrever ou resumir curtos trechos. Para o que, conto com a indulgência do autor, desde que me falta, no momento, o seu endereço exato, na Inglaterra ou no Brasil, para o pedido de sua autorização de tais transcrições ou antes, re-

Gilberto Freyre

Gilberto Freyre é sociólogo e escritor, autor de *Casa Grande e Senzala* e vasta obra sobre a formação da cultura e da sociedade brasileira.

sumos, de suas quase sempre inteligentemente apologéticas afirmativas sobre Euclides. Afirmativas com as quais nem sempre concordo. Mas que são sempre, a meu ver, admiráveis, pelas perspectivas, algumas novas, a que nos leva sua erudição de britânico devoto de clássicos gregos e latinos que teria encontrado no escritor brasileiro um também devoto desses clássicos.

O que Mr. Bacon talvez fixe de mais notável, do autor de *Os Sertões*, é que esse tão teluricamente caboclo, escritor brasileiro, do qual Joaquim Nabuco teria dito que escrevia com um cipó, o que mais teria pretendido teria sido escrever seu livro sobre assunto sertanejo sob modelo épico especificamente clássico: não só o camoniano como o épico grego. Teria pretendido Euclides da Cunha ser uma espécie de "o último dos helenos": mais do que o Coelho Neto do grito "serci o último dos helenos", do escritor maranhense, na Academia Brasileira de Letras, na tarde em que se verificou a agitação modernista provocada por Graça Aranha, assumindo o papel de classicista ante anticlassicistas.

Não teria faltado, na verdade, a Euclides da Cunha, ao sentar-se apoliticamente no seu gabinete, para elaborar *Os Sertões*, um afã perfeccionista literário que, se tivesse dominado, nele, o tapuio, teria resultado num escritor literário empenhado em ser, mais que tudo, um imitador de clássicos no seu trato de assunto agrestemente, ecologicamente, teluricamente brasileiro. E, como tal, um escritor que, em vez de um tanto dionisiacamente criativo, nos seus maiores arrojados de expressão, teria procurado utilizar-se, quase como calígrafo, estético, de uma espécie de elegante e correta pena de pato, para a elaboração de livro tão socialmente rebelde. Nunca um cipó.

Recorda Mr. Bacon palavras do próprio Euclides no sentido de ter desejado do seu livro que fosse obra de literatura à base — poderia ter especificado — de inspirações de modelos de retórica clássica. Foi, aliás, como o livro ganhou relevo excepcional: como obra de vigorosa expressão literária, em parte impregnada de retórica dessa inspiração. Mas uma impregnação, a assim convencionalmente literária, que o gênio e o caboclistismo de Euclides viam a superar no helenista: esta, a tese deste ensaio.

Para o intérprete inglês de Euclides, a expressão literária do escritor de *Os Sertões* apresenta-se notável "pelas suas qualidades como literatura" e até "como romance". Tanto que, na elaboração do texto, acentua Mr. Bacon, ter sido "uma das maiores preocupações" do autor brasileiro, "acertar" — sempre fiel a modelos clássicos — "no estilo, na gramática, até na pontuação". Característicos de um escritor esmeradamente literário e esmeradamente acadêmico de um tipo que, para glória sua e da literatura brasileira, Euclides não foi.

Nota o, por vezes, antes celta que anglo-saxônico entusiasta e apologista britânico do escritor de *Os Sertões*, que, depois da publicação do grande livro, a repercussão que mais se seguiu foi, para o especial prazer de Euclides, a da obra literária e, mais do que isso, a do estilo que ele criara, como se criar obra de arte fosse, nele, o empenho máximo. Talvez maior que o de analisar os sertões e o sertanejo em termos apenas científicos. Porém obra um tanto hereticamente literária, observe-se em retificação a Mr. Bacon.

É evidente de Euclides, como autor de *Os Sertões*, ter procurado, na elaboração de livro em que tanto projetou seu eu, orientar-se por modelos clássicos: *Os Lusíadas*,

um, *A Eneida*, outro. E dos críticos, os mais perceptivos foi do que se aperceberam: que o aparentemente quase de todo pesquisador científico e de campo recorrerá a livros clássicos para seguir-lhes as sugestões e essas sugestões, as convencionalmente épicas. Elaboração, portanto, especificamente literária, e, como literária, convencionalmente acadêmica, a do grande livro, mais em gabinete de estúdio desses modelos eloquentemente arcaicos que a céu aberto, em contacto mais livremente sensual e mais criativamente empático do autor com o assunto. Com o alicante assunto. Contacto que, entretanto, não deixou de haver ao lado do empenho erudito e que viria a prevalecer sobre o ânimo genialmente criativo de Euclydes.

Para Henry Bacon, o que Euclydes retrata em *Os Serões* é uma "sociedade heróica", explicando-se assim o próprio estilo literário do livro: também ele, em sua eloquência, semelhante aos das epopéias clássicas nas quais se consagram eloquentes figuras e feitos supremamente heróicos. Bacon, a esse respeito, especifica de *Os Serões* que, nele, se encontram, como em Virgílio, frases consagradas à epopéia ou, no caso, talvez, devesse dizer com mais precisão, frases consagradas pela epopéia como forma de expressão literária. E como tal, por vezes, convencionais e correspondentes a um tempo social diferente do vivido pelo Brasil dos dias de Euclydes.

Pode-se acrescentar que, dentro dessa técnica, um vocabulário arcaico e esse vocabulário parte daquele estilo quase sempre inclinado ao tom sonoramente grandioso que caracteriza as páginas mais caracteristicamente euclydeanas. Páginas, por vezes, com excessos oratórios ou arcaicamente retóricos que tendem a comprometer em *Os Serões* sua virtude mais especificamente artística: excessos que Mr. Bacon, sempre apologetico de Euclydes, discretamente deixa de assinalar.

Lembra Mr. Bacon de Euclydes, ao procurar ser helenista e épico à maneira clássica, ter empregado não poucas palavras deste sabor: "além de *tita*, *centauro*, *ciclópico*... Vocabulos intimamente associados com aquele mundo: *necrópole*, *acrópole*, *olímpica*, *cariátide*, *coliseu*, *gladiador*, *coturno*, *latíbulo*, *clâmide*, *minotauro*, *dédalo*, *quimérica*, *sátiro*, *boceta de Pandora*".

Ainda haveria em Euclydes palavras oriundas do latim e do grego, algumas das quais "aumentariam o ambiente clássico de *Os Serões*", artificializando esse ambiente: *bipsométrica*, *glauco*, *rabdomantes*, *elíia*, *metaquímica*, *hemicielo*, *vesânico*, *objurgatórios*, *décuplo*, *superstites*, *iconoclasta*, *diáclase*, *epifitas*, *gládios*, *flamívolos*, *facies*, *ascese*, *filades*, *hibernante*, *cataclismo*, *apoteoses*, *estípite*, *simbiose*, *pirexia*, *fitolatria*, *salanstério*, *apófise*, *ganglionados*, *dipsomaniaco*, *teriaga*, *betairismo*, *melo-péia*, *palimpsesto*.

Mas aqui se destaca de Euclydes ter sido excessivo no seu modo de procurar imitar, em obra destinada ao trato de assunto especificamente

como que tapuío, retórica "grega". Epicamente grega em sua expressão convencionalmente literária.

Lembre-se que épicos foram, em seus estilos, contemporâneos de Euclydes como, em língua inglesa, o grande Whitman e o grande Melville. Mas resguardando-se, um e outro, do abuso de superlativos majestosamente clássicos que tornam Euclydes, em não poucas de suas páginas, rebarbativamente postiço, através de seus helenismos postiços em boca de tapuío.

Mr. Bacon, através do que leu no admirável crítico literário brasileiro Franklin de Oliveira, cita, de um dos meus ensaios com pretensões a interpretativos, sobre Euclydes da Cunha, o reparo de que a prosa do autor de *Os Serões* não tem um *a não ser que*, um *entretanto*, tão enfaticamente afirmativa — influência da poesia épica dos clássicos — é a sua norma de expressão. Ao que Mr. Bacon lembra ter sido, com efeito, o estilo do escritor brasileiro, o de epopéia clássica, isto é, "o monumental e o superlativo". E embora procure defender Euclydes de ter sido "retórico" em sua "intumescência estilística", insiste em ter sido próprio do seu empenho de ser, ou parecer, épico à moda antiga ou clássica, "criar grandes frases". A epopéia moderna talvez necessitasse também de "grandes frases". Mas sem essas grandes frases serem imitadas das de clássicos solenemente antigos.

A epopéia moderna, para ser epopéia, não precisa arredar retóricas peculiares a outros tempos sociais. O que nos leva ao problema de procurar-se acertar o que é ser um escritor, ou um artista, em termos modernos, épico, sem tornar-se gritantemente e arcaicamente retórico. E assim arcaico, quase desligado de novos tipos de leitores.

Épica pode ser poesia ou prosa voltada para assunto moderno. Um moderno que data de Cervantes. E esse moderno como que glorificador do que, em expressões cotidianas de vivência e de convivência, seja, por vezes, equivalente de heróico sem extremar-se essa equivalência de antigo heróico em exigências de superlativos arcaicamente retóricos para a sua caracterização. Ao contrário: indo, como no autor de *Moby Dick*, ao próprio exagero de repúdio a superlativos. Repúdio que como que importe em pôr-se em prática a recomendação de poeta já moderno: a de "torcer-se o pescoço à eloquência". Isto é, a excessos de eloquência.

É o épico — esse, o ajustado à glorificação de cotidianos — de que é expressão magnífica o U.S.A. de John dos Passos, depois de ter surgido, em termos, além de modernos, modernistas, em *Ulysses*, de Joyce, no próprio *A la Recherche du Temps Perdu*, de Marcel Proust, no Thomas Mann, de *Montanha Mágica* e, entre nós, em obras de ficção onde ao épico se junta o lírico como nas de José Lins do Rego, nas de Otávio de Faria, algumas das de Jorge Amado, e, de modo notável, nas de Guimarães Rosa.

Lembre-se de Euclydes ter repudiado em *Os Serões* o heróico dos cotidianos serranejos para só exaltar os excepcionais: outra influência, sobre ele, da poesia épica dos clássicos.

Monte-Santo,
base das operações em Canudos



Compreende-se, assim, que o "estouro da boiada" empolgasse Euclides mais do que cotidianos acontecimentos sertanejos menos teatralmente sobrecarregados de sugestões significativas para a caracterização, a que se propôs, de um homem ecologicamente situado. Caracterização que, em grande parte, conseguiu, tendo dado a um bravo mestiço de branco e ameríndio relevo excepcional, entre tipos regionais brasileiros de homem situado. Heróico, para ele, quase que só, tal sua predileção, em parte, arbitrária, pelo sertanejo com quase exclusão de outros heroísmos.

Das rodas que viu transportarem, sertões adentro, canhões Krupp, diz Euclides, em páginas magnificamente imortais, lembrarem as "rodas dos carros de Silva". Rodando pelas serrarias altas e pelos tabuleiros vastos, deixariam "sulcos sanguinolentos". Estes "sulcos sanguinolentos" — comente-se a evocação de Euclides — em terras brasileiras — as sertanejas — virgens, entretanto, dos sulcos de ferro pacificamente construtivos: arados ou tratores. Virgens das presenças positivas de ferros construtivamente civilizadores. A civilização europeizante a chegar a sertões só pelas bocas dos canhões Krupp. Ou por máquinas "do mais fino aço que se fundira em Essen". Matéria para arroubos de eloquência épica de protesto.

Esses brados pungentemente caboclos do misto de "tapuío, celta e grego", como a si mesmo considerava o autor de *Os Sertões*, chegam até os ouvidos do brasileiro de hoje, menos como helenismos épicos que como roncões de tapuíos — ou caboclos — esmagados pelos Krupps imperialmente europeus.

Euclides é brasileiromente épico, em sua denúncia do erro oficialmente brasileiro que foi a destruição de Canudos. Como que considera, em *Os Sertões*, os canhões germânicos, a serviço dessa destruição, "como tendo vida", à base da maneira por que os jagunços os atacavam. Com efeito, Euclides registra o episódio de sertanejos que tentaram um assalto aos Krupps, um deles, segundo o autor de *Os Sertões*, "campeador terrível", tendo saltado sobre um canhão "que abarcou nos braços musculosos", como se "estrangulasse um monstro". Aqui o modo de Euclides ser épico é um modo criativamente, brasileiromente, épico: o que havia de tapuío, nele, falando por outros brasileiros de sangue tapuío. Superação da, noutras partes do grande livro, imitação literária de modelos helenicamente clássicos de expressão literariamente helenica e épica de todo artificiais, quando aplicados a situações tão mais tapuías do que celtas e gregas como as do Brasil sertanejo.

Nas palavras de Euclides da Cunha, poeta épico brasileiro, definindo o Krupp como se tivesse vida e vendo sertanejos nos Krupps de

"dorso luzidio e negro", com olhos de quem se defrontasse com monstro ou dragão igual aos das histórias por eles ouvidas, quando crianças rústicas, Euclides como que evoca os brasileiros de sangue tapuío, a quase se suicidarem nesses embates: "arrojam-se sobre o monstro. Assaltam-no; aferram-no, jugulam-no". Os em parte descendentes de tapuíos a arrojam-se sobre os Krupps germânicos de "dorso luzidio e negro". Aqui o Euclides brasileiromente épico a superar, no seu modo poético de ser escritor lusotropical, helenices literárias.

Compreende-se o clamor de Euclides contra o que lhe pareceu erro de governos brasileiros que teriam envolvido o Exército. Daí suas palavras enfáticas. "A campanha de Canudos... foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo." Palavras comentadas por Mr. Bacon: "Aqui vemos a sua compaixão, como também a paixão de indignação que o impulsionou para iniciar o livro." Para o intérprete inglês teria havido "mais uma finalidade de Euclides em escrever *Os Sertões* a ser notada. E para fixar bem esta, é necessário fazermos uma análise. Pois o nosso autor, reservado e casmurro como era, não escreveria no começo: "Eu quero que isto seja uma grande obra de literatura."

A evidência de que ele tinha ambições literárias é substancial. Note-se que o livro ganhou a atenção dos críticos e do público em primeira instância pelas suas qualidades como literatura. Como romance, até. Na preparação de *Os Sertões* uma das maiores preocupações do autor — acentue-se sempre — foi acertar no estilo, na gramática, até na pontuação. Estas "são preocupações do literato, e não do cientista", adianta o graduado de Cambridge para quem "tão forte era a sua ansiedade neste particular, que temos o delicioso incidente, incrível se fosse contado a respeito de um pobre mortal comum: Euclides, na Casa Publicadora de Laemmert e Cia., a primeira edição de *Os Sertões* no balcão à sua frente, e ele freneticamente empenhado em purgar, com tinta nanquim e ponta de canivete, a edição inteira das últimas máculas que tinha, ou que ele imaginava!" E mais: "a sua carta ao amigo Escobar, depois da publicação do livro, mostra a mesma ansiedade. Nesta carta ele se compara com Victor Hugo, em outra, com Shakespeare e Miguel Ângelo, Dumas e Walter Scott, literatos e outros obreiros da arte, não a cientistas. Mas ele mesmo expressa o seu ideal; empregar a ciência no serviço da literatura..."

Desnecessário que se procure atualmente justificar em Euclides ter escrito *Os Sertões* como obra mais literária que científica. Literatura e ciência não se excluem. E a conciliação desses só aparentes contrários tem sido realizada em obras do mais alto valor.



Desenho
de Portinari

Puro beletриста não se pode dizer ter sido Euclides. Mas artista literário supremo na sua arte é evidente que foi, superando, nessa sua criatividade artística, a realização científica. Superando-a sem anulá-la. Escrevendo com o cipó da frase de caracterização do estilo de Euclides, atribuída a Joaquim Nabuco, como escritor teluricamente brasileiro, o autor de *Os Sertões* deu tal dignidade a esse simbólico cipó que, com o tempo, só tem feito consolidar-se sua condição de clássico da língua portuguesa, em sua expressão como que tropicalmente, ecologicamente, teluricamente brasileira.

O livro *Os Sertões* é como se aproxima do centenário de sua publicação: como imitação de um clássico literário. Há nele ciência e, por vezes, cientificismo. Mas o que lhe assegura grandeza, na sua sobrevivência, é a expressão artisticamente literária dessa ciência.

É a culminância de uma recorrência na cultura brasileira: a de antecipações pela literatura de obras científicas. Antecipações, por escritores expressivamente literários, de abordagens especializadas temas nacionais.

Dessa antecipação, em termos magnificamente literários, Euclides da Cunha foi exemplo máximo. Isto sem se deixar de reconhecer no antecipador, pela literatura, de cientistas especializados, no trato de assunto eminentemente brasileiro, a presença de um paracientista, com alguma coisa de científico na sua ecologia e na sua geografia. Mas essa presença menor que a do artista literário.

Keyserling, em comunicação memorável ao Congresso de intelectuais reunidos em Buenos Aires, em 1937, fez pronunciamento, para a época, escandaloso: anteviu o desaparecimento de escritores puramente literários do tipo ainda predominante na Europa e na própria América Latina — subentendendo-se, além de Valéry, Rodós e Coelho Neto — e sua próxima substituição por uns como poetas-profetas do tipo de Tagore, Wells, Unamuno, Aldous Huxley. Já o brasileiro Euclides da Cunha se antecipara, em ignorada língua portuguesa, a ser exemplo, na América Latina, dessa próxima substituição. Parece ter faltado, dentre os informantes brasileiros de Keyserling — Graça Aranha, Nazareth Prado, talvez Paulo Prado, entre outros — quem o especificamente advertisse a

esse respeito. Ponto que merece vir a ser considerado por jovem crítico brasileiro — paulista, aliás — Gilberto Vasconcelos, recém-formado pela Universidade de São Paulo e corajosamente empenhado em revisões da história cultural do Brasil, tão deformada por *ismos* ideológicos.

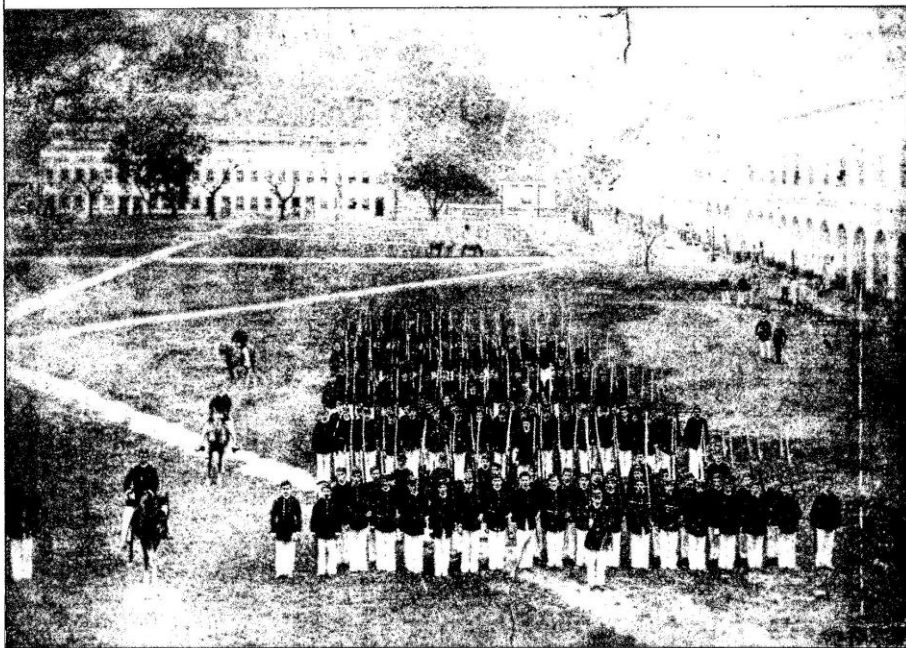
Supremo, no Brasil, como “profeta-poeta” do tipo entrevisto por Keyserling, foi Euclides da Cunha. Supremo neste particular: pela sua personalidade transliterariamente criativa refletida em obra mais que literária. E por esse impacto de sua personalidade, por si só, criativa, realizador de obra fora de esquemas literária ou ideologicamente convencionais, de tal modo se situou, dentro da sugestão de Keyserling: a de ter pertencido ao tipo transliterário de poeta-profeta.

Da cultura coletivamente brasileira antecipou-se, em emergir, ainda o Brasil, colonial, um escultor, singular, sem deixar de ser representativo, como o Aleijadinho. Outros surgiram, nos nossos tempos, também impondo-se por singularidades nos seus

modos de ser representativamente criativos. De modo esplendoroso, acentue-se que Heitor Villa-Lobos.

Mas essas emergências precedidas, em termos já modernos, pela do, como talvez ninguém, paradoxalmente singular na sua maneira de ser representativamente brasileiro, Euclides da Cunha, com seu misto, além de “tapuído, de celta e de grego”, de ciência e de poeta e de profeta, do conceito de Keyserling. Poeta em prosa. Poesia, a sua, keyserlingamente com alguma coisa de equivalente do que, em termos antigos, hoje arcaicos, chamou-se profecia.

Euclides pode ter pretendido mais compor que escrever *Os Sertões* dentro, quase livremente, do modelo clássico ou grego. Sucederia, entretanto, ter o assunto, potente e rebeldeamente brasileiro, influido sobre esses antecedentes da grande obra, dando-lhe outro caráter: o de obra épica, sim, mas telúrica e ecologicamente brasileira. Este caráter, uma vitória do assunto sobre o autor. E dentro do autor, um triunfo do seu gênio independente sobre opções literárias eruditamente livrescas. Venceu o poeta-profeta.



A Escola Militar da Praia Vermelha, no tempo de Euclides, que é o quinto da primeira fila, a partir da direita





Sertões da Imaginação

Foi num dia de cão de 1970 que li "Os Sertões". *Dias de cão*, pelo tempo, e pela época. Tempo de leitura, época de repressão aguda. Eu estava entre cadeias, duas já provadas, outra me esperando. Tudo que escrevia me censuravam. Claro, já tinha olhado Euclides, no colégio, mas, por ser no colégio, não valeu. E os paralelepípedos da "linguagem nobre" da literatura brasileira e portuguesa sempre me irritaram à fúria ou me entediaram às lágrimas.

Mas em certos momentos de tensão só consigo ler coisa pesada. Os "thrillers" que me dão fuga do cotidiano, ou os autores favoritos que me socorrem em angústias maiores ou acessos ocasionais de sentimentalismo (que imagino lirismo), não funcionam nesses momentos. Ou bebo à inconsciência ou vou a algo ilegível. Por que não "Os Sertões"? Aos 40 anos, em 1970, perdi o medo de lacunas culturais. Deixei de ler vários autores célebres, com muita honra. Euclides era diferente. Afinal, sempre achei que se no Brasil houvesse alguma mudança social, viria da roça. Nossa civilização urbana é humor barato. Na roça, em estado semivegetal, está o povo, à espera de um aiatolá, porque não entende a linguagem marxista ou recondicionada das cidades, ambas modelo-importação dos mais reles, à parte inaplicável aos nossos escravos do campo.

Todo mundo me disse que não lesse "A Terra", que era chatíssimo, e que lesse "O Homem e a Luta", que, apesar do estilo "rococó", tinha "momentos".

Conformista como sou, comeci pela terra. Chatíssimo, sem dúvida. E há minha ignorância geológica, somada ao fato de que os cientistas mudam toda hora de opinião, que nos impõem dogmaticamente, sem sequer pedir desculpas pelos velhos erros ao nos oferecerem os novos.

Paulo Francis



Paulo Francis é jornalista, crítico literário e escritor, autor de Cabeça de Papel, Cabeça de Negro e O Afeto que se Encerra, entre outras obras.



Panorama
de
Canudos

Mas se passaram umas duas horas. Alguém me telefonou, convidando a ir a um bar. Uma ótima idéia. Falaríamos como gente, e não como Euclydes da Cunha. Sei lá por que, recusei. "Outro compromisso". Nenhum. Queria ficar em casa, essa a verdade. E já que a terra estava no sofá, continuei. Horas depois dessa segunda "bandeira" pelo estilo do autor me dei conta de mim mesmo, do que me acontecera. Eu estava num estado de exaltação, possesso de Euclydes. Aquele estilo laborioso, aquela enchente de palavras, partículas, de contorções de sintaxe e gramática, tudo que detesto em literatura, me derubaram pura e simplesmente, se tornaram algo pessoal e intransferível entre mim e Euclydes. Eu nunca poderia escrever assim, nem me interessa, não acho que se deva escrever assim. Mas o gênio é mais que a capacidade de perseverar, é a capacidade de vencer o intratável, o intolerável, o indizivelmente horrível da condição humana. Os sertões são um inferno. Euclydes me provou no único teste verdadeiro de literatura, o encontro total de autor e leitor, que escreveu, que *criou* em linguagem os sertões, o inferno da terra brasileira. Não há outro estilo possível para "Os Sertões", porque "Os Sertões" não são os sertões do realismo literário, geológico, etc., e sim uma criação que só existiu na cabeça de Euclydes da Cunha. Não há estilo acadêmico, ou "avant-garde". Tudo isso é bobagem de críticos. O estilo é o homem que se consegue expressar em palavras que só ele, quando gênio, encontra para um determinado tema.

Não precisa ser lógico, ou sequer fazer sentido. É difícil imaginar maior asneira do que Tolstoi escreveu sobre a desimportância de generais em "Guerra e Paz". Napoleão revolucionou toda a arte da guerra e Napoleão inspirou as estratégias e táticas militares até 1914. Mas o gênio literário de Tolstoi "destrói" o gênio militar de Napoleão; enquanto lemos "Guerra e Paz", damos crédito a Tolstoi. Da mesma forma, não tenho a mais remota idéia se a terra infernal, a descrição do sertanejo, Canudos, Antonio Conselheiro, a tragédia final, que é menos a derrota dos revoltosos do que a permanência *até hoje* do que Euclydes descreveu, correspondem à realidade. Mas o que é realidade? Enquanto lemos Euclydes, a realidade é aquela linguagem que faz os sertões florescerem numa efusão incontrolável de palavras, todas em lugares que nos tocam, nos envolvem à intoxicação na glória e tragédia de Canudos. A obra tem o mesmo efeito que Sófocles, Ésquilo e Eurípides nos legaram. O que nos horrorizaria em nossas vidinhas ganha uma grandeza tal que Édipo, Antígona, Cassandra ou Antonio Conselheiro nos parecem mais reais — certamente mais completos — do que nós mesmos. E é na nossa pobre língua. Nunca antes, certamente, e nunca depois, que eu conheça, nossa língua teve tal riqueza, nunca *falou tanto por si própria*, apesar dos arcaísmos que Euclydes escolheu, quando não precisava, pois viveu em pleno modernismo. Não dá para comparar Herbert Melville a

ele. Melville parafraseou a linguagem bíblica. Euclydes pegou nosso mísero vernáculo e dele forjou em aço a consciência incriada de nossa raça.

Não consigo explicar como. Se leio um trecho de "Os Sertões", ainda hoje, me irrita o estilo. Se leio alguma página, volta a intoxicação. É um admirável mundo novo montado em palavras sobre uma história velha, não muito relevante ao que o mundo se tornou desde o balaço passional de Antonio Conselheiro e as multidões que fez viver, na revolta e morte contra uma das classes dirigentes mais cruéis que o mundo conheceu: a brasileira.

Lamento discordar de marxistas e outros críticos sociais que vêem na obra uma tomada de consciência de um dos raros episódios revolucionários sérios da História do Brasil (o outro seria a Farroupilha?). Não é que isso não possa ser depreendido de "Os Sertões". Pode, talvez até deva, se queremos — se acreditamos possível — mudar o Brasil, ou qualquer sociedade.

Mas não é consciência social que faz de "Os Sertões" um épico. É literatura. Ravel dizia que música é or-

ganizar sons agradáveis ao ouvido. Basta substituir música por palavras e temos Euclydes.

Sem dúvida, essas palavras mágicas descrevem um episódio, uma vida social, uma guerra trágica de desespero, e certamente podemos simpatizar com os infelizes que ousaram desafiar o Leviatã da terra, já em si uma luta que exige homens diferentes dos comuns, da escumalha que conhecemos da política e do Brasil que chega aos jornais. E os admiramos ainda mais que, nas formas primitivas, ridículas, de revolta, tenham enfrentado os bedéis da minoria que em toda nossa História exploraram, torturaram, escravizaram e mataram a maioria que habita este país-continente, em nome dessa minoria inflexível.

Negar esses fatos seria ocioso. Mas a grandeza de "Os Sertões", que faz da obra uma das realizações supremas da literatura mundial, é a linguagem de Euclydes da Cunha, a invenção de palavras que — sentimos — não poderiam ser outras, que transcende o narrativo, que se torna um mundo único, inimitável, impossível de melhorar, de mexer, de mudar a menor vírgula ou ponto. A linguagem fez do ser humano um usuário do adjetivo. Nunca na nossa língua foi usada de maneira tão expressiva. Sobrevive de si própria e é imortal.





Euclýdes, Léxico, Gramática

O

1. termo de referência destas linhas é a obra maior de Euclýdes da Cunha, *Os Sertões*, elaborada (sobre notas e reportagens de 1897-1898) por 1900-1901 e publicada em 1902: estamos no seu octogésimo aniversário, comemorabilíssimo.

1.1 O espanto provocado por essa obra maior continua: a) há os que a leram e dela não gostaram, e há os entusiastas dela, que não só a leram, mas a compreenderam e a admiraram e a consagraram; b) há os que a reputam ensaio científico (ou pseudocientífico) comprometido por certo tipo de beletrismo, há os que a consideram pujante peroração por uma tomada de consciência do brasileiro por si mesmo, caso em que o aliciamento e conquista do espírito e vontade dos leitores era o objetivo fundamental da obra, que, por causa disso mesmo, tinha de ser fundada sobre a verdade do conhecimento científico, social, histórico, a fim de comover, promover e mudar um estado de coisas, criando devotos, convictos e entusiastas, donde a necessidade e vigor das palavras empregadas para fecundarem mentes e criarem história. Como quase nada se fez nessa direção e como mais do que nunca é mister que se faça, mais do que nunca *Os Sertões*, nessa direção, são atuais — e atual é o que serve para a ação.

1.2 O espanto não cessa. Daí a obra ser classificada pelos diferentes tipos e pendores dos críticos a) como obra de ciência superada, salva, entretanto pela linguagem (à semelhança de um caso prisioneiro, o de Plínio, e de um caso pioneiro, o de Bufon); b) como obra de catequese, em que a ciência é componente de peso ponderal pequeno, devendo-se primarizar o empenho político e social de Euclýdes contra as "loucuras e crimes" das nacionalidades — perdurando, assim, o valor artístico e estilístico, o estrutural mesmo,

Antonio Houaiss

Antônio Houaiss é filólogo e escritor, editor das enciclopédias Delta Larousse e Mirador e do dicionário Português-Ingês Webster, entre outras obras.

ainda que este seja erguido sobre pressupostos positivistas mecanicistas — em que o macrocosmo determina o microcosmo, ou em que o dado determina o conquistado, ou do tipo em que o continente determina o conteúdo e ambos o inevitável do contato ou interação (lembramos que as três partes de *Os Sertões* são "A terra", "O homem" e "A luta"); c) como obra de imaginação reconstruidora ou arqueológica, em que a ficção lhe supria as deficiências de informação e conhecimentos objetivos; d). —

1.3 Em quaisquer casos, o espanto perdura, por causa da alegada "inadequação" do estilo (sobretudo como opções gramaticais e opções vocabulares ou lexicais) euclýdeano, estilo belíssimo, ou poderosíssimo, ou selvagíssimo, ou pretensiosíssimo, et-ceteríssimo, que, por isso tudo, passa a ser a pedra de toque da apreciação do mérito — então e agora — da obra.

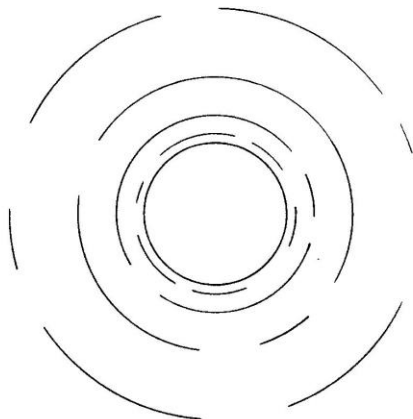
1.4 Mas — parece — esse critério, pelo menos para a vivência da obra por parte do leitor, passa a ser extremamente perigoso, se se preconiza a relação obra x leitor como restritivamente estética ou objeto de beleza, quando todos sabemos que é do ânimo da obra (e do autor) transmitir interpretações e conhecimentos (geográficos, geológicos, antropológicos, sociológicos — genericamente falando) e fundar sobre esses conhecimentos a lógica de uma análise e denúncia de uma patologia social, para perorar em favor de algo de que uma nação (ou um agrupamento abrangente que tendia para isso) se redimisse (se redima) de sua sanha assassina e vesana endogenamente criada por sua patologia histórica.

2. A intenção de Euclýdes foi — contra a posição oficial propagandeada — a de denunciar um crime: era denúncia que se dirigia contra o espírito de corporações prestigiosas ou dominadoras,

ou segmentos sociais, com que desde sempre estivera em convívio e de que hauriria boa parte dos seus instrumentos de estudar, conhecer e até mesmo exprimir-se — o oficialato de nossas forças armadas e os expoentes de nossa engenharia. Esse "vício" de sua formação e de sua admiração fazia-o dirigir-se, "idealmente", a leitores desse tipo de mentalidade e, mesmo, desse tipo de ascendência e comando da vida social na república nascente.

2.1 Era essa uma nata que gozava de um tipo específico de instrução e um tipo inespecífico de preconceito: por instrução, era aberta ao vocabulário científico; por preconceito, sujeitava-se passivamente à noção de que havia uma gramática do certo, a que se devia obedecer em (pelo menos) todos os usos escritos e para todos os fins dos escritos.

2.2 O vocabulário, ao tempo de *Os Sertões*, era vivido de forma paradoxal: "aberto" por natureza, era "fechado" por purismo, salvo nos escritos técnicos, de curso restrito. Ora, esse vocabulário, que no início do século XIX iria (como em todas as línguas de cultura) a 40 mil palavras, das quais umas 10 mil, se tanto, técnicas (até mesmo de técnicas caducantes, como marinhar, alveitar e quejandos), atingia, ao tempo de *Os Sertões*, virtualmente 300 a 320 mil palavras, sendo que entre 260 a 280 mil tipicamente caracterizadas como neologismos científicos e técnicos (por 1982, registrados, há um mínimo de 400 mil vocábulos em português, tal como nas principais línguas de cultura). Euclýdes, se rejeitasse, na deriva purista, os vocábulos desse tipo rigorosamente "refugados" dos textos literários, iria ser pouco atuante e convincente ante seus leitores privilegiados a que acima me referi, caso em que seu ensaio não passaria de impressionismo fictício, factício ou delirante. De outro lado,



para o tempo, iria ser liminarmente condenado, se sua sintaxe, sua morfologia, sua pontuação, sua ortografia não fossem canônicas. Aceitou, por conseguinte, duas posturas (que se revelaram profundamente fecundas reciprocamente): a aberta, em relação ao léxico, e a fechada, em relação à gramática. Na primeira, é — pelo menos em nível do público e notório — pioneiro no Brasil; na segunda, segue a tradição das classes cultas — tradição cuja ruptura viria não tanto da *Semana de Arte Moderna*, de 1922, senão que sobretudo do regionalismo nordestino (pós-José Américo e exclusive Graciliano Ramos).

3. As duas estratégias, diferentes mas complementares, eram, entretanto, condições sem as quais a elaboração de *Os Sertões* não seria levada a sério, ao tempo, em âmbito nacional, como o foi: é que o estilo e os estilos demandados por essa obra supunham algumas virtudes com as respectivas qualidades: a verdade denunciada, deplorabilíssima, devia revestir-se de seriedade, sem recurso à farsa, ao pícaro, à burla, ao ridículo, seriedade

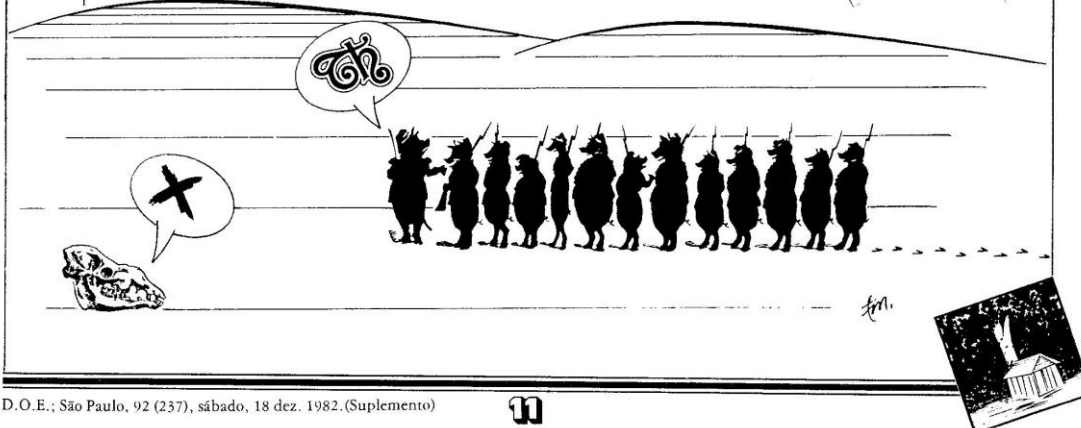
que se corporificava, na tensão canônica de uma sintaxe variada e rica, em períodos rítmicos largos argumentativos, extremados episodicamente por contrastantes (e, por isso, contundentes) períodos curtos de síntese ou de proposição; a denúncia, frontal, pedia, por sua vez, um aparato lógico que buscasse os caracteres de uma sequência de silogismos construídos com a condição de irrefutabilidade; a isso, há que juntar o tom épico, de uma cruenta guerra inexpiável, tom que, exigido pelos sucessos da terceira parte, "A luta", já era prenunciado pelo cenário adusto mas majestoso da primeira parte, "A terra", e fortalecido pela temática da segunda parte, "O homem". Qualquer ficção (propriamente dita) válida ao tempo, como a de Machado de Assis, devia ser construída com um vocabulário e uma gramática fechados, canônicos, mas sem sabores de requintes rítmicos ou periódicos, a fim de essa ficção poder ser, a um tempo, verossímil e cotidiana (no nível social escolhido), despojando-se de lantejoulas formais, para melhor luzir a ne-

cessidade imperativa da trama e a validade vindicativa dos meandros psíquicos das personagens. Noutros termos, duas concepções da matéria literária, duas práticas, duas intenções, duas finalidades, sempre polares ou pelo menos muito distanciadas entre si, para (teoricamente) os mesmos leitores, isto é, os letrados do país (embora, subjacente, Machado [para continuarmos nele] visasse ostensiva mas ironicamente às suas leitoras e Euclydes, quase exclusivamente, aos seus leitores, já que, ao tempo, o percentual de leitoras capazes de aceder à obra de Euclydes fosse, com presumível procedência, muito baixo).

3.1 Nesse sentido, a prática linguagem literária de Euclydes rasgou os horizontes do possível literário no Brasil: mostrou que se abria um leitorado no país cada vez mais capaz de debruçar-se sobre um vocabulário pertinente (ainda que inusitado, numa ensaística interpretativa que até então se confinara a questões em que as ciências naturais pouco apareciam e as sociais e humanas eram di-

luídas em vulgarizações não-terminológicas). De outro lado, a gramática de Euclydes, canônica, em *Os Sertões* e todas as outras suas obras, era uma condição para que se erguesse sua ensaística universalista — isto é, destinada a poder ser lida por todo leitor que tivesse tido uma formação cultural de bom nível, formação em que o conhecimento, pelo menos passivo, da língua fosse de presumir. Noto que com isso dou — no léxico como na gramática — as características que ainda hoje se esperam de ensaios, com um traço novo a que Euclydes por vezes já tendia, a saber, o abandono de certas cerebrições gramaticais do tipo camisa-de-força.

3.2 *Os Sertões* correm o risco de se tornarem obra "difícil", na medida em que nossa cultura linguageira está sendo degradada. Quem quer que, porém, tem a ventura de assenhorear-se com maior riqueza e flexibilidade desta nossa tristemente tão mal tratada língua, ao depa- rar as obras de Euclydes dificilmente deixa de ser aliciado por sua grandeza e sua beleza — sem falar de sua perdurante atualidade.





Euclides Aborrecido? Não Concordo.

Jorge Luis Borges está cego. Ou quase cego, o que vem a dar no mesmo, pelo menos em termos de literatura, pois já não escreve, nem lê mais. Quase se arrasta ao andar, e seu corpo é um intrincado quadro clínico-patológico. Mas, recusa-se a ficar senil, apesar da idade e das mãos línguas. Ele espera um prêmio Nobel, e depois — quem sabe — a morte. Antes disso, continua firme em sua convicção — talvez a única firmeza que ainda mantém — em não dar entrevistas, e responder a qualquer pergunta com uma boa dose de duplo sentido.

Aqui estão as poucas perguntas que se dignou a responder no saguão do hotel Plaza de New York:

O escritor argentino concedeu esta entrevista ao jornalista Osmar Freitas Jr.

PERGUNTA: Como foi que o senhor travou conhecimento com a obra de Euclydes da Cunha, um autor praticamente desconhecido em outros países que não o Brasil?

RESPOSTA: Bem, primeiramente devo lembrar que sou argentino, ainda que alguns teimem em me creditar a cidadania britânica. E como argentino, ou melhor, como escritor argentino, tinha até obrigação de conhecer "Os Sertões". Além disso, sempre estive atento às obras em língua portuguesa; de Fernando Pessoa a Euclides da Cunha, passando por Carlos Drummond de Andrade, sempre fui um admirador entusiasmado da literatura portuguesa e brasileira.

PERGUNTA: Como o senhor classificaria a obra de Euclides da Cunha?

RESPOSTA: Eu não classifico nada, porque não gosto do termo, e também porque não me aventuro mais pelos caminhos da crítica literária. Conforme já disse em diversas oportunidades, sou um admirador, e em

outras épocas, um estudioso da obra de Da Cunha.

PERGUNTA: Recentemente o peruano Mario Vargas Llosa lançou no Brasil o livro "Guerra do Fim do Mundo", o senhor o leu? E se leu, poderia fazer uma comparação entre "Os Sertões" e esse livro?

RESPOSTA: Não li porque já estou quase cego, e não mantenho o mesmo ânimo para a leitura, conforme é fácil perceber-se o porquê. Mas mesmo que o tivesse feito, não acredito que haja algum termo de comparação entre os dois autores e as duas obras.

PERGUNTA: Muitos brasileiros consideram aborrecida a leitura de "Os Sertões", ou, em melhores termos: de difícil leitura. O que o senhor acha de tais afirmações?

RESPOSTA: Os brasileiros consideram muitas coisas aborrecidas. Algumas vezes não concordo com eles. Muito boa noite, senhor, seu tempo se esgotou: meu carro acaba de chegar.





José
Guilherme
Merquior

José
Guilherme
Merquior
é professor
de literatura,
crítico
literário e
escritor, autor de
entre outros,
As Ideias
e as Formas

Aexploração capitalista é assombrosamente clara, colocando o trabalhador num nível inferior ao da máquina. De fato, esta, na permanente passividade da matéria, é conservada pelo dono; impõe-lhe constantes resguardos no trazê-la íntegra e brunida, corrigindo-lhe os desarranjos; e quando morre — digamos assim — fulminada pela pletera de força de uma explosão, ou debilitada pelas vibrações que lhe granulam a musculatura de ferro, origina a mágoa real de um desfalque, a tristeza de um decrescimento da fortuna, o luto inconsolável de um dano. Ao passo que o operário, adstrito a salários escassos demais à sua subsistência, é a máquina que se conserva por si, e mal: as suas dores

recalca-as, forçadamente estóico; as suas moléstias que por uma cruel ironia crescem com o desenvolvimento industrial — o fosforismo, o saturnismo, o hidrargirismo, o oxicarborismo — cura-as como pode, quando pode; e quando morre, afinal, às vezes subitamente triturado nas engrenagens da sua sinistra sócia mais bem aquinhoad, ou lentamente — esverdeado pelos sais de cobre e zinco, paralisado e delirante pelo chumbo, inchado pelos compostos do mercúrio, asfixiado pelo óxido carbônico, ulcerado pelos cáusticos dos pós arsenicais, devastado pela terrível embriaguez petrolíca ou fulminado por um **coup de plomb** — quando se extingue, ninguém lhe dá pela falta na grande massa anônima e taciturna, que enxurra todas as manhãs à porta das oficinas."

Euclides e a Estetização do Pensamento

Anotações sobre uma suposta adesão de Euclides da Cunha a idéias socialistas

O parágrafo acima pertence ao artigo "Um velho problema", que Euclides da Cunha publicou no Estado de São Paulo em 1904, no dia do trabalho, e coligiu, três anos depois, no livro *Contrastes e Confrontos*. Esse breve ensaio costuma ser considerado o ápice do socialismo euclideano — sua página de teoria política de maior consistência doutrinária, segundo o decano dos historiadores dos socialismos no Brasil, Evaristo de Moraes Filho (v. sua introdução à antologia *O Socialismo Brasileiro*, Câmara dos Deputados/Universidade de Brasília, s/d).

Marxista, Euclides?... Outro fino esmiuçador de nossa tradição ideológica de esquerda, Vamireh Chacon, acha que o autor d' *Os Sertões* "sentindo o problema camponês (...), inclinouse para Marx, embora sem se tornar marxista, ou mesmo socialista" (*História das Ideias Socialistas no Brasil*, 2.^a ed., Univ. Fed. do Ceará/Civilização Brasileira, 1981, p. 177). É de fato o único juízo que o conjunto dos escritos euclideanos tende a autorizar. Democrata, simpático ao socialismo e, em particular, a Marx, em plena hegemonia anarquista entre a esquerda brasileira, intelec-

tual e operária, o engenheiro positivista Euclides da Cunha não parece ter-se nunca "aprofundado no pensamento socialista, muito menos na obra de Marx" (Evaristo de Moraes, op. cit., p. 44).

Senão, vejamos. Voltemos a "Um velho problema". O que mais impressiona nesse texto não é, absolutamente, uma compreensão desenvolvida do pensamento de Marx. Não é que Euclides erre, ao resumir a tese da mais-valia, ou ao indicar o contraste entre Marx e o "socialismo utópico" que o precederam. Mas uma coisa logo chama a atenção: Euclides passa inteiramente ao largo da tremenda moldura filosófica do marxismo. Para ele, o socialismo marxiano é todo feito de "fatos e induções" — como se a componente, ao contrário, dedutiva e profética da doutrina do *Capital*, a marca indelével de sua matriz, o historicismo hegeliano, não colorisse poderosamente todo o edifício teórico de Marx. Schumpeter (seguindo Bohm-Bawerk) considerava a teoria da mais-valia um postulado metafísico de escolástica econômica — e hoje, os economistas da new left inglesa (na chamada "segunda escola de Cambridge") não têm dúvida em

concordar, já que é perfeitamente possível teorizar a exploração do trabalho sem recorrer ao abstruso cálculo da mais-valia e seu reflexo final no sistema de preços (o famoso "problema da transformação").

E agora, o nosso belo parágrafo. Não é evidente que o gume da prosa euclideana, nessa passagem ultracaracterística, está nos efeitos plásticos, estéticos, e não na argumentação? Essas frases são típicas do impressionismo elétrico do Euclides; um impressionismo nervoso que (à diferença, por exemplo, do de Raul Pompéia — outro radical da primeira geração republicana) funciona quase sempre em sentido escultural e monumentalizante, numa escrita "ciclópica".

Estilo "culto", semostoradamente sapiente, entregue, como o de Coelho Neto ou o de Augusto dos Anjos, à volúpia do léxico raro ou da familiaridade com a expressão estrangeira; fascinado pelo adjetivo preciso; e, sobretudo, recheado de tensões, de contrastes em — precisamente — confronto, como esse da máquina, personificada numa vigorosa prosopopéia, ou como, já no plano puramente fônico e sintático, essa deliberada exacerbação

das antíteses no ritmo do período, afastando ao máximo da prótase, ou oração pendente ("e quando morre...") a sua solução lógico-respiratória, na apódose ("ninguém lhe dá pela falta...") tão tardia e, ainda assim, por sua vez sintaticamente complexa.

A contribuição de Euclides reside nisso: na obra do estilista, capaz de *estetizar* tanto os quadros do pensamento quanto as cenas da natureza ou da história. Porém, reparem: nesse positivista peerto na "escrita artística", estetizar o pensamento não significa desviá-lo da lógica, num perverso mergulho irracionalista. Por isso, a sua frequente estetização de perspectivas teóricas nada tinha a ver com o fenômeno que denominarei (em *As Ideias e as Formas*) "estetismo dos conceitos" e que está no cerne do moderno irracionalismo ocidental. Euclides pode ter sido, conforme quer Walnice Galvão, uma "consciência dividida" — mas decididamente, não foi nenhum misólogo, nenhum adversário do progresso e da razão. Do decadentismo, ele incorporou, quando muito, certa sensibilidade — jamais uma visão do mundo passadista ou mórbida.





Afinal, o que é “Os Sertões”

O

grande livro de Euclides, monumento da cultura ibero-americana e não só soberbo documento da civilização brasileira, continua sendo *opus* sem carteira de identidade. A natureza do seu ser, enquanto obra literária, permanece há oitenta anos indecifráda. É impressionante verificar como sua realidade ontológica persiste incapturável pela crítica literária. Desde José Veríssimo, historiadores, críticos e ensaístas não conseguiram penetrar sua essência íntima e, conseqüentemente, defini-lo. Apesar da imensa bibliografia suscitada pelo livro monumental, ainda é questão aberta saber-se a que gênero pertence, em que categoria literária ele se insere. E não se diga que esta é uma questão despicenda, um problema aleatório, em torno do qual se possa dar a volta por cima, ou porque o consideremos irrelevante, ou porque estampilhemos os gêneros como meros esquemas professorais, repertórios de regras didáticas ou simples convenções.

Todo um capítulo de epistemologia literária — os gêneros são a teoria do conhecimento da literatura — não pode ser lançado ao mar como carga teórica inútil simplesmente porque, à hora em que interrogamos as estruturas ónticas de um livro, em que indagamos a índole de sua substantividade artística, perquerimos o que ele é e em que se constitui, esse livro possa parecer rebelde aos cânones que enformam a teoria literária, nas leis da preceptiva, sob cuja regência as obras se organizam. Mesmo autores como Croce, que negaram o caráter substantivo dos gêneros, proclamando a sua *non substantialità*, não negam a sua operacionalidade, seja: a sua *instrumentalITÀ*. Esta é hoje a posição do italiano Mario Fubini e do espanhol Claudio Guillén. Muíto mais certo do que Croce andou Ortega quando disse que os gêneros são categorias estéticas. Eles estão para a literatura como os conceitos estão

Franklin de Oliveira

para a filosofia. O conceito compreende a natureza ou a essência do objeto — representa, portanto, a apreensão do objeto pelo pensamento. Ao mesmo tempo ele se refere à realização efetiva de sua natureza ou essência, isto é: é a sua existência concreta. Assim os gêneros: eles definem as formas — os modos de ser da obra literária.

Precisamente porque apontam para os predicados e os atributos de uma obra literária, os gêneros equivalem a métodos — a caminhos que conduzem à descoberta da ontologia do *opus* literário, desvelam as suas categorias ónticas, permitem a identificação do seu *primo ens*, permitem a determinação daquilo em que ele consiste, a saber: o seu ser-em-si. E porque possibilitam esta individuação, possibilitam nomear o *opus* literário, chamá-lo pelo nome correspondente à sua essência fundamental e designá-lo de acordo com sua estrutura compositiva, sua constelação formativa. Os gêneros articulam o modo ou os modos pelos quais a coisa literária se constitui, permitindo a apreensão da forma de que ela se reveste ao assumir o estatuto de obra de arte. Além de vitais para o autor, consciente da obra que empreende, eles são igualmente vitais para o crítico, uma vez que se apresentam como condição de seu ato de pensar — sem eles, o interrogante do objeto literário não pode sequer iniciar o diálogo com o ente artístico com o qual se defronta.

Nenhuma obra, por mais complexa que seja a sua estrutura ontológica, deixa de pertencer a determinado gênero. Se o deixasse, ela perderia o estatuto de universo artístico, de cosmo estético, resvalando para o caos, visto, — repita-se — ser o gênero um princípio de ordem, constituir aquilo que a crítica alemã chama de legalidade da ordem artística. Os gêneros são a magna carta da literatura: estabelecem suas leis, fixam suas normas básicas, determinam sua configura-

ção estética. Quando se diz que uma obra rejeita o imperativo categórico dos gêneros, na realidade o crítico está escamoteando a questão. Não é a obra que é rebelde às categorizações. O crítico — este, sim — é quem não a alcança na sua complexidade; não penetra a sua substantividade, mostra-se incapaz de desnudar a sua essencialidade estética.

Ao perguntar: o que é *Os Sertões*?, o propósito da crítica é buscar o ser desse ente literário que há quase um século nos perturba com a sua singularidade composicional. Desde José Veríssimo, passando por João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Aires da Mata Machado, Naief Safady, Tristão de Athaide, Olímpio de Sousa Andrade, Afrânio Coutinho e José Guilherme Merquior que se define *Os Sertões* como obra de ficção. Mais avisada andou Lúcia Miguel Pereira, que, tendo escrito uma história da ficção brasileira entre 1870-1920, não incluiu Euclides no elenco dos autores que estudou. Uma coisa é certa: não podemos, nem devemos tratar *Os Sertões* de forma metafórica, hipotecando-o à falácia das analogias. No entanto, é isso que tem acontecido.

Afrânio Coutinho, em *Os Sertões, Obra de ficção*, depois de considerar o livro de Euclides “inclassificável dentro do esquema simplista dos gêneros”, afirma que o que “avulta na obra, como arquitetura e construção, é o caráter de narrativa, de ficção, de imaginação”. E conclui: “*Os Sertões* são uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa da família de *A Guerra e a Paz*, da *Canção de Roland* e cujo antepassado mais ilustre é a *Ilíada*.” E, após recordar a propósito do livro de Euclides a *Divina Comédia* e o *Quixote*, Afrânio escreve que o livro de Euclides é “um romance-poema-epopéia”. E, em seguida, renova a comparação com *Guerra e Paz*.

Por sua vez, José Gui-

Franklin de Oliveira
é escritor, crítico
literário e jornalista,
autor de “Literatura e
Civilização”, “A Fantasia
Exata”, “Viola D’Amore”
e outras obras.

lherme Merquior não só considera *Os Sertões* "obra de ficção embutida no ensaio", como o denomina belamente de "saga serraneja".

Examinemos, tente ao rigor conceitual, tais classificações. Começemos perguntando:

- 1.º) — que é ficção?
- 2.º) — que é imaginação?
- 3.º) — que é narrativa heróica?
- 4.º) — que é epopéia?
- 5.º) — que é romance?
- 6.º) — que é saga?

No propósito de evitar infundáveis digressões, limitemo-nos a respostas tanto quanto possível concisas, embora conscientes do caráter demasiadamente apodítico e mesmo da carga tautológica de que se possam revestir.

Ficção é o inventado, o fictício. É termo que, em literatura, usualmente aplica-se à novela, ao romance, ao conto. É porque a *ficção* é uma *invenção*, seu ingrediente é a *fantasia*, a *imaginação*. Mas, o que é *fantasia*, ou o seu equivalente, a *imaginação*?

Fantasia, do verbo grego *phainein*, brilhar, aparecer, aparição, ação de mostrar-se, espetáculo, representação. É *imaginação*? Do latim — *imaginatio* —, visão, representação. Desde os primórdios da civilização ocidental-européia os dois termos se equivaliam. Os gregos só conheciam a palavra *Phantasia* e, com ela, designavam as atividades da mente por meio da qual se produzem imagens, representações. O seu equivalente latino, idem, idem. E como na Antiguidade Romana, no Medievo, os dois vocábulos continuaram apontando para a mesma coisa. Só a partir dos fins do século XVIII essa equivalência semântica começou a receber cargas diferenciais. Com a filosofia clássica alemã o processo de diferenciação acentuou-se, sobretudo no campo semântico do primeiro termo, com sua bifurcação entre *fantasia criadora* e *imaginação produtora*. Mas, feitas as contas — e este não é o lugar para seguir toda a história dos dois vocábulos — os conceitos de fantasia e de imaginação continuaram sendo o que eram desde os gregos e os romanos: enquanto a imitação (*mimesis*) molda, transcreve aquilo que se viu, a fantasia e a imaginação vão além do não visto, mas que nem por isto deixa de ser um item do real. Por outras palavras: a *phantasia*, a *imaginatio* completam a *mimesis*.

Há, em *Os Sertões*, um trecho de capital importância para o problema da classificação literária que ele propõe. Ele está localizado no passo em que Euclides fala das lendas das cidades encantadas. Tais lendas, diz Euclides, dão à fantasia dos matutos o complemento das indagações dos homens estudiosos. No mesmo trecho as palavras *fantasia* e *imaginação* são empregadas como sinôni-

mos. Mas sua importância maior não está nessa indistinação. Sua importância está no fato de Euclides atribuir ao ficcional, ao fictício, ao inventado, ao imaginário, ao fantasista, ao lendário, o poder de complementação do pensamento reflexivo, o qual se forma a partir do real, do que é adeso ao real. Logo, não se trata do inventado. *Os Sertões* não é assim, obra de ficção.

E o romance? Que é o romance?

É obra de literatura imaginativa que gira fundamentalmente em torno de um problema capital: o das relações humanas, cujo paradigma são as relações sexuais, as relações entre os sexos. O seu eixo é o sexo e os sentimentos que ele inspira, as situações que ele determina. O homem é o único ser vivo que concebe o amor como busca de beleza — e esse é o problema do qual, sob disfarce fabular, trata o romance. Ora, o amor inexistente em *Os Sertões*. E não se diga que, elidindo o problema das relações entre homem e mulher, o livro de Euclides antecipou um tipo de romance inexistente há 80 anos: o *roman-essay*. Esse tipo de criação ficcional, se incorpora ao seu tecido o jogo dialético das idéias, não exclui o eixo erótico. Vejamos os grandes exemplares do *roman-essay*: em *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, a temática amorosa surge com Cláudia e Castrop; no *Doktor Faustus*, do mesmo autor, encontramos-a vivida por Leverkuehn e Von Tona; no *Homem sem qualidades*, de Musil, Ulrich e Ágata testemunham que até o romance por assim dizer matematizado não elimina o friso erótico. Num outro romance, tão

complexamente intelectualizado, como o *Ulisses*, de Joyce — pense-se em Leopoldo Bloom e em Molly —, a temática das relações sexuais está presente. Em *Os Sertões* não há essa dimensão essencial à configuração da obra romanesca. Por outro lado, não é pelo fato de ser relato de um confronto bélico que uma obra se caracteriza como epopéia. No épico, predomina a objetividade. O narrador épico move-se *in medias res*. Ora, em *Os Sertões* há uma busca de objetividade, mas objetividade filtrada através da visão cientificista do autor: uma objetividade deformada pelos preconceitos cientificistas, inclusive. Para ser *carmem heroicum* falta-lhe ainda outra dimensão da epopéia: a ação individualizadora do sujeito, tal como ela surge na *Ilíada*. Em Homero, o portador da cólera é Aquiles; no livro de Euclides, a cólera é coletiva, desindividualizada. Inadequada é, também, a comparação com *Guerra e Paz*: a sua maestria verdadeira, como já foi salientado por Percy Lubbock, é a marcha processional das gerações, o ciclo do nascimento e da morte. O seu eixo fabular não são as batalhas mas os dramas que ocorrem entre os Rostov, os Bolkonsky, os Besulkov, etc. A impressão conceitual que transparece nas definições acima referidas, todas hipotecadas ao analógico, é a mesma que surge na classificação de *Os Sertões* como saga.

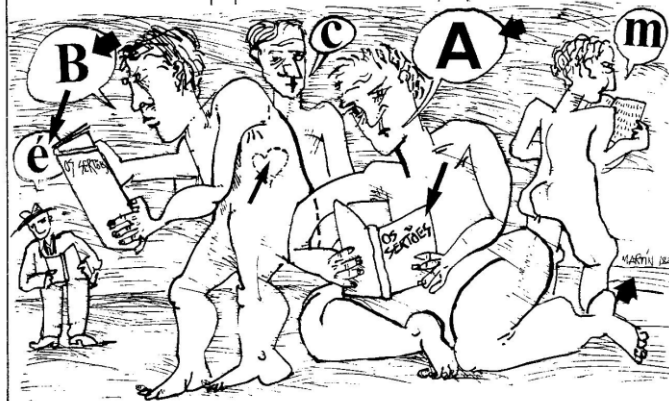
Saga é uma modalidade de relato em prosa que aparece na literatura nórdica antiga, principalmente na islandesa, entre os séculos XIII e XI. Mas a prosa de que a saga se utiliza para existir é duramente realista, despojada de retórica, de toda e qualquer eloquência ou grancloquência. Precisamente o oposto do que ocorre em *Os Sertões*, onde há uma explosão de pletora verbal.

O impulso metódico que penhorou todas as definições de *Os Sertões* à analogia e suas falácias não representa leviandade intelectual. Bem pelo contrário, constitui belo esforço crítico para alcançar o cerne de uma obra fundamental da literatura brasileira, na qual a riqueza estilística ofusca a visão crítica.

Como toda obra de arte autêntica, *Os Sertões* é uma *gestalt* — uma estrutura organizada. A investigação estilística, a análise de seus aspectos formais não elucidará o problema que ele representa. Eu mesmo já resvala no equívoco de defini-lo, na esteira de Harzfeld, como "obra de arte da linguagem". Ora, obra de arte da linguagem é toda obra literária genuína. Ou bem ela é isso, ou não merecerá o estatuto de obra de arte literária, pois toda obra literária só se consuma como obra de arte através da linguagem. De forma que defini-la como já a defini, é chover no molhado: uma definição que não diz nada.

Mas, em que ficamos? Que é afinal *Os Sertões*? Dizê-lo obra híbrida, livro *sui generis*, é escamotear a sua natureza, fraudar a sua ontologia literária.

O fato de *Os Sertões* incorporar ao seu território estético várias províncias do sa-





ber humano, de realizar uma prosa em que visualidade e musicalidade se acoplam, de aglutinar diferentes valores artísticos, não autoriza a sua classificação, como já vimos, nas diversas categorias propostas para servir à sua definição. No Brasil, quando determinado tipo de produção simbólica não se deixa facilmente entregar à exegese crítica, a tendência geral é classificá-la, no mínimo, como romance. Este, e não outro, é o caso paradigmático do *Jornal de Timon*, de João Francisco Lisboa. Alvaro Lins não hesitou em pesquisar-lhe a etiqueta de romance. Luiz Costa Lima fez o mesmo. Como não podia deixar de ser, o primeiro a definir o *Jornal de Timon* foi precisamente José Veríssimo. Mas, em que se justifica esse procedimento crítico? Ele se baseia no fato de João Francisco Lisboa ter plasmado certos personagens do seu *Jornal* como o faz um romancista. O tipo do bacharel Afrânio surge ali como um pré-modelo do Conselheiro Acácio, de Eça de Queiroz. É exato que tanto Lisboa quanto Euclydes pretendiam escrever romances — o primeiro, sobre a escravidão, e o segundo, sobre o Rio de Janeiro seicentista. Mas ambos os projetos malograram. Esse malogro aponta apenas para uma verdade: a de que tanto em Lisboa quanto em Euclydes havia uma remota vocação para romancistas — vocação não realizada. E só.

O crítico húngaro Janos Hankiss sustenta que o processo de formação dos gêneros literários não está concluído. Possivelmente, não terminará jamais. A tese de Hankiss concorda com a de Jacobson, que relaciona a especificidade dos gêneros literários (função poética) com outras funções da linguagem, a saber: a referencial, a afetiva, a apelativa. Esta aglutinação de linguagens ocorre em *Os Sertões*, onde é possível discernir com precisão as ca-

mas lingüísticas que o compõem, desde a referencial, caracterizada pelo discurso científico, às emotivas e apelativas, típicas da criação eminentemente poética.

Os Sertões, considerado do ângulo da análise contetudística, é um relato histórico, um livro de crítica político-social, e, como tal, organiza-se segundo as leis tectônicas do ensaio. É livro que se formou, na sua mescla de obra de arte e obra de ciência, sob o signo daquilo que Goethe chamou belamente de *fantasia exata*.

Ele é um monumental ensaio sobre a civilização brasileira e suas bases: a terra e o homem, o espaço físico e o espaço cultural.

O ensaio é, fundamentalmente, um exercício de idéias, uma experimentação de conceitos, uma verificação de teorias e doutrinas, sobretudo o ensaio de corte baconiano. Sendo uma totalização de saberes, nada o impede de se organizar artisticamente, de adotar uma estrutura estética, de ser concebido e montado como uma obra de arte. A força do ensaio é tão poderosa que, como já vimos, a partir da primeira metade do nosso século, com Thomas Mann, ele invadiu os domínios da ficção, dando origem ao "super-romance", de que nos fala Ernst Robert Curtius.

Se *Os Sertões* não fosse desprovido da dimensão crítica, ele teria sido o fundador do *roman-essay*. Mas — repetamos — como ele carece desse eixo — o das relações eróticas — de forma alguma é possível defini-lo como obra de arte romanesca. Ele permaneceu como ensaio, a despeito de incorporar à sua trama valores pertencentes a outras províncias do conhecimento humano.

Por outro lado, não se deve esquecer que nem sempre a marca do grande romancista está no estilo. So-

mente a partir de Flaubert e James o romance passou a ser pensado como se pensa um poema. Quer isto dizer que não é a qualidade estilística de *Os Sertões* que pode justificar sua pretendida classificação como romance. Também aqui deve-se salientar que *Os Sertões* é uma assembleia de estilos, um comício de formas e procedimentos literários. Nele estão presentes desde estilemas barrocos aos impressionistas e expressionistas. Há a frase exasperada, luxuosa, tortuosa, fundada no emprego do oxímoro, do paradoxo, das aliterações, assonâncias e onomatopéias, por vezes o predomínio do som sobre o sentido. Há o escultural presidindo a elaboração fraseológica, privilegiando a dicção em relevo, como se ela fosse um sistema ortográfico. Euclydes realiza um tipo de prosa só cultivado no Brasil antes dele por Raul Pompéia: a prosa polifônica. Sua frase é orquestral, com predomínio das vozes metálicas.

Por que este gosto pela *polyphonic-prose*?

Talvez aqui esteja um problema mais de natureza psicológica do que artística. Euclydes era homem de formação científica. A marca da prosa dos cientistas — e o grande modelo é Galileu — é a clareza geométrica. Tal prosa tem um protocolo: o da linha reta. Contra esta norma, Euclydes se insurgiu. Ele dá a idéia de um rio — o seu fluxo verbal — que, de repente, salta fora de seu leito — transborda, espalha-se. O turbilhão da linguagem surge, então, como uma espécie de vindita contra a ordem e a disciplina da dicção científica. Euclydes contrapunha a opulência verbal à economia do pensar científico.

Com o advento, a partir da Dilthey, das Ciências do Espírito, último rebento da tradição hegel-goethiana, surgiu uma província nova do saber humano: a crítica das civilizações. O livro de

Buckhardt sobre a Renascença italiana e o de Huizinga sobre o outono da Idade Média na Borgonha, como o de Paul Hazard sobre a crise da consciência europeia no século XVIII e o de Jaeger sobre a *paideia* grega, são cortes transversais em determinadas épocas históricas. Como tal, eles ostentam a configuração artística de obras de arte do pensamento crítico. É ainda o caso da obra de Frederik Antal sobre Florença nos séculos XIV e XV, e o de Friedrich Heer sobre a história espiritual da Europa, todos portadores dos egrégios emblemas da obra de arte literária.

No Brasil pós-euclydeano podemos lembrar dois exemplos de ensaios civilizacionais que alcançam a dignidade de obras de arte literária. São eles: *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Os Domos do Poder*, de Raymundo Faoro. Não importam as diferenças que, como configurações estilísticas, individualizam cada qual desses livros. O de Gilberto Freyre, por exemplo, funda-se num estilo rapsódico, solto, mais falado do que escrito. O de Raymundo Faoro adota uma estrutura severa, uma arquitetura interna cerrada, em que o trabalho da elaboração estilística e o da composição arquitetônica acasalam-se, sob a regência do rigor lógico. Não obstante as diferenças formais, são ambos ensaios de crítica histórica — cortes transversais na civilização brasileira.

É nessa categoria que se insere *Os Sertões*. É a configuração artística que, dentro dessa categoria, ele assume, que, além de defini-lo, o resgata dos terríveis equívocos que o enformam, e que correm por conta do cientificismo da época em que foi escrito. Se não fosse esta dimensão artística, ele não teria perdurado como documento e, sobretudo, como monumento cultural.



OS SERTÕES



*Capítulo que encerra
"Os Sertões",
aqui reproduzido tal
como foi
publicado na 3.^a
edição da
obra de Euclides, então
revisada pelo
próprio autor.
Laemmert,
Rio de Janeiro, 1905.*

ULTIMOS DIAS



I

Sucedeu, então, um facto extraordinário de todo em todo imprevisto.

O inimigo desairado revivesceu com vigor incrível. Os combatentes, que o enfrentavam desde o começo, desconheciam-no. Haviam-no visto, até aquelle dia, astucioso, negaceando na maranha das ciladas, indomável na repulsa, às mais valentes cargas, sem par na fugacidade com que se subtraía aos mais inesperados ataques. Começaram a vel-o heroico.

A constrição de milhares de baionetas circulantes, estimulava-o, enrijara-o; e dera-lhe, de novo, a iniciativa nos combates. Estes principiaram desde 23, insistentes como nunca, sulcando todos os pontos, num ruído gyrrante, estonteador, batendo, trinchera por trinchera, toda a cercadura do sitio.

Era como uma vaga revolta, desencadeando-se num tumulto de voragem. Repellido pelas tranqueiras avançadas de leste, refluía numa esteira fulgurante de descargas na direcção do Cambaio; arrebatava nas encostas que alli descem, clivosa para o rio: recebia, em cima e em cheio, a replica das guarnições que as encimavam, e rolava, envesgando para o norte, acachando dentro do alveo do Vasa Bartis, até se despedaçar de encontro às palissadas que naquelle sentido o reprecavam; volvia vertiginosamente ao sul; viam-na ondular, celere e agitada, por dentro do povoado, atravessando-o, e logo depois marulhar, reconada de tiros, na base dos primeiros esportes da Favella; saltava de novo para o leste, torcida, embaralhada, estrepitosa — e batia a esquerda do 5.º da Bahia; era repellido: cahia adeante sobre a barreira do 26.º, era repellido; retrahia-se daquelle ponto para o centro da praça, influcindo, serpenteando, rapida, e quebriava-se, um minuto depois, sobre a linha negra; passava indistincta, mal vista ao claro fugaz das fuzilarias, e corria mais uma vez para o norte, chofrando os mesmos pontos, repulhada sempre e atacando sempre, num remoinhar irreprimível e rhythmico de cyclone... Parava. Subita quietude substituiu o torvelinho furioso. Absoluto silencio desca sobre os dous campos. Os sidentes deixavam a formatura do combate.

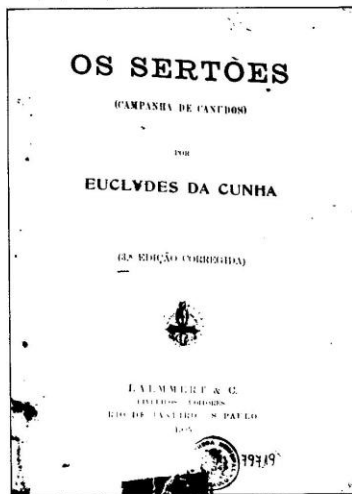
Mas repousavam alguns minutos breves.

Um estampido atroava na igreja nova, e viam-se-lhe sobre as cimbalhas fendidas, engrimponados nas pedras vacillantes, vultos errados, cruzando-se, mal firmes sobre escombros, correndo numa ronda douda. Tombavam-lhes logo em cima, revessadas de todos os trechos artilhados, lanternetas desabrolhando em balas. Não as suportavam. Desciam, em despenhos e resvalos de simios, daquelles muradaes. Perdiam-se nos pardieiros proximos ao santuario. E repontavam, inopinadamente, junto de um ponto qualquer da linha. Batiam-no, eram repellidos; atacavam as outras trincheiras annexas, eram repellidos; cahiam sobre as que se succediam, e proseguiam no gyro, arrebatados na rotação enorme dos assaltos.

Os que na vespera desdenhavam o adversario entaupado naquelles casebres, asombriavam-se. Como nos mais dias passados, mais intensamente ainda, jugulou-os o espanto.

Cessaram os desafios imprudentes. Foi determinado, de novo, que não soassem as cornetas. Só havia um toque possivel — o de alarma — e este o inimigo eloquentemente o dava.

Despovaram-se os certos. Ter-



minou o fanfarrar dos que por alli se estadeavam, desafiando tiros. Valentes de fama, premunidos de cuidados, fraldejavam-nos, às rebatinhas pelas passagens cobertas, curvando-se, e transpondo aos pinchos os pontos enfiados. Tornaram-se outra vez difficilissimas as comunicações. Os comboios desde que apontavam ao sul, na crista dos montes, pela estrada do Calumby, começavam a ser alvejados; desciam, nos precipites e alguns comboieiros viam cahir feridos no ultimo passo, á entrada do acampamento.

A situação tornou-se, de repente, inaturavel.

Não se comprehendia que os jagunços tivessem ainda, após tantos mezes de luta, tanta munição de guerra. E não a poupavam. Em certas occasiões, no mais agudo dos tiros, pairava sobre os abarracamentos um longo uivar de ventania forte.

Projectis de toda a especie, sibilos finos de Mannlicher e Mauser, zúndos cheios e sonoros de Comblain, rechinos duros de trabucos, rijos como os de canhões-revolvers, transvoando a todos os pontos: sobre o ambito das linhas; sobre as tendas proximas aos quartéis-generaes; sobre todos os mortos até ao collo abrigado da Favella, onde se estaviavam cargueiros e feridos; sobre todas as trilhas; sobre o alveo longo e tortuoso do rio e sobre as depressões mais abrigadas; resvalando com estrondo pela tolda de couro de alpendrada do hospital de sangue e despertando os enfermos retransidos de espanto; despedaçando vidros na pharmacia militar, annexa; varando, sem que se explicasse tal abatimento de trajectoria, as choupanas de folhagens, a um palmo das rédes, de onde pulavam, surpreendidos, combatentes exhaustos; percutindo, como pedradas rijas, as paredes espessas dos casebres da commissão de engenharia e quartel-general da 1.ª columna; zimbrando, em sibilos de vergastas, o panno das barracas; e fóra das barracas, dos casebres, dos toldos, estralando, ricochecendo, resaltando nos flancos das collinas, sobre as placas schistosas, quebando-as e esfarelando-as em estilhas, numa profusão incomparavel de metralla...

A luta attingia febrilmente o desenlace da batalha decisiva que a re-matariá. Mas aquelle paroxysmo estu-pendo acabardava os victoriosos.

Chegaram no dia 24 os primeiros prisioneiros.

Voltoando triumphante, a tropa,

que a principio colhera em caminho meia duzia de creanças, de quatro a oito annos, por alli dispersas e tolhidas de susto, ao esquadriñar melhor os casebres conquistados encontrara algumas mulheres e alguns luctadores, feridos.

Estes ultimos eram poucos e vi-nham em estado deploravel: tropeços, arrastados, exhaustos.

Um suspenso pelas axillas entre duas praças, meio desmaiado, tinha, diagonalmente, sobre o peito nu, de-senhada num recalque forte, a lamina do sabre que o abatera. Outro, o velho curiboca desfallecido que não vingara disparar a carabina sobre os soldados, parecia um descenerrado claudicante. Ferido, havia mezes, por estilhaços de granada, no ventre, alli tinha dous furos, de bordos vermelhos e cicatrizados, por onde extravasavam os intestinos. A voz morria-lhe na garganta, num regoço oppresso. Não foi interrogado. Jogado á sombra de uma barraca continuou na agonia, que o devorava, talvez havia tres mezes.

Algumas mulheres fizeram revelações: Villa Nova tinha seguido, na vespera, para a Varzea da Ema. Sentia-se já ha tempos, fome no ar-raial, sendo quasi todos os mantimentos destinados aos que combatiam; e revelação mais grave, o Conselheiro não apparecia desde muito.

Ainda mais, trancadas todas as sahidas, começara para todos, lá dentro, o supplicio crescente da sede.

Não iam além as informações. Os que as faziam, inteiramente succumbidos, mal respondiam ás perguntas. Um unico não reflectia na postura abatida as provações que victimavam os demais. Forte, de estatura meã e entroncada — specimen sem falhas desses hercules das feiras sertanejas, de ossatura de ferro articulada em junctas nodosas e apontando em apophyses rigidas — era, tudo o revelava, um luctador de primeira linha, talvez um dos guerrilheiros acrobatas que se dependuravam ageis nos dentilhões abalados da igreja nova. Primitivamente branco, requemirara-se-lhe inteiramente o rosto, mosqueado de sardas. Pendia-lhe á cintura, oscillante, batendo abaixo do joelho, a bainha vasia de uma faca de arrasto. Fóra preso em plena refrega. Conseguira derribar, num arremesso valente, tres ou quatro praças e logriára escapar se não cahisse, tonto, ferido de escosão por uma bala na orbita esquerda. Entrou, jugulado como uma fera, na tenda do commandante da 1.ª columna. Alli o largaram. O resfolego apressado arguia o cansaço da luta. Alevantou a cabeça e o olhar singular

que lhe sahia dos olhos — um cheio de brilhos, outro cheio de sangue — assustava. Tartamudou, desageitadamente, algumas phrases mal percebidas. Tirou o largo chapéo de couro e, ingenuamente, fez menção de sentar-se.

Era a suprema petulancia do bandido!

Brutalmente empurrado, rolo-u as encontros pela outra porta, es-corjado sob punhos possantes.

Fôra, passaram-lhe, sem que protestasse, uma corda de sedenho pela garganta. E, levado aos repellidos para o flanco direito do acampamento, o infeliz perdeu-se com os sinistros companheiros que o ladecavam no seio mysterioso da caatinga.

Chegados á primeira canhada encoberta, realisava-se uma scena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente á victima um viva á Republica, que era poucas vezes satisfeito. Era o prologo invariavel de uma scena cruel. Agarravam-na pelos cabellos, do-brando-lhe a cabeça e esgarralhando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degollavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lugubres. O processo era, então, mais expedito: varavam-na, prestes, a facão.

Um golpe unico, entrando pelo baixo ventre. Um destripamento rapido...

Tinhamos valentes que anceiavam por essas cobardias repugnantes, tacita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares. Mau grado tres seculos de atrazo os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear de tales barbaridades.

II

D

esvendemol-as rudemente.

Depenhamos. O facto era vulgar. Fizera-se por-menor insignificante.

Começara sob o esporcar da irritação dos primeiros revezes, terminava friamente feito praxe costumeira, minuscule, equiparada ás ultimas exigencias da guerra. Preso o jagunço valido e capaz de aguentar o peso da espingarda, não havia malharar: em um segundo em consulta inutil. Degollava-se; estripava-se. Um ou outro commandante se dava o trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundancia capaz de surpreender.

Dispensava-se o soldado atreito á tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlar o pescoço da victima numa tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiqueirodo; impellir-a por deante; atravessar entre as barracas, sem que ninguem se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao minimo signal de resistencia ou fuga um puxão para traz faria que o laço se antecipasse á faca e o estrangulamento á degolla. Avançar até á primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, alli chegados, esfaqueal-a. Nesse momento, conforme o humor dos cartassos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor do sertanejo era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas consequencias, porque acreditava que, por tal forma, não se salvatia a sua alma.

Exploravam esta superstição ingenua. Promettiam-lhes não raro a es-mola de um tiro, a custa de revelações. Ratos as faziam. Na maioria emudeciam, estoicos, inquebraveis — defrontando a perda eterna.

Exigiam-lhes vivas à República. Ou substituíam essa irrisão dolorosa pelo chasquear franco e insultuoso de allusões cruéis, num côro hilar e bruto de faces pungentes. E degollavam-nos ou cosiam-nos a pontacos. Prompto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas erigidas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lugubres, e os matadores volvíam para o acampamento. Nem lhes inquietavam pelos incidentes da empresa. O facto descahara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jaguãos, ao serem aprisionados, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquelle processo summarissimo e isto, em grande parte, contribuiu para a resistência douda que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Deante dos que lá estavam, porém, luctariam até à morte.

E quando, afinal julgados, eram levados à presença dos chefes militares, iam conformados ao destino deplorável. Revestiam-se de serenidade estranha e uniforme, inexplicável entre luctadores de tão variados matizes, e tão discordes caracteres, mestiços de toda a sorte, variando, disparando, na índole e na cor.

Alguns se apuravam, com alterneria incrível, no degrão inferior e ultimo da nossa rage. Notemos alguns exemplos.

Um negro, um dos raros negros puros que alli havia, preso em fins de Setembro, foi conduzido à presença do commandante da 1.ª columna. General João da Silva Barbosa. Chegou arfando, exausto da caminhada aos encontros e do reconto em que fôra colhido. Era espiado e secco. Delatava na organização desfebrida os rigores da fome e do combate. A magreza alongara-lhe o porte, ligeiramente dobrado. A grenchia, demasiadamente crescida, afogava-lhe a fronte estreita e fugitiva; e o rosto, onde o prognatismo se accentuava, desaparecia na lanugem espessa da barba, feita uma máscara amarratada e imunda. Chegou em cambaleios. O passo claudicante e infirme, a cabeça lançada, a cara exigua, um nariz chato sobre labios grossos; entreabertos pelos dentes obliquos e saltados, os olhos pequeninos, luzindo vivamente dentro das orbitas profundas, os longos braços desnudos, oscillando — davam-lhe a apparencia rebarbativa de um orango valdeutino.

Não transpoz a couceira da tenda.

Era um animal. Não valia a pena interrogá-lo.

O general de brigada João da Silva Barbosa, da rede em que convalescia de ferimento recente, fez um gesto. Um cabo de esquadrão, empregado na commissão de engenharia e famoso naquellas façanhas, advinhou-lhe o intento. Achegou-se com o barão. Diminuio na altura, entretanto, custou a enleal-o ao pescoço do condemnado. Este, porém, auxilio-o tranquillamente; desdeu o nó embaalhado; enfiou-o pelas proprias mãos, jugulando-se.

Perto, um tenente do estado maior de primeira classe e um quintanista de medicina, contemplavam aquella scena.

E viram transmutar-se o infeliz, apenas dados os primeiros passos para o supplicio. Daquelle arcabouço esmiado e repugnante, mal equilibrado sobre as longas pernas marchas, desportaram, repentinamente, linhas admiráveis — terrivelmente esculpturaes — de uma plastica estupenda.

Um primor de estatuaría modelado em lama.

Rectificara-se de subito a envergadura abatida do negro apurando-se, vertical e rigida, numa bella attitude singularmente altiva. A cabeça firmou-se sobre os hombros, que se retrahiram dilatando o peito, alçada num gesto desafiador de soberberia fidalga, e o olhar, num lampejo varonil, illuminou-lhe a fronte. Seguiu impassível e firme; mudo, a face im-

movel, a musculatura gasta duramente em relevo sobre os ossos, num desempenho impecavel, feito uma estatua, uma velha estatua de titan, soterrada havia quatro seculos e afflorando, denegrida e mutilada, naquella immensa ruína de Canudos. Era uma inversão de papéis. Uma antinomia vergonhosa...

E estas cousas não impressionavam...

Fizera-se uma concessão ao genero humano: não se trucidavam mulheres e creanças. Fazia-se mister, porém, que se não revelassem perigosas. Foi o caso de uma mamaluca quarentona, que appareceu certa vez, presa, na barraca do commando em chefe. O general estava doente. Interrogou-a no seu leito de campanha — rodeado de grande numero de officiaes. O inquerito resumiu-se ás perguntas do costume — acerca do numero de combatentes, estado em que se achavam, recursos que possuíam e outras, de ordinario respondidas por um "sei não!", decisivo ou um "E eu sei?", vacillante e ambiguo. A mulher, porém, desenvolta, enérgica e irritada, espraçou-se em considerações imprudentes. "Nada valiam tantas perguntas. Os que as faziam sabiam bem que estavam perdidos. Não eram sítiantes, eram presos. Não seriam capazes de voltar, como os das outras expedições; e em breve teriam desdita maior — ficariam, todos, cegos e tacteando até por aquellas collinas..." E tinha a gesticulação incorrecta, desabrida e livre.

Irritou. Era um virago perigoso. Não merecia o bem-querer dos triumphadores. Ao sahir da barraca, um alferes e algumas praças seguraram-na. Aquella mulher, aquelle demonio de anaguas, aquella bruxa agourentando a victoria proxima — foi degollada...

Poupavam-se as tímidas, em geral consideradas trambolhões incommodos no acampamento, atarracando-o, como brucacas imprestáveis.

Era o caso de uma velha que se aboletara com dous netos de cerca de dez annos junto á ventente em que acampava o piquete de cavallaria. Os pequenos, tolhiços, num definhamiento absoluto, não andavam mais; tinham volvido a engatinhar. Choravam desesperadamente, de fome. E a avó, desesperada, esmolando pelas tendas os restos das marmizas, e correndo logo a acalentá-los, aconchegando-lhes dos corpos os frangalhos das camisas; e deixando-os outra vez, agitante, infatigável no desvello, andando aqui, alli, á cata de uma blusa velha, de uma bolacha cahida do bolso dos soldados ou de um pouco d'agua; acurvada pelo soffrimento e pela idade, titubando de um para outro lado, indo e vindo, cambeteante e sacudida sempre por uma tosse renitente, de typica, — constringia os corações mais duros. Tinha o quer que fosse de um castigo; passava e repassava como a sombra impertinente de um remorso...

A degollação era, por isto, infinitamente mais pratica, dizia-se nuaamente. Aquillo não era uma campanha, era uma xarquezada. Não era a acção severa das leis, era a vingança. Dente por dente. Naquelles ares pairava, ainda, a poeira de Moreira Cesar, queimado; devia-se degollar. Adeante, o arcabouço decapitado de Tamarindo; devia-se degollar. A repressão tinha dous polos — o incendio e a faca.

Justificavam-se o coronel Carlos Telles poupava certa vez um sertanejo aprisionado. A ferocidade dos sicarios retrahira-se deslumbrada pela alma generosa de um heroe...

Mas este pagara o deslize imperdoavel de ser bom. O jaguão que salvara conseguira fugir e dera-lhe o tiro que o removera do theatro da lucta. Acreditava-se nestas cousas. Inventavam-nas. Eram anticipados recursos absolutórios. Exageravam-se, calculadamente, outras: os martyrios dos amigos trucidados, cahidos nas tocas traçoelras, ludibriados depois de cadaveres e postos como es-

pantalhos á orla dos caminhos... A selvageria impiedosa amparava-se desta maneira á piedade pelos companheiros mortos. Vestia o luto chinês da purpura e, lavada em lagrimas, lavava-se em sangue.

Ademais, não havia temer-se o juizo tremendo do futuro.

A Historia não iria até alli.

Affecioara-se a ver a physionomia temerosa dos povos na ruína magesiosa das cidades vastas, na impotencia soberana dos colyseus cyclopicos, nas gloriosas chacinhas das batalhas classicas e na selvaticidade epica das grandes invasões. Nada tinha que ver naquelle matadouro.

O sertão é o homizio. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar á beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéo, e passa.

E lá não chegaria, certo, a correcção dos poderes constituídos. O attentado era publico. Conhecia-o, em Monte-Santo, o principal representante do governo, e silenciara. Cohonestara-o com a indifferença culpada.

Desse modo a consciencia da impunidade, do mesmo passo fortalecida pelo anonymato da culpa e pela cumplicidade tacita dos unicos que podiam reprimil-a, amalgamou-se a todos os rancores accumulados, e arrojou, armada até os dentes, em cima de misera sociedade sertaneja, a multidão criminosa e paga para matar.

Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parenthesis; era um hiatus; era um vacuo. Não existia. Transposto aquelle coração de serras, ninguém mais peccava.

Realisava-se um recuo prodigioso no tempo; um resvalar estonteador por alguns seculos abaixo.

Desdida as vertentes, em que se entalava aquella furta enorme, podia representar-se lá dentro, obscuramente, um drama sanguinolento da Edad das cavernas. O scenario era suggestivo. Os actores, de um e de outro lado, negros, caboclos, brancos e amarellos, traziam, intacta, nas faces, a caracterisação indelevel e protica das raças — e só podiam unificar-se sobre a base commum dos instinctos inferiores e maus.

A animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilisação, resurgiu, inteirice. Desforrava-se afinal. Encontrou nas mãos ao envez do machado de diorito e do arpo de osso, a espada e a carabina. Mas a faca relembra-lhe melhor o antigo punhal de silex lascado.

Vibrou-a. Nada tinha a temer. Nem mesmo o juizo remoto do futuro.

Mas que entre os deslumbraamentos do futuro caia, implacavel, revoluta, desalinhada e incorrecta; sem altitude, porque a deprime o assumpto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflecte uma nodoa — esta pagina sem brilhos...

III

O combate de 24 precipitara o desfecho. A compressão que se realisara ao norte, correspondeu, do mesmo modo vigoroso, outra, a 25, propellida do sul. O cerco constringia-se num apertado de tenaz. Entraram naquella dia em acção, descedendo os pendores do alto do Mario onde acampavam, num collo abrigado á retaguarda da Sere de Setembro, os dous batalhões do Pará e o 37.º de

linha. E fizeram-no de motuproprio, alheios a qualquer deliberação do commando geral.

Tinham motivos graves para a acção.

A derrocada de Canudos figurava-se imminente.

Da altura em que se abarracavam, no angulo morto do bofé da vertente, examinavam-no a todo o instante; e viam atrochar-se em baixo a cintura do sitio; e ampliar-se, continuamente maior, a moldura luctuosa dos incendios; e o povoado cada vez mais reduzido á grande praça deserta sempre, larga clareira onde por igual temiam penetrar os luctadores dos dous campos. Adeante, perto, estimulando-os, atrovava o redente artilhado; em baixo, longe, crepitavam os tirotores incessantes... e alli quedavam, inuteis, desdenhados pelas mesmas balas perdidas, que lhes ziniam por cima, muito altas, inoffensivas.

De um momento para outro aquillo terminaria; e restar-lhes-ia a volta ingloria — espadas virginalmente novas, bandeiras intactas, sem o rendado precioso das batalhas. Porque o general em chefe não encobria o proposito de não precipitar os acontecimentos, num dispndio inutil de vidas, quando a rendição em poucos dias era inevitavel. Tal intenção, expressa sem rodeios, sobre ser mais pratica, era mais humana. Mas implicava o renome queirito por se fazer dos que não tinham ainda combatido.

Desairava-lhes a fama. Coagia-os ao constrangimento de receberem, gratias, as corás antecipadamente bordadas nos Estados nativos pelas mães, pelas esposas e pelas irmãs saudosas. E não puderam conter-se. Desceram nuidosamente as vertentes. Travaram um combate que foi uma surpresa, menos para os atacados que para o resto das linhas sítiantes. Desencadeara-se para os lados do Cambaio, secundada pela artilharia do coronel Olympio da Silveira e, a breve trecho, cresceu com extraordinaria intensidade.

Ao que se propalou depois, aquelles heroes impacientes, dirigidos pelos coronéis Sotero de Menezes e Firmino Rego, levavam o objectivo de tomar o arraial. Carregariam até ao rio. Transpol-o-iam fazendo-se sem parar, numa arrancada. Romperiam pela praça vazia. Enfiariam, a marche-marche, numa dispersão de cargas de baionetas, por aquelles becos fora. Varrer-os-iam. Pulariam os entulhos fumegantes, apsisando os matutos atonitos. E iam tombar — numa explosão de applausos — sobre a tranqueira do norte, entre as guarnições suprehendidas e pasmus...

Era um golpe de audacia estupendo. Mas não conheciam os sertanejos. Estes tomaram-lhes vigorosamente o passo. Jarretaram-nos. Annullaram-lhes, no fim de algum tempo, o intento. E vingaram-se sem o sabermos. Porque havia, de feito, algo de dolorosamente insolente e irritante no afogo, na inquietação, naancia desaperada, com que aquelles bravos militares — robustos, bem fardados, bem nutridos, bem armados, bem dispostos — procuravam morecgar a organização desfebrida de adversarios que desviavam havia tres mezes, famintos, baleados, queimados, desangrados gota a gota, e as forças perdidas, e os animos frouxos, e as esperanças mortas, succumbindo dia a dia num exortamento absoluto. Dariam a ultima punctura de baioneta no peito do agonisante; o tiro de misericordia no ouvido do fuzilado. E cobriam, certo, pouca fama, com a façanha.

Mas nem esta tiveram. Apertara-se mais o cerco, e certo, mas sem que o resultado attingido resaccise os sacrificios feitos: cerca de oitenta homens fora de combate e entre elles, ferido, o coronel Sotero, e morto o capitão Manoel Baptista Cordeiro, do regimento do Pará.

Em compensação, dizia-se, fôra enorme a perda do inimigo — cente-

nates de mortos, centenares de casas conquistadas. Com efeito, a parte do arraial em poder daquelles reduzia-se agora a menos do terço — á orla septentrional da praça e casebres adunados junto á igreja.

Onze batalhões (16.º, 22.º, 24.º, 27.º, 32.º, 33.º, 37.º, 38.º, de linha, o do Amazonas, a ala direita do de S. Paulo, e o 2.º do Pará) mais de dous mil e quinhentos homens, tinham-se apoderado, nos ultimos dias, de cerca de duas mil casas e comprimiam os sertanejos, atirando-os de encontro á vertente da "Fazenda Velha" ao sul, e a leste contra igual numero de baionetas dos 25.º, 7.º, 9.º, 35.º, 40.º, 30.º, 12.º, 26.º, de linha e 5.º de policia.

Erão cinco mil soldados, em numeros redondos, excluidos os que permaneciam de guarda ao acampamento e guarnecendo a estrada de Monte Santo.

A população combatida tinha, ao invés das linhas frouxas de um assedio largo, um circulo interior de 20 batalhões; e amoitava-se em menos de quinhentos casebres, ao fundo da igreja, na ultima volta do rio. Os incendios reduzião-lhe, além disto, hora por hora, o campo. E embora as casas, com o seu madeiramento escasso, pouco alimentassem as chammas, estas progrediam devagar, no abafamento das fumaradas pardacentas, lembrando a combustão imperfeita de centenares de fornos catalães — nos densos rolos de fumo afuginando o firmamento, espraiaão-se pelos telcos, tornando ainda mais tristonho o scenario desolado e monotono. A artilharia dos mortos pouco atirava, exigindo as pontarias grandes resguardados porque o minimo desvio ou variação das alças arrojaria as balas sobre os assaltantes.

Apesar disto, continuava intencionalmente vasia a praça. Ninguém se balança ainda a tomar as casas que a limitavam pelo norte, perpendicularmente á latada; e dentro destas e das que se seguiam compactas, junto á igreja, se acolheram os ultimos jagunços. Os mais afoitos guarneciam ainda os muros desmantelados do templo. Commandavam-nos chefes sem grande nomeada. Esses heros anonyms, porém, dispuzeram a sua gente para a morte, e voando a todos os pontos, alentavam resistencia incomprehenivel, tomando todas as medidas que delongassem indefinidamente o desfecho.

Assim os luctadores, a partir de 26, se revezavam das trincheiras, de onde respondiam aos ataques, para outros misteres por ventura mais pesados e serios.

Preparavam junto ao santuario o ultimo reducto — uma excavação rectangular e larga. Abriam o proprio tumulo. Batidos de todos os lados, iam recuando, palmo a palmo, todos, para aquella cova onde se sepultariam, indomáveis.

Excavavam, buscando a agua que lhes faltava, cacimbas profundas. As mulheres, e as creanças, e os velhos, e os enfermos, collaboravam nestes trabalhos brutos. Mal reprofundavam, porém, além de dous metros os estratos durissimos, de modo a atingirem as camadas sobre que repousavam tenues lençõs, filtrados pelos ultimos estagnados do rio. Alcançavam-nos, ás vezes, para vel-os, uma hora depois, extinctos, sugados na avides de esponja da atmosfera exsiccada. E começou logo a tortura dos a, avivada pelas commoções, pela canicula queimosa e pela depleção das veias. O combate fez-se-lhes, então, uma diversão lugubre, uma attenuante a maiores misérias. Atiravam desordenadamente, a esmo, sem o antigo rigido da pontaria, para toda a banda, num dispendio de munições capaz de exgottar o arsenal mais rico. Os que se encurralavam na igreja nova continuavam varejando os altos, enquanto os demais toliham de frente, a dous passos, os batalhões enranhados no casario. Ahi se realisavam episodios brutos. A abertura do campo e o estreito das bitesgas impropriando o movi-

mento ás secções mais diminutas, davam á lucta o traço unico da bravura feroz. Alguns officiaes, ao avançarem, desapertavam os talins e jogavam a um lado a espada. Batiam-se á faca.

Mas a empreza tornara-se, por fim, difficilissima. A constricção do sitio condensara nas casas os que as defendiam e estes, enchendo-as, oppunham resistencia crescente. Quando cediam num ou noutro ponto, os vencedores tinham, ainda, inopinadas surpresas. A traça dos sertanejos colhia-os mesmos naquella transe doloroso.

Foi o que succedeu ao ser conquistado um casebre, depois de tenazmente defendido. Os soldados invadiram-no atumultuadamente. E depararam um monte de cadaveres; seis ou oito, cahidos uns sobre os outros, abarrecendo a entrada. Não se impressionaram com o quadro. Enveredaram pelos commodos escuros. Mas receberam, em cheio, pelas costas, partindo dentre aquella pilha de trapos sanguinolentos, um tiro. Voltando-se, pasmos, detonou-lhes outro, á queima-roupa, de frente. Sopitando o espanto, comprimidos na saleta estreita, viram então saltar e fugir o luctador phantastico, que adoptara o estratagemata profanador, batendo-se por traz de uma trincheira de mortos...

O lento avançar do assedio estacou, então, novamente. Imobilisava-o pela ultima vez o vencido. Ademais a situação não requeria maiores esforços. A victoria viria por si mesma. Bastava que se conservassem as posições. Fechadas todas as sahidas e francamente batidas as cacimbas marginaes do rio, o perdimento do arraial era inevitavel, em dous dias no maximo — mesmo admitida a presumpção de poderem, os assediados, por tanto tempo e naquelles dias ardentes, supportar a sede que os flagellava.

Mas a resistencia duraria uma semana ainda. Porque aquelle circulo massivo de batalhões começou de ser partido, intermitentemente, pelos sertanejos, á noite.

Na de 26 houvera quatro ataques violentos; na de 27, deztois; nas dous dias subsequentes, um unico, por que não intermitiram, prolongando-se, continuos, das seis da tarde ás cinco de amanhecer.

Não viviam rasgar um caminho á fuga. Travados todos ao sul attendiam á conquista momentanea das cacimbas, ou ganglios rebalsados do Vasa-Barris. Enquanto o grosso dos companheiros se batia atrahindo para o amago do arraial a maior parte dos sitiados, alguns valiam sem armas, carregando as botachas vastas, aventuravam-se até á borda do rio. Avançavam cautelosamente. Abeiravam-se das poças esparsas e raras, que salpiavam o leito; e enchendo as vasilhas de couro volvião, correndo, arcados sob as cargas preciosas.

Ora, esta empreza, a principio apenas difficil, foi-se tornando, a pouco a pouco, insuperavel.

Descoberto o motivo unico daquelles ataques, os sijantes, das posições ribeirinhas, convergião os fogos sobre as cacimbas, facilmente percebidas — breves placas liquidas rebilhando ao luar ou joeirando, na treva, o brilho das estrelas...

De sorte que attingindo-lhes as bordas os sertanejos tinham, em torno e na frente, o chão varrido á bala.

Avançavam e cahiam, ás vezes, successivamente, todos.

Alguns antes que chegassem ás ipeúras exgotadas, reduzidas a repugnantes lameiros; outros quando, de bruços, sugavam o liquido salobre e impuro; e outros quando, no termo da tarefa, volvião arcando sob os bogós repletos. Substituiam-nos outros, rompendo desesperadamente contra os tiroteios, affrontando-se com a morte. Ou, o que em geral succedia, deixavam que se atreugassem a

repulsa energica e mortifera e se descaussem os soldados vigilantes. Mas estes, conhecendo-lhes os ardis, sabiam que tornariam em breve. Aguardavam-nos, pontarias immoveis, ouvidos armados ao menor ruido, olhos frechando, fitos, as sombras, como caçadores numa espera. E divisavam-nos, de facto, transcorridos minutos, indistinctos, vultos diluidos no escuro, na barranca fronteira; e viam-nos, descendo por ella abaixo, de bruços, rentes com o chão, vagorosamente, num rastejar serpeante de grandes sautios silenciosos; e viam-nos depois, em baixo, atarrando-se pelo esteiro areento do rio...

Seguravam as pontarias. Deixavam-nos aproximar-se, e deixavam-nos attingir os estagnados que eram o charmariz unico daquella cova monstruosa.

Então lampejava o fulgor das descargas subitaneas! Fulminavam-nos. Percebiam-se, adiante quinze metros, gritos dilacerantes de colera e de dóra; dous ou tres corpos escabujando á beira das cacimbas; correndo outros, espavoridos; outros, feridos, em cambaleios; e outros desafiando o fuzilamento, pulando, sem resguardos agora, das barrancas — e velozes, tervíveis, desesperados — passando sobre os companheiros moribundos, arremettendo com a barreira infernal que os devorava.

Um unico ás vezes escapava, ás carreiras. Transpunha a barranca de um salto, e perdia-se nos escombros do casario, levando aos companheiros alguns litros de agua que custavam hecatombes. E era um liquido suspeito, contaminado de detritos organicos, de sabor detestavel em que se presentia o toxico das ptomainas e phosphatos dos cadaveres decompostos jazentes desde muito por toda aquella orla do Vasa-Barris.

Estes episodios culminaram o heroismo dos matutos. Commoviam, por fim, aos proprios adversarios.

Não raro, quando toda a linha de sitio, ao norte, estrugia os ares em descargas compactas, sem que se distinguissem os tiros isolados, num reor intenso lembrando o de reprezas repentinamente abertas, e o bombardeio ás completava, tombando dos mortos — os combatentes da linha central do acampamento, ariscando-se aos projectis perdidos, borrfados pela refrega, faziam-se espectadores de uma scena extraordinaria.

Em muitos despoitou, ao cabo, irreprimivel e sincero enthusiasmo pelos valentes martyrisados. Não o encobriam. O quadro que se lhes offercia immortalisava os vencidos. Cada vez que os contemplavam tinham, crescente, o assombro:

A igreja sinistra bojava, em relevo, sobre o casario em ruinas; e impavidos ante as balas que sobre ella convergião, viam-se, no resplendor fugaz das fuzilarias, deslisando-lhe pelas paredes e entulhos, subindo-lhe pelas torres derrocadas ou cahindo por ellas abaixo, de borco, presos aos blocos desjunctos, como titans fulminados, vistos de relance num coruscado de raios, aquelles rudes patricios indomáveis...

IV

P

ercebiam-se-lhes, contudo, hora por hora, a exaustão. Durante o dia o povoado, silencioso, marasmava na estagnação do bloqueio. Nem um ataque, ás vezes. A 28 de Setembro não replicaram ás duas salvas de vinte e um tiros, de ba-

la, com que foi criminosamente saudada, pela manhã e á tarde, a data bellissima que resume um dos aspectos mais nobres da nossa historia. Era o fim.

Faziam-se já no acampamento preparativos para a volta; soavam livremente as cornetas; andava-se á vontade por toda a banda; entravam impunemente os comboios diarios e correios, levando, os ultimos, para os lares distantes as esperanças e as saudades dos triumphadores; grupos descauidados seguião perlustrando pelas cercanias; improvisavam-se banquetes; e á tarde, formadas á frente dos quartéis de varios commandos, tocavam, nas retretas, as fanfarras dos corpos.

Percorria-se, ao cabo, quasi todo o arraial.

A 29 o general em chefe e o commandante da 2.ª columna, realisaram, acompanhados dos estados-maiores respectivos, esse passeio attractivissimo.

Seguiam a principio pelo alto das collinas á direita do acampamento e, depois de uma inflexão á esquerda descendo por dentro de sanga flexuosa onde repontavam grandes placas de phyllades dando-lhe a feição de longa passagem coberta, avançaram até toparem as primeiras casas e, simultaneamente, esparsos, jazentes a esmo sobre montes de esteios, traves e ripas carbonisadas, os primeiros cadaveres insepultos do inimigo.

Tinha-se neste momento a impressão de uma entrada em velha necropole que surgisse, desvendada de repente, á flor da terra. As ruínas agravavam a desordem das pequenas vivendas, aglomeradas ao acaso, defrontando-se em bitesgas de um metro de largo, empachadas pelos telcos de argilla sbatidos. De sorte que a marcha se fazia adstricta a desvios tortuosos e longos. E a cada passo, passando junto aos casebres que ainda permaneciam de pé, oscillantes e arrebados, livres ainda das chammas, despoitava ante o visitante conturbado um traço pungente da vida angustiosa que se atravessara alli dentro.

Dizia-o, mais expressiva, a nudez dos cadaveres. Estavam em todas as posições: estendidos, de supino, face para os céus; desnudos os peitos, onde se viam os bentinhos predilectos; encurvados no ultimo crispado da agonia; mal vistos, ás vezes, cahidos sob madeiramentos, ou de bruços sobre as trincheiras improvisadas, na attitude de combate em que os colhera a morte.

Em todos, nos corpos emmagrecidos e nas vestes em pedagos, liam-se as provações soffridas. Alguns ardião, lentamente, sem chammas, revelados por tenues fios de fumaça, que se alteavam em diversos pontos. Outros, incinerados, se desenhavam, salteadamente, nitidos, esbatida a brancura das cinzas no chao poento e pardo, á maneira de rosas e grandes caricaturas feitas a giz...

Seguia-se. A marcha gradativamente se tornava mais penosa, através de entulhos successivos de um esterquilino pavoroso. A soldadesca varejando as casas puzera fóra, ás portas, entupindo os beccos em monturos, toda a ciscalhagem de trastes em pedagos, de envolta com a farragem de mulambos inclassificaveis: pequenos bahús de cedro; bancos e girões grosseiros; rédes em fiapos; berços de cipó e balaios de taquara; jacás sem fundo; roupas de algodão, de côr indefinivel; vasilhames amassados, de ferro; caqueiradas de pratos, e chicharas, e garrafas; oratorios de todos os feiticos; buacas de couro cru; alpercatas imprestaveis; candieiros amolgados, de azeite; canos estrondados, de trabucos; lascas de ferros ou fucios; caxeirengues rombos...

E nestes acervos, nada, o mais simples objecto que não delatasse uma existencia miseranda e primitiva. Pullulavam rosarios de toda a especie, dous mais simples, de contas de vidro, aos mais caprichosos, feitos de ouricury; e, igualmente inumeras, rocas e fusos, usança avoenga tenazmente

conservada, como tantas outras, pelas mulheres sentenças. Sobre tudo aquilo, incontáveis, esparsos pelo solo, apisoados, rasgados - registros, cartas santas, beneditos em quaderninhos costurados, doutrinas cristãs velhissimas, imagens amarfanhadas de santos milagreiros, verônicas encardidas, crucifixos partidos; e figas, e cruzeiros, e bentinhos imundos...

Em alguns lugares o um claro limpo, cuidadosamente varrido, um acirro para que os incêndios não atingissem os entrancheiramentos. Varava-se mais facilmente por ali; penetrando fundo no casario e aproximando-se daquelles.

Topava-se, então, adiante, uma sentinella que recomendava em voz baixa prosseguir com cautela: o jaguão estava perto, menos de tres metros, da outra banda da palissada...

Os visitantes, generaes, coronéis até ao ultimo posto, na encidade de quem contorna uma emboscada, avançavam agachados, heroicamente comicos, celetes, de cocaras, correndo. Transpunham a linha perigosa. Quebravam dous ou tres becos. Chegavam à outra trincheira: soldados immoveis, espectadores, mudos, ou conversando em cochichos. Reproduzia-se a mesma travessia com o coração e as pernas aos saltos, a mesma corrida ansiosa, até outra trincheira adiante: indolentes, cautelosos, silenciosos, estendidos ou enfiados as carabinas pelos parapecitos, que os resguardavam.

Transcorridos quinhentos metros, volvia-se à esquerda deixando à retaguarda as "Casas Vermelhas" e tinha-se uma surpresa - uma rua, uma verdadeira rua, a do Monte Alegre, a unica que merecia tal nome, alinhada, larga de uns tres metros e alongando-se de norte a sul até à praça, cortando todo o povoado. Nella se ergiriam as melhores vivendas, algumas casas de telhas e soalho, e entre estas a de Antonio Villanova, onde dias antes se tinham encontrado restos de munições da columna Moreira Cesar.

Descia-se por ella em suave declive, divisando-se no extremo, na praça, um lanço derruido da igreja. Mas a breve trecho estacava-se de encontro a outro entrancheiramento, onde se adensava maior numero de combatentes. Era o ultimo, naquella rumo. Dalli por diante um passo mais era o espingardamento certo. Toda a parte do arraiál à direita e na frente estava ainda em poder dos habitantes. Os adversarios acotovellavam-se. Ouviu-se, transudando das paredes de taipa, o surdo e indefinível arruado da população entoadada, vozes precipites, cautelas, segredando sob o abafamento dos colmos; arrastamentos de moveis; soar de passos; e uns como longinquos clamores e gemidos; e ás vezes — notas cruelmente dramaticas! — gritos, e choros, e risos, e creanças...

Volvia-se dalli para a esquerda, voltando ao ponto de partida, através das casas conquistadas nas vespéras, e o passeio tornava-se amedrontador. Em todo este novo segmento da linha do sitio, definindo o avançamento maximo depois dos combates da ultima semana, não se tinham destruido os casebres. Derrubadas apenas as paredes interiores e as empenas, as coberturas de barro succediam-se unidas ou pouco espaçadas, feito o tecto de longuissimo armazem abarracado. A barreira de esteios e vigas, canastras e trastes de toda a sorte, por detrás da qual se alinhavam os batalhões, progredia por ella dentro, torcida e longa, desaparecendo de todo numa distancia de trinta metros, perdida na penumbra. Adivinhavam-se os soldados, a um lado, guardando-a. Pelos recantos escuros, à retaguarda, lobrigavam-se os corpos dos jaguões mortos nos ultimos dias, que fora perigoso queimar entre acervos de farrapos e estilhas de madeira, esparsos por toda a parte.

Impregnava o ambiente um bafo angustioso de caverna.

Era preciso valor para atravessar aquella especie de tunel, em cuja boc-

ca, ao longe, mal se divisava um reflexo pallido do dia. Porque, a dous passos, ladeando-o, paralelamente, se estendia o entrancheiramento invisível do inimigo, interpostas as paredes fronteiras, enfrestadas. De sorte que o minimo descuido, o mais rapido olhar arriscado por cima daquelles parapecitos de ciscalhos, era duramente pago. E que de parte a parte estavam as mesmas astucias, avivadas dos mesmos odios. Naquelle sombrio finalisar da luta os antagonistas temiam-se por igual. Evitavam por igual o recontro franco. Negaceavam, estadiando as mesmas arduidades e a mesma proditoria quietude. Immoveis largo tempo, um em frente do outro, abrigados na mesma sombra, parecendo reflectir a adynamia do mesmo exgotamento — espriavam-se, solertes, traçoiteiros, tocando-se. E não podiam encontrar melhor scenario para ostentarem, ambos, soldados e jaguões, a forma mais repugnante do heroismo do que aquelle esterquilino de cadaveres e trapos, immerso na obscuridade de uma fuma.

Seguia-se por alli envolto de um silencio lugubre. Percebiam-se os soldados esfrangalhados, imundos, sem bonets, sem fardas, cobertos de chapéus de couro ou de palha, calçando alpercatas velhas, vestidos com o mesmo uniforme do adversario. E acreditava-se que, com alguma presença de espirito, o sertanejo podesse insinuar-se pelos rombos do tapume extenso, e apparecer entre elles, e chegar-se com a espingarda ao parapecito, e alli se quedar forrando-se as torturas do cerco, sem que o conhecessem — o que ademais era facilitado pela mistura dos diversos batalhões. Nem o atraçoaria palmar ignorancia dos deveres ou exigencias da vida militar, porque esta se extinguiria por completo. Não havia revistas, formaturas nem toques, nem vozes de commando. Distribuidos os cartuchos, cada um se encostava ao espaldão de carecos prompto ao que desse e viesse.

Distribuidas as razões diarias, fartas agora, cada um se preparava quando se lhe antojava o ensejo. Aqui, alli, à retaguarda da linha ou dentro dos cubículos estreitos, sobre trempes de adobes ou pedras, chivavam as chalciras aquecendo agua para o café; ferviam panelas; destacavam-se grandes quartos de boi, pendurados aos caibros, avermelhando no escuro, sobre brazeiros, assando. Em torno, acorados, carabinas sobraçadas, viam-se, em grupos, os combatentes que aproveitavam ligeira tregua para almoçar ou jantar. Dalli corriam, não raro, em tumulto, jogando fora os canecos de jacuba ou nacos de churrasco, precipitando-se para a estacada quando, de subito, estalava um tiro adiante e zuniam logo as balas esfuziantes, varando os tectos, estilhaçando ripas e traves, esbottenando paredes, emborcando caldeirões — espalhando soldados como um pé de vento sobre palhas. No parapecito, adiante, replicavam de prompto os que já lá estavam, atirando a esmo contra o tabique que defrontavam e donde partia a aggressão. Imitavam-nos os companheiros lateraes. Logo depois vibrava um abalo nervoso unico, estendendo-se daquelle ponto aos dous extremos, com uma trepidação vibratil de descargas; e travava-se o combate, de improviso, furiosamente, desordenadamente, entre adversarios que se não viam...

Baqueavam algumas praças, mortas ou feridas. Conquistavam-se dous ou tres casebres mais — empurrando-se logo por diante toda a cangalhada de moveis, encurvando-se a tranqueira num angulo saliente em talhante avançado. Volviam, prestes, os luctadores que mais se tinham avantajado, ás posições primitivas. E o silencio descia de novo, reinando outra vez a mesma quietude formidável: soldados mudos e immoveis, acorados com a borda da tapada sinistra, espectantes, na tocia; ou, ao fundo, em roda dos brazidos, reatando as merendas ligeiras, que tinham, ás ve-

zes, uns tragicos convivas — os mortos assassinados, estirados pelos recantos...

Deixava-se, por fim, este segmento sinistro do bloqueio, que travava quasi todo o quadrante do norte. Proseguia-se, a céu aberto agora, em pleno dia, atravessando quintalejos pobres de cercas cahidas e canteiros pisoados, sem mais uma flor, e atravancados da mesma ciscalhagem indefinível, em montes. Sobre estes, corpos de sacrificados ainda: pernas surdindo inteiricadas; braços repontando desnudos, num retesamento de angustia; mãos espalmadas e rígidas, mãos contorcidas em crispaduras de garra, apodrecendo, sinistras, em gestos tremendos de ameaça ou apellidos excruciantes...

Departavam-se novos videntes: gosos magrissimos, famelicos lebréos, pellados, esvurmado lepra, farejando e respigando aquelles monturos, numa ancia de chacas, devorando talvez os proprios donos. Fugiam rapidos. Alguns cães de fila, porém, grandes molossos desfibrados e ferozes, afastavam-se devagar, em rosnaduras ameaçadoras, adivinhando no visitante o inimigo, o intruso irritante e mau.

la-se descendo sempre, até á sangra escavada, em baixo, correndo, em direcção perpendicular a que se levava, para o Vasa Barris, ao longe, para onde canalizava, nas quadras chuvosas, as aguas das vertentes interopostas. Alli terminava, batendo contra a lombada, em cujo topo estava a commissão de engenharia, a parte do arraiál expugnada a 18 de Julho. Podia atingir-se directamente o acampamento seguindo em frente, transpondo o valle, subindo e atravessando á meia encosta, a bateria de Krupp empacada ao fundo do quartel general da 1.ª columna; ou, num desvio longo, volvendo á direita, acompanhando o valle, perlongando a linha primitiva do assedio, descendo para o sul. A travessia era sem riscos. As casas — num desordenado arruamento ás bordas daquelle sulco de erosão, acompanhando-lhe o declive, cahindo-lhe pelos resaltos, envesgando-lhe pelas curvas vivas — tinham, na maioria, sido desmanchadas, salvante poucas, as melhores, onde se improvisavam salas de ordem das brigadas, quartéis e ranchos da officialidade. Uma dellas era digna de nota. Fora uma tenda de ferro. Mostravam-no ainda alguns gastos marbões, tenazes partidas e derruida forja fina, de adobes. E aquella ferraria pobre do sertão, tinha uma bigorna luxuosa, do mais fino aço, que se fundira em Essen: um dos canhões tomados á expedição Moreira Cesar.

Continuando a marcha topava-se a "linha negra", nome que primitivos successos justificavam, mas agora inexplicavel para quem vinha das sombras trincheiras deixadas ao norte.

Seguia-se acompanhando-a pelo fundo de um fosso, até se abrir a meio caminho, á direita, um claro amplo — a praça das igrejas, deserta, achada, varrida, fazendo avultar maior, mais dominador, mais brutal, mais sinistro, com os seus paredões incombeles, fendidos de alto a baixo, com a sua fachada estupenda esborçando em monolithos, com as suas torres ruídas, e o adro entupido de blocos encailhados, e a nave, lá dentro, vazia, escura, mysteriosa — o templo monstruoso dos jaguões.

Dados mais alguns passos fronteiava-se a igreja velha, inteiramente queimada, reduzida ás quatro paredes exteriores.

Tinha-se nesse momento, á esquerda, o mais miserando dos campos santos, centenares de cruzeiros — dous paus roliços amarrados com cipós — fincadas sobre sepulturas rasas.

Transpunha-se depois o Vasa Barris; enfiava-se pelo sulco profundo

do rio da Providencia, percorrendo, em torcicollos, as fileiras dizimadas do 5.º de policia, reduzido ao terço do primitivo quadro — e chegava-se, no tombador da Favella, á uma clareira em declive, desabrigada. No alto o baluarte Sete de Setembro sobreshaia em balcão, dominante. Percorria-se rapidamente aquelle intervalo perigoso, alcançando-o.

Contemplava-se o arraiál em baixo. Modificara-se-lhe, afinal, o aspecto — sombreado de largas manchas escuras, de incêndios; erigido de madeiramentos, varando pelos rombos dos tectos; tumultuando em montões de argilla — num esmagamento completo, arruinado, queimado, devastado...

Apenas estreita fimbria da face norte da praça e o nucleo de casebres apinhados junto á larada e á retaguarda da igreja, se figuravam intactos. Mas eram em numero diminuto, quatrocentos talvez, comprimidos em area reduzida. E os que nelles se abrigavam certo não supportariam por uma hora um assalto de seis mil homens.

Valia a pena tental-o.

V

Foi o que fez o commando em chefe, contravindo ao proposito de aguardar a rendição sem dispendio inutil de vidas, pelo enfraquecimento continuo dos bloqueados.

Reunidos a 30 de Setembro os principaes chefes militares, concertaram nos dispositivos do recontro para o dia immediato. E, de accordo com os lineamentos do plano adoptado, naquelle mesmo dia á noite mobilisaram-se as unidades do combate, occupando, assim, de vespéra, as posições para a investida ¹⁾.

O assalto seria iniciado por duas brigadas, a 3ª e 6ª, dos coronéis Dantas Barreto e João Cesar Sampaio, a primeira endurada por tres mezes de continuos recontros e a ultima, recém-vinda, formada de combatentes que acaeciam a medi-se com os jaguões. Aquella deixou, então, a sua antiga posição na linha negra, sendo substituida por tres batalhões, 9º, 22º e 34º, e contramarchando para a direita, seguiu rumo á Fazenda Velha, de onde juntamente com a outra, formada dos 29º, 39º e 4º batalhões, se moveu até estacionar á retaguarda e flancos da igreja nova, objectivo central do acmetimento.

Completariam este movimento primordiaes, outros, secundarios e suppletivos: no momento da carga, o 26º de linha, o 5º da Bahia e ala direita do batalhão de S. Paulo, tomariam rapidamente posições junto á barranca esquerda do Vasa Barris, á orelha da praça, onde se conservariam até nova ordem. Á sua retaguarda se estenderiam em apoio os dous corpos do Pará, promptos a substituirem-nos ou reforçarem-nos, segundo as eventualidades do combate. De sorte que este, iniciado pela retaguarda e flancos da igreja, iria, a pouco e pouco, deslocando-se para a linha de baionetas que se cosia á barranca lateral do rio, na face sul da praça.

Era, como se vê, um arrochar vigoroso — em que collaborariam os demais corpos guardando as posições recém-conquistadas e o acampa-

¹⁾ Segundo os mappas dos batalhões havia, no dia 30 de Setembro, 5.871 homens sob as armas.

mento. Interviriam na acção á medida das circunstâncias, ou quando tombassem deante das trincheiras e das barrancas as chumbras de inimigos repulados.

Sobre tudo isto — preliminar preparatoria e indispensavel — um bombardeio firme, em que entrariam todos os canhões do sitio, batendo por espaço de uma hora a estreita area a expungir-se. Somente depois que aquelles emmudecessem, arremetteriam as brigadas assaltantes, de baionetas caladas, sem fazerem fogo, salvo se o exigissem as circunstancias. Em tal caso, porém, devia ser feito na direcção unica da meridiana, afim de não serem atingidos os batalhões jazes nas posições proximas ao conflito. A 3ª brigada, ao toque geral partido do commando em chefe, de "infanteria avança!", seguiria a "marche-marche, procurando o flanco esquerdo da igreja, junto ao qual se estenderia distante cento e cinquenta metros; enquanto dous batalhões da 6ª, o 29º e o 39º, investissem para a retaguarda daquella, e o 4º, transpondo tambem o Vasa-Barris, a acomettesse pelo flanco direito. Os demais combatentes seriam, a não ser que o imprevisito determinasse ultteriores combinações, simples espectadores da acção.

E no amanhecer de 1º de Outubro começou o canhão.

Convergia sobre o nucleo reduzido dos ultimos casebres, partindo de longo semi-circulo de dous kilometros, das baterias proximas ao acampamento ao redente extremo, da outra banda, onde findava a estrada do Cambaio. Durou quarenta e oito minutos apenas, mas foi esmagador. As pontarias estavam feitas de vespere a não havia tirar o alvo immovel.

Deu-se além disso, a ultima lição á rebeldia impenitente. Era preciso que, francamente desbravado o chão para o assalto, não sobreviessem mais surpresas dolorosas e elle se executasse, de prompto, fulminante e implacavel, com os entraves unicos de um passo de carga sobre ruinas. Fizeram-se as ruinas.

Via-se a transmutação do trecho torturado: tectos em desabamentos, pensando, certo, os que se lhes acolhiam por baixo, nos commodos estreitos; tabiques esboçando, voando em estilhas e terrões, arrombados; e aqui, alli, em começo debraves e logo depois ligando-se rapidamente, sarjando de flammaz a poeira dos escombros, novos incendios, de subito deflagrando.

Por cima — empanada a manhã luminosa dos serões — uma rede vibrante de parabolas...

Não havia perder-se uma granada unica. Batiam nas cimbalhas rotas das igrejas, explodindo em estilhas, ou saltando em ticochetes largos, para deante, sobre o santuario e a latada; arrebatavam nos ares; arrebatavam sobre a praça; arrebatavam sobre os colmos, esfarelado as coberturas de barro; entravam, arrebatando, pelos colmos deitos; basculavam os becos enredados, revolvendo-lhes os cisca-lhos; e revolviam, de ponta á ponta, infelicemente, batendo-o casa por casa, o ultimo segmento de Canudos. Não havia anteparos ou pontos desafiados, que o resguardassem. O abrigo de um angulo morto formado pelos muros da igreja nova, antepostos aos disparos da Sete de Setembro, era inteiramente destruido pelas trajetórias das baterias de leste e oeste. Os ultimos jagunços tinham, intacta, fulminando-os, sem perda de uma esquirola de ferro, toda virulencia daquelle bombardeio impiedoso.

Entretanto não se norou um brado irreprimivel de dôr, um vulto qualquer, fugindo, ou a agitação mais breve. E quando, dado o ultimo disparo, cessou o fragor dos estampidos, a inexplicavel quietude do casario fulminado fazi suppor o arraiado deserto, como se durante a noite a população houvesse, miraculosamente, fugido.

Houve um breve silencio. Vibrou um clarim no alto da Fazenda Velha.

Principiou o assalto. Consoante as disposições anteriores, os batalhões abalaram, convergentes de tres pontos, sobre a igreja nova. Seguiram, invisiveis, entre os casebres ou pelo *thalweg* do Vasa-Barris. Um unico, pela direcção que trilhava, se destacou a contemplação do resto dos combatentes, o 4º de infantaria. Viram-no atravessar a marche-marche, de armas suspensas, o rio; transpô-lo; galgar a barranca e apparecer, alinhado e firme, á entrada da praça.

Era a primeira vez que alli chegavam lutadores numa attitudde correctamente militar.

Feito este movimento, aquelle corpo marchou heroicamente, avançando. Mas desarticulou-se, dados alguns passos, num desequilibrio instantaneo. Baquearam alguns soldados, de bruços, como se se preparassem para atirar melhor por traz dos blocos da fachada destruida; viram-se outros, recuando, fóra da fórmaz; distanciaram-se, arremettendo para frente, outros; depois um enredado de baionetas entrebatendo-se, em grupos dispersos — errados. E logo após, pelos ares ainda silenciosos, um estouro, lembrando arrebatamento de minas...

O jagunço despertava, como sempre, de improviso, surpreendentemente, theatricalmente e gloriosamente, reatando o passo aos aggressores.

Estacou o 4º, batido de chapa pelos adversarios emboscados á ourela da praça; estacaram o 39º e o 29º, ante descargas á queima roupa, rompentas das paredes ao fundo do santuario; e, pela sua esquerda, immobilizou-se a carga da brigada Dantas Barreto. Fortemente atacada por um dos flancos esta teve que avançar naquella sentida, abandonando a direcção inicial da investida, o que foi imperfeitamente conseguido por tres companhias dispersas, desatracadas do grosso dos batalhões.

Modificavam-se todos os movimentos taticos pre-estabelecidos. Ao envez da convergencia sobre a igreja, as brigadas paravam ou fraccionavam-se embestigando nas viellas.

Durante cerca de uma hora os combatentes que contemplavam a refrega, no alto das collinas circunmiantes, nada mais distinguiram, fóra da assonancia crescente dos estampidos e brados longinquo — arruido confuso de onde expluiam, constantes, successivos, quasi angustiosos, abafados clangores de cornetas. Desappareceram as duas brigadas. Embasculadas de todo na casaria indistincta. Mas contra o que era de esperar, os sertanejos permaneceram invisiveis e nem um só reponiu, correndo para a praça. Atacados entretanto por tres lados, deviam, recuando por alli e precipitando-se na fuga, ir de encontro ás baionetas das forças estacionadas nas linhas centrais e beiradas do rio. Era este, como vimos, o objectivo primordial do assalto. Falhou completamente. E o mallogro valia por um reves. Porque os assaltantes, deparando resistencias com que não contavam, paravam, entrincheiravam-se, e assumiram attitudde de todo contraposta á missao que levavam. Quedaram na defensiva franca. Cahiam-lhes em cima, desbordando dos casebres fumegantes e assaltando-os, os jagunços.

Apenas a igreja nova fóra tomada e dentro da sua nave atravancada os soldados do 4º, trepados em montões de blocos e caliza, embaralhavam-se, em tumulto, com os das companhias pertencentes á 3ª brigada. Este successo, porém, verificara-se inutil. A um lado, estrepitava, feroz, continua, ensudecedora, a trabucada dos guerrilheiros, que enchiam o santuario.

E a praça, onde devia apparecer o inimigo repellido, ferretrado á baioneta, permanecia deserta.

Era urgente ampliar o plano primitivo do recontro, lançando no conflito novos lutadores. Do alto da Se-

te de Setembro partiu o signal do commando em chefe, e logo depois o toque de avançada para o 5º da Bahia. Lançava-se o jagunço contra o jagunço.

O batalhão de sertanejos avançou. Não foi a investida militar, cadente, derivando a marche-marche, num rhythmo seguro. Viu-se um como serpear rapidissimo de baionetas ondulantes, desdobradas, de chofre, numa deflagração luminosa, traçando em segundos uma lista de lampejos desde o leito do rio até aos muros da igreja...

O mesmo avançar dos jagunços, celere, estonteador, escapante á trajectoria rectilinea, num collear indescriptivel. Não foi uma carga, foi um bote. Em momentos uma linha flexivel, de aço, enleou o baluarte sagrado do inimigo. Coruscou um relampago de duzentas baionetas: o 5º desapareceu mergulhando nos escombros...

Mas a situação não mudou. Aquelle fragmento revoltado do arraiado, para cuja expugnação pareciam excessivas duas brigadas, absorvera-as; absorvera o reforço enviado; ia absorver batalhões inteiros. Seguiram logo depois, o 34º, o 40º, o 30º e o 31º de infantaria. Duplicavam as forças assaltantes. Augmentou, num crescendo, o estrepito da batalha invisivel; ampliaram-se os incendios; ardeu toda a latada. Mas na espessa afumadura dos ares ombrados, branqueava, em baixo, a praça absolutamente vazia.

Ao fim de tres horas de combate, tinham-se mobilizado dous mil homens sem effeito algum. As nossas baixas avultavam. Além de grande numero de praças e officiaes de menor patente, baquearam mortos, logo pela manhã, o commandante do 29º, major Queiroz, e o da 5ª brigada, tenente-coronel Tupy Ferreira Caldas.

A deste originaria raro lance de bravura.

Os soldados do 30º idolatravam-no.

Era uma rara vocação militar. Irrequieto, nervoso e impulsivo, o seu temperamento casava-se bem á vertigem das cargas e á rudeza das casernas. Nesta campanha mesmo jogara varias vezes a vida. Fóra o commandante da vanguarda a 18 de Julho de depois d'aquelle dia sahira indemne dos mais arriscados tiroteios. As balas tinham-no até então poupado, arranhando-o, rendendo-lhe o chapéu, amolgando-lhe a chapa do talim. A ultima fulminou-o. Entrou por um dos braços, soerguido para sustentar o binoculo com que contemplava o assalto, e traspasou-lhe o peito. Atirou-o em terra, instantaneamente, morto. O 30º procurou vingal-o. Correu-lhe pelas fileiras um fremito de pavor e de cohera, e depois transmontou de um pulo a tranqueira em que se abrigava. Embateu contra os casebres entrincheirados, de onde partia o projectil e arrojou-se a marche-marche, envergando por uma viella em torcicollos. Não se ouviu um tiro. Soldados alvejados á queima roupa, cahiam por terra rugindo emquanto os companheiros lhes passavam por cima esbarrando contra as portas, arrombando-as a coronhadas, penetrando os commodos apertados, travando-se, lá dentro em pugilatos corpo a corpo.

Esta arremetida, porém, das mais temerarias que se fizeram em todo o decorrer da lucta, como as demais, reduziu-se ao primeiro impeto. Sapeou-a a tenacidade incoercivel dos jagunços. O 30º, desfalcado, refluio em desordem á posição primitiva.

Por toda a banda se realisavam identicos arremessos e identicos recontros. O ultimo estorregar dos vencidos quebrava a musculatura de ferro das brigadas.

Entretanto, pouco antes de nove horas, alentou-se a illusão arrebatadora da victoria. Ao avançar um dos batalhões de reforço, um cadete do 7º cravara nas juncturas das paredes estaladas da igreja a bandeira nacional. Resoaram dezenas de cornetas e um viva á Republica saltou, retumbando,

de milhares de peitos. Surprehendidos com o inopinado da manifestação, os sertanejos amorteceram e cessaram o tiroteio. E a praça, pela primeira vez, desbordou de combatentes. Muitos espectadores desceram rapidos, as encostas. Desceram os tres generaes. Ao passarem pela baixada da linha negra, viram ás encontradas entre quatro praças, dous jagunços presos. Adeante e aos lados — agitando os chapéus, agitando as espadas e as espingardas, cruzando-se, correndo, esbarrando-se, abraçando-se, torvelinhando pelo largo — combatentes de todos os postos em delirios de brados e ovações estrepitosas.

Terminara affinal a lucta crudelissima...

Mas os generaes seguiram com difficuldades, rompendo pela massa tumultuaria e ruidosa, na direcção da latada, quando, ao attingirem grande deposito de cal que a defrontava, perceberam surpreendidos, sobre as cabeças, zimbrando rijamente os ares, as balas...

O combate continuava. Esvasiou-se, de repente, a praça.

Foi uma vassourada.

Evolvendo de improvisos ás trincheiras, voltando em corridas para os pontos abrigados, agachados em todos os anteparos, esgueirando-se cosidos ás barrancas protectoras do rio, retransidos de espanto, tragando amargos desapontamentos, singularmente menoscabados na imminencia do triumpho, chasqueados em pleno agonizar dos vencidos, — os triumphadores, aquelles triumphadores, os mais originaes entre todos os triumphadores memorados pela historia, comprehendem que naquella andar acabaria por devorá-los, um a um, o ultimo reducto combatido. Não lhes bastavam seis mil manlicheres e seis mil sabres; e o golpear de doze mil braços, e o acalcanhar de doze mil coturnos; e seis mil revolvers; e vinte canhões, e milhares de granadas, e milhares de schrapnells; e os degollamentos, e os incendios, e a fome, e a sede; e dez mezes de combates, e em dias de canhoneio continuo; e o esmagamento das ruinas; e o quadro indefinivel dos templos derrocados; e, por fim, na cisalhagem das imagens rotas, dos altares abatidos, dos santos em pedacos — sob a impassibilidade dos céus tranquilos e claros — a queda de um ideal ardente, a extinção absoluta de uma crença consoladora e forte...

Impunham-se outras medidas. Ao adversario inamolgavel as forças maximas da natureza, engenhadaz á destruição e aos estragos. Tinham-nas, previdentes. Havia-se prefigurado aquelle epilogo assombroso do drama. Um tenente, ajudante de ordens do commandante geral, fez conduzir do acampamento dezenas de bombas de dynamite. Era justo; era absolutamente imprescindivel. Os sertanejos invertiam toda a psychologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empederia-os a derrota.

A demais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade.

Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça. Vinha de molde a dynamite...

Era uma consagração. Cessaram as fuzilarias; e desceu sobre todas as linhas um grande silencio de expectativa anciosa... Logo depois correu um fremito pela cercadura do sitio; espraio-se pela periphéria dilataza; passou, vibrati, pelo acampamento; passou, num subito estremeção, pelas baterias dos morros; e avassallou a redondeza, num tremolo vibrante de curvas sismas cruzando-se pelo solo. Tombaram os dentilhios despegados das igrejas; desaprumaram-se paredes, cahindo; voaram tectos e tectos; tufou um cumulus de poeira espessando a afumadura dos ares; e, dentre centenas de exclamações irreprimidas, de espanto,

retumbou a atroada de explosões fortíssimas. Parecia tudo acabado. O último trecho de Canudos arrebatava todo.

Os batalhões, embotados pelos beccos, fóra da zona mortífera das traves e cumieiras que zuniam, em estilhaços, sulcando para toda a banda o espaço, aguardavam que se diluísse aquelle bulção de chamas e pó, para o derradeiro acometimento.

Mas não o executaram. Houve ao contrario um recuo repentino. Batidos de descargas que não se compreendia como eram feitas daquelles brazeiros e entulhos, os assaltantes acobertaram-se em todas as esquinas, esquivaram-se pelas abas das casbres e pularam, na maioria, para traz dos entricheiramentos.

Adante atordoados a assanacia indescritível de gritos, lamentos, choros e imprecações, reflectindo do mesmo passo o espanto, a dor, o exaspero e a colera da multidão torturada que rugia e chorava. Via-se indistincto entre lumarões um agitado pervagar de sombras: mulheres fugindo dos habitáculos em fogo, carregando ou arastando creanças e entranhando-se, às carreiras, no mau fundo do casario; vultos desorientados, fugindo ao acaso para toda a banda; vultos escabujando por terra, vestes presas das chamas, ardendo; corpos esturruados, extorcidos, sob ríções furentos... E, dominantes, sobre este cenário estupendo, esparsos, sem cuidar de occultar-se, saltando sobre os brazeiros e apurando-se sobre os colmos ainda erguidos, os ultimos defensores do arraial. Ouvia-se as suas apostrophes rudes; distinguia-se vagamente os seus perfis revolteando por dentro da fumarada; e por toda a parte, saltadamente, a dous passos das linhas de fogo, repontando, de improviso, phisnomias sinistras, laivadas de mascaras, bustos desnudos chamuscados, escoriados, embatendos, em assaltos temerarios e doudos...

Vinhão matar os adversarios sobre as proprias trincheiras. Estes esmoreciam. Verificada a inanidade do bombardeo, das cargas repetidas e do recurso extremo da dynamite, desanimavam. Perderam a unidade da acção e do commando. Os toques das cornetas contrabatiavam-se, discordes, interferentes nos ares, sem que ninguém os entendesse. Não havia obediência, variando as condições tacticas a cada minuto e a cada passo. As secções de uma mesma companhia avançavam, recuavam ou immobilizavam-se; subdividiam-se em todas as esquinas; misturavam-se com as de outros corpos; embatiam com as casas ou contornavam-nas, ou dispersavam-se aliando-se a outros grupos e recediam, dados alguns passos, as mesmas avançadas e os mesmos recuos, e a mesma dispersão. De sorte que por fim se agitavam em bandos desorientados, em que se amalgamavam praças de todos os batalhões.

Aproveitando este tumulto, os jagunços fuzilavam-nos a salvo e sem piedade. A breve trecho os combatentes, que não tinham o antepeço dos espaldões, accumularam-se ás abas das vivendas ainda intactas, ou alongaram-se, distanciados, pelos beccos da parte conquistada — evitando a zona perigosa. Esta, porém, alastrava-se. Baqueavam combatentes para além das trincheiras; cahiam inteiramente fóra da orbita flamejante do combate e, como nos maus dias da primeira semana do assedio, a minima imprevidencia e o mais rapido afastamento daquelles abrigos frágeis eram uma temeridade.

O capitão secretario do commando da 2.ª columna, Aguiar e Silva, ao passar por perto delle um pelotão em marcha, retirou-se por um instante do cunhal que o acobertava e, para animar o ataque, tirou entusiasticamente o chapéu, levantando um viva à Republica. Mas não pronunciou as ultimas syllabas. Varou-o uma bala, em pleno peito, derribando-o.

O commandante do 25.º, major Henrique Severiano, teve indetido destino. Era uma alma bellissima, de valente. Viu em plena refrega uma creança debatendo-se entre as chamas. Affrontou-se com o incendio. Tomou-a nos braços; aconchegou-a do peito — crendo com um gesto catinioso o unico traço de heroismo que houve naquella jornada feroz — e salvou-a.

Mas expuzera-se. Baqueou, mal ferido, fallecendo poucas horas depois.

E assim por deante. O combate transformara-se em tortura inatutavel para os dous antagonistas.

As nossas baixas avultavam. Os espectadores, atestando os mirantes acasamattados da lombada antepesta ao acampamento, avaliavam-nas pela lugubre procissão de andores, padiolas e rédes que lhes passava de per-meo, subindo. Sahia da sanga, em baixo; derivava vagarosa na ascensão contornando em desvios as casas por alli espalhadas; galgava o alto e proseguia, descendo para o hospital de sangue, onde, á 1 hora da tarde, já haviam chegado cerca de trezentos victimados.

Mas aquella alpendrada de couro, cobrindo a reitrança abrigada entre collinas, não os continha. Os feridos entulhavam-na; desbordavam para as abas das encostas envoltas, ao sol, sobre as pedras; e arrastavam-se, disputando a sombra das barracas, até á pharmacia annexa e pavilhão dos medicos, por onde se cruzavam, correndo, enfermeiros e medicos diminutos demais para os satisfazer a todos. Ao fundo o barracão, arrimados aos cotovellos, de bruços, os antigos doentes e feridos dos dias anteriores, olhavam assustados para os novos socos de infortunio. A um lado, sobre o chão duro, corpos inteiros e francamente batidos pelo sol, jaziam os cadáveres de alguns officiaes, o tenente-coronel Tupy, o major Queiroz, os alferes Raposo, Neville, Carvalho e outros.

Soldados offegantes e suarentos entravam e saíam intermitentemente, arcados sob padiolas. Despejavam-nas, volvendo, prestes, naquella azafama fúnebre que ameaçava prolongar-se pelo dia todo. Porque até aquella hora a situação não melhorara. Persistia indecisa senão agravada, a replica feroz dos adversarios.

Insistentes, imprimindo no tumulto a nota de uma monotonia cruel, reproduziam-se em todas as linhas os toques das cornetas, determinando as cargas; e estas se realisavam, successivas, rapidas e impetuosas — pelotões, batalhões, brigadas, vagas de metal e flammãs, fulgurando, rolando, arrebatando de encontro a represas intonsponíveis.

As bombas de dynamite (foram arrojadas noveza nesse dia) estouravam de momento em momento, mas com absoluto insuccesso. Adicionaram-se-lhes outros expedientes: latas de kerozene derramadas por toda a orla da casaria, avivando os incendios.

Este recurso barbaro, porém, por sua vez, resultava inutil.

Por fim, ás duas horas da tarde, se paralyzou inteiramente o assalto; cessaram de todo as cargas; e no animo dos sitiados, em franca defensiva nas posições primitivas, doiam desapontamentos de derrota. Defluindo da baixada, a leste da praça, continuou largo tempo a romaria penosa dos feridos, em busca do hospital de sangue. Em padiolas, em rédes, ou suspensos pelos braços entre os companheiros, ascendiam exhaustos, titubeantes, arrimando-se e cosendo-se ás casas. E sobre elles, sobre as collinas, varrendo-as, sobre os mortos artilhados, varejando-os, sobre o acampamento todo, ao cahir da tarde, ao anoitecer e durante a noite toda, visando todos os pontos da periphéria do assedio, sibilando em todos os tons pelos ares, da zona reduzidissima onde se acantonavam os jagunços irrompiam as balas...

O combate fóra cruento e esteril. Desfalcará-nos de quinhentos e sessenta e sete luctadores, sem resultado apreciavel.

Como sempre a vibração forte da batalha amortece a pouco e pouco, atenuando-se em tirocitos escassos; e toda a noite passou, velando-a a tropa combalida, na expectativa cruel de novos recontros, novos sacrificios inuteis e novos esforços mallogrados.

Entretanto a situação dos sertanejos piorava. Tinham, pela perda da igreja nova, perdido as ultimas cacimbas e ardiam em brazeiros enormes, progredindo-lhes em roda e avançando de tres pontos — do norte, leste e oeste — obstringindo-os no ultimo reduto.

Mas á madrugada de 2 os triumphadores fatigados foram despertados com uma descarga desafiadora e firme.

Nesse dia...

Translademos, sem lhes alterar uma linha, as ultimas notas de um "Diario", escriptas á medida que repontavam os acontecimentos).

... Chegamos á 1 hora em grande numero novos prisioneiros — symptoma claro de enfraquecimento entre os rebeldes. Eram esperados. Agitara-se pouco depois do meio dia uma bandeira branca no centro dos ultimos casabres e os ataques cessaram immediatamente do nosso lado. Rendiam-se, afinal. Entretanto não soaram os clarins. Subito silencio avassallou as linhas e o acampamento.

A bandeira, um trapo nervosamente agitado, desapareceu; e, logo depois, dous sertanejos, sahindo de um atarrancamento impenetravel, se apresentaram ao commandante de um dos batalhões. Foram para logo conduzidos á presença do commando em chefe, na commissão de engenheira.

Um delles era Antonio, o "Beatinho", acolyto e auxiliar do Conselheiro. Mulato claro e alto, excessivamente pallido e magro; erecto o busto adelgado. Levantava, com alize de resignado, a fronte. A barba rala e curta emoldurava-lhe o rosto pequeno animado de olhos intelligentes e limpidos. Vestia camisa de azulão e, a exemplo do chefe da grey, arrimava-se a um bordão a que se estevia, andando. — Veiu com outro companheiro, entre algumas praças, encalçada de um sequito de curiosos.

Ao chegar á presença do general, tirou tranquillamente o gorro azul, de listras e borlas brancas, de linho; e quedou, correcto, esperando a primeira palavra do triumphador.

Não foi perdida uma syllaba unica do dialogo promptamente travado.

— Quem é você?

— "Saiba o seu doutor general" que sou Antonio Beato e eu mesmo vim por meu pé me entregar porque a gente não tem mais opinião e não aguenta mais.

E rodava lentamente o gorro nas mãos lançando sobre os circumstantes um olhar sereno.

— Bem. E o Conselheiro?...

— O nosso Conselheiro está no céu...

Explicou então que aquelle, aggravando-se antigo ferimento, que recebera de um estilhaço de granada attingindo-o quando em certa ocasião passava da igreja para o Santuario, morrera a 22 de Setembro, de uma dysenteria uma caminheira — expressão horrendamente comica que

Estas notas, esbocadas durante o dia no acampamento e completadas a noite, no alto da Favela — têm o valor da própria incorrecção derivada do tumulto em que foram traçadas.

A extravagante denominação é textual. Devem recordar-se della todos os que assistiram á interessante conferencia. A demais no que aqui vai escripto só se altera a prosodia do sertanejo refractario aos rr, ll etc. A reprodução do dialogo é integral.

poz repentinamente um borborinho de risos irreprimidos naquelle lance doloroso e grave.

O Beato não os percebeu. Fingiu, talvez, não os perceber. Quedou immovel, face impenetravel e tranquillada, de frecha sobre o general o olhar a um tempo humilde e firme. O dialogo proseguiu:

— E os homens não estão dispostos a se entregarem?

— Batalhei com uma porção delles para virem e não vieram porque ha um bando lá que não querem. São de muita opinião. Mas não aguentam mais. Quasi tudo mette a cabeça no chão de necessidade. Quasi tudo está secco de sede...

— E não podes trazer-los?

— Posso não. Elles estavam em tempo de me aitar quando sahi...

— Já viu quanta gente ahi está, toda bem armada e bem disposta.

— Eu fiquei espantado!

A resposta foi sincera ou admiravelmente calculada. O rosto do alto-reiro desmanchou-se numa expressão incisiva e rapida, de espanto.

— Pois bem. A sua gente não pôde resistir, nem fugir. Volte para lá e diga aos homens que se entreguem. Não morrerão. Garanto-lhes a vida. Serão entregues ao governo da Republica. E diga-lhes que o governo da Republica é bom para todos os brasileiros. Que se entreguem. Mas sem condições; não acceto a mais pequena condição...

O Beatinho, porém, recusava-se, obstinado, á missão. Tinha os proprios companheiros. Apresentava as melhores razões para não ir.

Nessa occasião interveiu o outro prisioneiro, que até então permanecia mudo.

Viu-se, pela primeira vez, um jagunço bem nutrido e destacando-se do tipo uniforme dos sertanejos. Chamava-se Bernabé José de Carvalho e era um chefe de segunda linha.

Tinha a typo flamengo, lembrando talvez, o que não é exaggerada conjectura, a ascendencia de holandezes que tão largos annos por aquelles territorios do norte trataram com a indigena.

Brilhavam-lhe, varonis, os olhos azues e grandes; o cabelo alourado revestia-lhe, basto, a cabeça chata e enérgica.

Apresentou logo como credencial o mostrar-se Bernabé de Carvalho e era um matuto largado. Era casado com uma sobrinha do capitão Pedro Celeste, do Bom Conselho...

Depois contraveiu, num desgarrado desabafo, insistindo com o Beatinho recalcitrante:

— Vamos! Homem! vamos embora... Eu falo uma fala com elles... deixe tudo commigo. Vamos.

E foram.

O resultado da commissão: porém, foi de todo em todo inesperado. O Beatinho voltou, passada uma hora, seguido de umas trezentas mulheres e creanças e meia duzia de velhos imprestaveis.

Parecia que os jagunços realisavam com maestria sem par o seu ultimo artil. Com effeito, viam-se desfogados daquella multidão inutil, concorrente aos escassos recursos que acaso possuam, e podiam, agora, mais folgadoamente delongar o combate.

O Beatinho dera — quem sabe? — um golpe de mestre. Consumado o diplomata, do mesmo passo para ás chamas e ás balas tantos entes miserandos e alliviara o resto dos companheiros daquelles trambolhos prejudiciais.

A critica dos acontecimentos indica que aquillo foi, talvez, uma cilada. Nem a exclue a circumstancia de ter voltado o aserato ardiloso que a engenharia. Era uma condição favoravel,

Um traço do falar enérgico dos sertões, este sistema de negativa.

adrede e astuciosamente aventurada como prova iniludível da boa fé com que agira. Mas mesmo que assim não considerassem, alentava-o uma aspiração de todo admissível: fazer o último sacrifício em prol da crença comum: devotar-se, voltando ao acampamento, à sagração do martyrio, que desejava, por ventura, ardentemente, com o misticismo doentio de um iluminado. Não há interpretar de outra maneira o facto, esclarecido, ademais, pelo proceder do outro parlamentar que não voltara, permanecendo entre os lutadores, instruindo-os sem dúvida da disposição das forças sitiadas.

A entrada dos prisioneiros foi comovedora. Vinha solenne, na frente, o Beatinho, tezo o torso desfilado, olhos presos no chão, e com o passo cadente e tardo exercitado desde muito nas lentas procissões que compartia. O longo caído oscillava-lhe à mão direita, isocronamente, feito enorme batuta, compassando a marcha verdadeiramente fúnebre. A um de fundo, a fila extensa, trasejando ondulada curva pelo pendor da colina, seguia na direcção do acampamento, passando ao lado do quartel da primeira columna e accumulando-se, cem metros adiante, em repugnante congerie de corpos mumificados e em andrajos.

Os combatentes contemplavam-nos entristecidos. Surprehendiam-se; comoviam-se. O arraiol *in extremis*, punha-lhes adiante, naquella armistício transitorio, uma legião desarmada, mutilada, faminta e claudicante, num assalto mais duro que o das trincheiras em fogo. Custava-lhes admitir que toda aquella gente inútil e fragil sabbise tão numerosa ainda dos casebres fulminados durante tres mezes. Contemplando-lhes os rostos cavados, os arabouços escurizados e sujos, cujos mullambos entrinca não encobriam *lanhos escuros e escalvados* — a victoria tão longamente anhelada decadia de subito. Repugnava aquelle triumpho. Envergonhava. Era, com effeito, contraproducente compensação a tão luctuosos gastos de combates, de revezes e de milhares de vidas, o apressamento daquelle caquerada humana — do mesmo passo angulhena e sinistra, entre tragica e immunda, passando-lhes pelos olhos, num longo enxuro de carcassas e mullambos...

Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfoligente de campeador domado: mulheres, sem numero de mulheres, velhas spectras, moças envelhecidas, velhas e moças indistinctas na mesma fealdade, escavetadas e sujas, filhos escanchados nos quadris desmaldados, filhos encapitados ás costas, filhos suspensos aos peitos murchos, filhos arrastados pelos braços, passando; creanças, sem numero de creanças; velhos, sem numero de velhos; raros homens, enfermos opilados, faces tumidas e mortas, de cêra, bustos dobrados, andar cambaleante.

Portmênorisava-se. Um velho abolutamente alquebrado, soerguido por alguns companheiros, perturbava o cortejo. Vinha contrafeito. Forçava por se livrar e volver atraz os passos. Voltava-se, braços tremulos e agitados, para o arraiol onde deixara certos os filhos robustos, na ultima refrega. E chorava. Era o unico que chorava. Os demais proseguiam impassiveis. Rígidos anciãos, aquelle desfecho cruento, culminando-lhes a velhice, era um episodio somenos entre os transe da vida nos sertões. Alguns respeitadamente se desbarretavam ao passarem pelos grupos de curiosos. Destacou-se, por momentos, um. Orogenario, não se lhe dobrava o tronco. Marchava devagar e de quando em quando parava. Fitava por instantes a igreja e reatava a marcha; para estacar outra vez, dados alguns passos, voltar-se lançando novo olhar ao templo arruinado e proseguir, intermitentemente, á medida que se escovavam pelos seus dedos as contas de um rosario. Rezava. Era um crente. Aguardava talvez ainda o grande milagre prometido...

Alguns enfermos graves vinham carregados. Cahidos logo aos primeiros passos, passavam, suspensos pelas pernas e pelos braços, entre quatro praças. Não gemiam, não estortegavam; lá se iam immoveis e mudos, olhos muito abertos e muito fixos, feitos mortos. Aos lados, desorientados, procurando os pais que alli estavam entre os bandos ou lá embaixo mortos, adolescentes franzinos, chorando, clamando, correndo. Os menores vinham ás costas dos soldados agarrados ás grenhas despenteadas ha tres mezes daquelles valentes que havia meia hora ainda jogavam a vida nas trincheiras e alli estavam, agora, resolvendo desastrosamente, canhestras amas secas, o problema complicado de carregar uma creança. Uma megera assustadora, bruxa acobreada e magra — a velha mais hedionda talvez destes sertões — a unica que alevantava a cabeça espalhando sobre os espectadores, como fálhas, olhares ameaçadores; e nervosa e agitante, agil apezar da idade, tendo sobre as espaldas de todo despida, emmanetados, os cabellos brancos e cheios de terra. — rompia em andar sacudido pelos grupos miserandos, attrahindo a attenção geral. Tinha nos braços finos uma menina, neta, bisneta, tataraneta talvez. E essa creança aterrava. A sua face esquerda fóra arrancada, havia tempos, por um estilhaço de granada; de sorte que os ossos dos maxillares se destacavam alvissimos, entre os bordos vermelhos da ferida já cicatrizada. — A face direita sorria. E espantava aquelle riso incompleto e dolorosissimo aformoseando uma face e extinguindo-se repentinamente na outra, no vazio de um gilvaz.

Aquella velha carregava a creança mais monstruosa da campanha. Lá se foi com o seu andar agitante, de atraxica, seguindo a extensa fila de infelizes...

Esta parara adiante, a um lado das tendas do esquadrão de cavallaria, reprezando entre as quatro linhas de um quadrado. Via-se, então, pela primeira vez, em globo, a população de Canudos; e, á parte as variantes impressas pelo soffrir diversamente supportado, sobresahia um traço de uniformidade rara nas linhas physiomicas mais caracteristicas. Raro um branco ou um negro puro. Um ar de familia em todos delatando, iniludível, a fusão perfeita de tres raças.

Predominava o pardo lidimo, mixto de cafre, portuguez e tapuia. — faces bronzeadas, cabellos corredos e duros ou anellados, troncos desleigantes e aqui, e ali, um perfil correctissimo recordando o elemento superior da mestiçagem. Em roda, victoriosos, dispaes e desunidos, o branco, o negro, o cafuz e o mulato proteiformes com todas as gradações da côr... Um contraste: a raça forte e íntegra abatida dentro de um quadrado de mestiços indefinidos e pusillanimes. Quebrara-se de todo a lucta. Humilhava-se. Do ajuntamento miserando partiam pedimos flebeis e lamurientos de emola... Devoravam-na a fome e a sede de muitos dias."

O commandante geral concedera naquella mesmo dia aos ultimos rebeldes um armistício de poucas horas. Mas este só teve o effeito contraproducente de retirar do trecho combatido aquelles prisioneiros inuteis.

Ao cahir da tarde estavam desafogados os jagunços.

Deixaram que se exgortasse a tregua. E quando lhes annunciou o termo uma intimativa severa de dous tiros de polvora secca seguidos logo de outro, de bala rasa, estenderam sobre os sitiados uma descarga divergente e firme.

A noite de 2 entrou sulcada de tiroteios vivos.

VI

Não ha relatar o que houve a 3 e a 4.

A lucta, que viera perdendo dia a dia o caracter militar, degenerou, ao cabo, inteiramente. Foram-se os ultimos traços de um formalismo inutil: deliberações de comando, movimentos combinados, distribuições de forças, os mesmos toques de cornetas e por fim a propria hierarchia já materialmente extincta num exercito sem distinctivos e sem fardas.

Sabia-se de uma cousa unica: os jagunços não poderiam resistir por muitas horas. Alguns soldados se haviam abeirado do ultimo reducto e colhido de um lance a situação dos adversarios. Era incrível: numa cava quadrangular, de pouco mais de metro de fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores, esfomeados e rotos, medonhos de ver-se, predispunham-se a um suicidio formidavel. Chamou-se aquillo o "hospital de sangue" dos jagunços. Era um tumulto. De feito, lá estavam, em maior numero, os mortos, alguns de muitos dias já, enfileirados ao longo das quatro bordas da excavação e formando o quadrado assombroso dentro do qual uma duzia de moribundos, vidas concentradas na ultima contração dos dedos nos gatilhos das espingardas, combatiam contra um exercito.

E luctavam com relativa vantagem ainda.

Pelo menos fizeram parar os adversarios. Destes os que mais se aproximaram lá ficaram, augmentando a trincheira sinistra de corpos esmigalhados e sangrentos. Viam-se, salpindo o acervo de cadaveres andrajosos dos jagunços, listras vermelhas de fardas e entre ellas ás dividas do sargento-ajudante do 39º que lá entrara, baqueando logo. Outros tiveram igual destino. Tinham a illusão do ultimo recontro feliz e facil: rompem pelos ultimos casebres envolvidos, cahindo de chofre sobre os titans combatidos, fulminando-os, esmagando-os...

Mas eram terriveis lances, obscuros para todo o sempre. Raro tornavam os que os faziam. Aprumavam-se sobre o que sopeava-lhes o arrojo o horror de um quadro onde a realidade tangivel de uma trincheira de mortos, argamassada de sangue e esvurmando pús, vencia todos os exaggeros da idealização mais ousada. E salteava-os a atonia do assombro...

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo unico em toda a historia, resistiu até ao exgortamento completo. Ex-pugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, cahiu no dia 5, ao entardecer, quando cahiram os seus ultimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dous homens feitos e uma creança, na frente dos quaes rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos á tarefa de descrever os seus ultimos momentos. Nem poderíamos fazel-o. Esta pagina, imaginamol-a sempre profundamente emocionante e tragica; mas cerramol-a vacillante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altissima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormentores em que repontassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos proprios lances, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo commentariamos, com a só fragilidade da palavra humana, o facto singular de não apparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros validos, colhidos na vespera, e entre elles aquelle Antonio Beatinho que se nos entregara, confiante — e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta phase obscura da nossa historia?

Cahiu o arraiol a 5. No dia 6 acabaram de destruir desmanchando-lhe as cascas, 5200, cuidadosamente contadas.

Antes, no amanhecer daquelle dia, commissão adrede escolhida descobriu o cadaver de Antonio Conselheiro⁵⁾.

Jazia num dos casebres annexos á latada, e foi encontrado graças á indicação de um prisioneiro. Removida breve camada de terra, appareceu no triste sudario de um lençol immundo, em que mãos piedosas haviam espalhado algumas flores murchas, e repousando sobre uma esteira velha, de tabúia, o corpo do "famigerado e barbaço" agitado. Estava hediondo. Envolto do velho habito azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto tumefacto e esqualido, olhos fundos cheios de terra — mal o reconheceram os que mais de perto o haviam tratado durante a vida.

Desenterraram-no cuidadosamente. Dadia preciosa — unico premio, unicos despojos opimos de tal guerra! — faziam-se mister os maximos resguardos para que se não desatucasse ou deformasse, reduzindo-se a uma massa angulhena de tecidos decompostos.

Photographaram-no depois. E lavrou-se uma acta rigorosa firmando a sua identidade: importava que o paiz se convencesse bem de que estava, afinal extincto, aquelle terribilissimo antagonista.

Restituiram-no á cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita — e como fóra malbaratar o tempo exhumando-o de novo, uma espada gacetosamente brandida, naquella mesma attitud, cortou-lh'a; e a face horrenta, empastada de escaras e de sanie, appareceu ainda uma vez ante aquelles triumphadores...

Trouxeram depois para o littoral, onde deliravam multitudes em festa, aquelle cranio. Que a sciencia dissesse a ultima palavra. Alli estavam, no relevo de circumvolugos expressivas, as linhas essenciaes do crime e da loucura...

VII

É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...

⁵⁾ Trecho da parte de combate, do commandante da 1ª columna: "... pelo que ordenei que se retirasse daquelle cova com todo o cuidado, o defuncto, e o levassem para a praça e assim se poder melhor verificar a identidade de pessoa; tendo-se reconhecido ser o do famigerado e barbaço Antonio Vicente Mendes Maciel (vulgo Bom Jesus Conselheiro), como consta da acta lavrada; mandei-o photographar para terem certeza de ser elle, aquelles que o conheceram."





A Geopoética de Euclides

A Tapuia, celta e grego — foi como Euclides da Cunha se definiu a si mesmo. Não etnicamente, é claro, pois, etnicamente, todo homem se perde no labirinto da raça imemorial. Tapuia, celta e grego — o que se expressa neste triângulo de aparentes antagonias é o sentimento do mundo em que se fundou sua geopoética das coisas, dos lugares e das pessoas.

Certa vez, convidado a pronunciar uma conferência para professores da Universidade de Pequim, fui surpreendido, ao final do debate, por um jovem professor chinês, que desejava mostrar-me "um longo poema brasileiro, perturbador e cosmogônico", que encontrara nas prateleiras da biblioteca acadêmica, e que lera, emocionado. Passou-me o livro, na encadernação típica, com sua capa dura forrada de seda azul, o título na última página, com os belos caracteres recortados em linha vertical. Era uma tradução chinesa de "Os Sertões", possivelmente o único exemplar que restava na China, salvo talvez por acaso da fúria bárbara da revolução cultural, que queimou em praça pública quase todos os livros "dos demônios ocidentais", vertidos para a língua mandarim, nos dias da dinastia Ching e nos primeiros anos da república. Euclides escapara das chamadas que não pouparam, por exemplo, o único exemplar de um manuscrito com a tradução completa dos Lusíadas, conforme me contava um neto do poeta João de Deus, Conselheiro da Embaixada de Portugal em Pequim, que tentara localizar o precioso original. Não é de estranhar, de resto, o furor biblioclástico da mesma revolução que queimou também as obras de Confúcio, os poemas de Li Po, de Tu Fu — os incomparáveis poetas da dinastia Tang, e as odes da antologia confuciana com que Pound renovaria, neste século, as estruturas da poética ocidental. Os chineses, aliás, sempre queimaram livros,

Gerardo
Mello Mourão

Gerardo Mello Mourão é escritor e poeta, autor de O Valete de Espadas (romance), O País dos Mourões, Peripécia de Gerardo e Rastro de Apolo (poesias). Foi correspondente da Folha de São Paulo em Pequim.

mesmo no esplendor de sua civilização. O imperador Hoang-ti, por exemplo, há mais de mil anos, enciumado pelas glórias de soberanos de outras épocas, consignadas nos livros de história, mandou queimar o famoso "Xu-Qing" — o livro dos Anais, compilado pelo próprio Confúcio, e parte do Pentateuco confuciano. Ao serem lançados às chamas os livros do Mestre, quatrocentos e sessenta letrados jogaram-se também na fogueira, para perecer juntos com o livro venerável. A tradição da queima de livros continua ainda hoje. Só que não há mais letrados para morrerem com eles. Mas isto é outra história.

É e não é. Pois, foi preciso que o livro de Euclides se salvasse do fogo, para que um letrado chinês o exibisse ao surpresa escritor brasileiro "como um longo poema perturbador e cosmogônico." Tentei, inutilmente, convencer o apaixonado leitor chinês de Pequim de que não se tratava, propriamente, de um poema, mas de um... e aí estaquei, sem saber, eu mesmo, como designaria a saga polifônica de "Os Sertões". Lembrei-me, então, da resposta de dois poetas hispano-americanos que, indagados, certa vez, por um editor alemão, sobre qual seria o maior poema da América, disseram com toda a fé de sua sabedoria poética: — "Os Sertões", de Euclides da Cunha.

A resposta de Efraim Tomás Bó e Godofredo Iommi, naquela longínqua manhã de Buenos Aires, repetia-se como um eco, tantos anos depois, numa fria manhã de inverno pequinês, quando o apaixonado professor insistia comigo que se tratava de um poema, e que era pena que a tradução chinesa não tivesse sido feita em versos.

Parece correto, assim, que se restitua ao rapsodo de "Os Sertões", neste ano de comemorações euclideanas, sua verdadeira identidade. Ele não escreveu uma obra de sociologia, nem um livro de história. Sua visão da "coisa" brasileira não se esgota

nessas vigências do conhecimento conceitual, nem nos limites sempre escassos para a visão cósmica, de uma pobre especulação geopolítica.

Creio que é de Joaquim Nabuco, um humanista europeíde, brasileiro, abolicionista, mas ainda assim racista a seu modo ou à moda da época, a observação, ao passar os olhos sobre as páginas de "Os Sertões", de que Euclides escrevia "com um cipó". Também já se disse que essa censura acadêmica seria exatamente o elogio maior do estilo do brasileiro Euclides da Cunha. Espécie de Centauro do Trópico, meio terra, meio homem, sua escritura era rude e barroca como a paisagem e as pessoas do país sertanejo.

Também já se disse, creio que Álvaro Lins, que Euclides é responsável pelo mau estilo das gerações que lhe sucederam, e isto é mais ou menos verdade. Confundiram o vigor cônico de sua linguagem com a declamação grandiloquente. O barroco euclidianos degenerou no rococó dos deslumbrados, que durante tantos anos produziu no país uma literatura altissonante e suspeita, na qual se pode inscrever a obra do próprio Guimarães Rosa, um grande escritor ambíguo, que cometeu o engano ou a impotência de uma confusão fatal: em vez de produzir uma linguagem, produziu uma língua. Mas isto também é outra história.

É e não é. Pois a geopoética de Euclides, responsável pela fundação real do país brasileiro, foi também o germe fecundante de uma escritura brasileira. Foi da raiz de Euclides, de sua áspera raiz de mandacarus, de seus gordos troncos de oiticica, das touceiras de seus gravatás e suas macambiras ásperas, que se abriu, afinal, na primeira metade deste século, a flor da escritura nativa deste país. A flor dessa escritura não está no brilhante mulato francês, aculturado brasileiro, chamado Mário de Andrade, mas na violência telúrica do romance nordestino, na escri-



O cinquentenário da morte de Euclides... na China

tura elementar de José Lins do Rego ou de Graciliano Ramos. Escritura que é a mesma de um outro texto fundamental da geopoética brasileira — "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre.

Parece, de certo modo, um paradoxo situar no mesmo nível a escritura singela e seca de Graciliano, de Gilberto, de Zélio, com a abundância barroca da escritura de Euclides. Mas isto é próprio da dialética estrutural do barroco. Basta olhar a estupenda arquitetura das cidades mais pobres de Minas Gerais, ou de Olinda, Penedo, e assim por diante. Basta ver a severa arquitetura bandeirante, os móveis séculos, riscados e cortados pelo homem das bandeiras, as ruas de casas de beiral baixo nas cidades pobres do Nordeste, para se entender essa dialética do barroco, em que o esplendor dos cachos de ouro pendentes das colunas se suporta nas linhas de serena e limpa pobreza dos portais de pedra lisa ou de meta madeira virgem. Dir-se-ia que os adornos e os taxaeados, os tetos apainelados das igrejas opulentas servem apenas para dar glória e relevo à beleza simples e verdadeira do mero espaço.

As fíbulas de antropologia, de geologia, de botânica que adornam o texto euclydeano são apenas a margem da pica da que abre para o conhecimento do homem e do chão brasileiros, em última análise, o homem em sua plenitude, o homem e sua circunstância. Não é por acaso que o grande livro de Euclides nasceu de uma reportagem. Nenhum texto se aproxima tanto do poema, como o texto da reportagem, da boa reportagem, em que o autor se demite de seus próprios concei-

tos e preconceitos, para nomear a coisa, o lugar, a pessoa e a relação entre essas três vigências — o fato — que é o drama propriamente dito.

Para entender "Os Sertões" seria bom lembrar que, muito antes de se dar à aventura do texto "escrito com um cipó", Euclides freqüentava as Musas e compunha versos, na esteira da vigorosa voz de Castro Alves. Suas obras completas incluem vários poemas, nos quais a áspere paisagem sertaneja e o idílio nemoroso da selva aparecem como irresistível fascínio do espírito em busca de si mesmo:

*"Se vagares um dia nos sertões,
Como hei vagado. . .*

*Se sondares da selva a entranha fria
Aonde dos cipós na relva extensa
Nossa alma embala a crença,*

*Se nos sertões vagares algum dia,
Companheiro! Hás de vê-la,*

*Hás de sentir a dor que ela derrama
Tendo um mistério, aos pés de um negro drama,*

Tendo na frente o raio de uma estrela! . . .

Mário Vieira de Mello, num belo livro sobre as raízes do desenvolvimento brasileiro, ou antes sobre a face oficial da chamada civilização brasileira, mostra que foi da árvore do romantismo francês, do pior romantismo francês, que se nutriu a po-

bre e farfalhante folhagem cultural deste país. Se é verdade que um país só se funda quando é fundado culturalmente, isto é, quando sua identidade é conhecida e cultivada, não será demasia, datando de Euclides a fundação da cultura brasileira, datar dele também a fundação do país — o momento em que a inteligência nacional se encontra com o povo e com a terra. É por isso que o conhecimento de um país, seu comando e seu destino, são sempre objeto de uma geopoética nacional.

O próprio Euclides adverte, no prefácio que escreveu aos "Poemas e Canções", de Vicente de Carvalho, que a visão poética era capaz de produzir melhor a expressão do país, que os números, os diagramas, as doutrinas e as matemáticas do engenheiro. "Solo poeticamente se aparece" — diria o poeta maior, com relação ao aparecimento dos países. E no grande canto da "Amereida" — que é uma espécie de Eneida da América, o poeta, como se interrompesse de repente a contemplação do continente, exclama:

*"América
épica?"*

E ele mesmo responde:
*"Sarmiento no miente,
Euclides no olvida,
Juana la monja su dedal
nos cose".*

A menção conjunta desses três inventores da América não ocorre por acaso. Ninguém pode falar de continentes sem ter estado neles, nem de cidades sem ter entrado por elas. São as que se comunicam, só pode usar a linguagem que as expressa, quem se serve da mediação

da experiência. Os lugares, como as coisas, só aparecem para os homens depois que alguém lhes diga o nome. Euclides foi o primeiro a dizer-nos o nome do sertão, que antes dele era uma lenda, uma vaga história sem contornos. Foi com ele, que nos demos conta de que o Brasil inteiro era um "sertão" — o deserto dos conquistadores.

Talvez a etimologia nos ajude ao entendimento da inexistência nacional do Brasil naquele tempo. O sertão é o deserto, o deserto grande. E o "deserto" ("de" + "sero") é uma região sobre a qual os homens não lançam uma semente. Na dicotomia spengleriana entre a cidade e o campo (vide o belo livro de Joaquim Ponce Leal, "Os Homens e as Armas"), é que os povos chegam ao conflito criador entre as duas vigências da nação, que só no confronto assumem sua identidade. A cidade só está realmente fundada, quando tomou conhecimento do campo, e o campo só passa a existir quando é alcançado pela surpresa da cidade. Sem tal encontro, o país é um "deserto", um solo sem sementes, uma dicogamia, uma dislogia de estéril solteirismo.

O país começa a existir quando a cidade e o campo se confrontam. O primeiro confronto é sempre uma guerra — e aí podemos ir além das próprias teses de Spengler. Nesse confronto, os homens tocam pela primeira vez numa zona de pele ainda intata da história, para usar a expressão de Ortega y Gasset. É para este momento inaugural que Euclides reclama a precedência de seu sangue de poeta sobre seu espírito lógi-

co de engenheiro. O episódio de Canudos não é entendido nem pelos generais, nem pelos políticos, nem pelos sertanejos de Antônio Conselheiro. Uns e outros travam seu duelo nos limbos da história. Só o poeta - o repórter de "Os Sertões" - têm a consciência mágica de identificar aqueles limbos com os próprios vestibulos da história. Só ele sabe que um povo vai nascer naquelas rudes terras ensanguentadas, e que os aglomerados humanos, de um lado e de outro, passarão a ser um povo.

Alberto Guerreiro Ramos, talvez o único sociólogo brasileiro com uma visão geopoética de nossa história, diria que até o testemunho patético de Euclydes sobre Canudos, o Brasil da cidade não tinha "povo". Tinha apenas um "público". O "povo" foi criado ao sopro da palavra de Euclydes da Cunha, a palavra criadora, soprada sobre o barro do arraial do Conselheiro, e sobre o barro da pobre inteligência dos soldados e dos generais, vindos do "desertão" da cidade, e que não sabiam bem por que estavam matando nem por que estavam morrendo.

As próprias passagens de "Os Sertões", em que Euclydes adorna de referências geológicas ou fitológicas o texto violento da epopéia, são como um contraponto de testemunho à estrofe dramática, à semelhança do coro na tragédia grega. Pois, na verdade, como queria Efraín Tomás Bó, "a realidade americana parece surgir de um confúbio entre homens e natureza". Não será por acaso que o fascínio desse confúbio está presente em todos os clássicos, que fundaram a literatura americana e, pois, que fundaram a América. José Hernández ("Martín Fierro"), o mais ingênuo desses fundadores, quase um primitivo, diz, na carta-prefácio de seu livro elementar, que seus "gauchos" peleadores e gloriadores, eram todos "filhos da natureza".

Não há dúvida de que os episódios e os personagens históricos dessa literatura inaugural - também o Conselheiro em "Os Sertões" - ao se fundirem com os elementos, assumem uma aparência fantástica e surreal. A própria história de Canudos e de seu herói rompe os limites do natural. Estamos diante do sobrenatural. Por isto mesmo, fora do mundo lógico. No mundo mágico da epopéia, do puro poema, pouco importando a medíocre classificação escolar que lhe atribuíam os pobres professores de literatura acadêmica. O "epos" é matéria-prima da poesia, como do romance. E o romance é também história, talvez a melhor forma de escrever a história, sua melhor versão. Nenhum historiador, nenhum livro de história, nos dará um conhecimento tão vivo da guerra napoleônica na Rússia czarista, do que "Guerra e Paz", o romance de Tolstói. Como

nenhum historiador nos terá dado uma expressão tão fiel de certo trecho da sociedade inglesa, como "Vanity Fair", o romance de Thackeray.

O homem possuidor da natureza, o homem cúmplice da terra e solidário com ela, é um ser que se recusa à solidão entre as coisas inertes, num mundo dessacralizado, e se dispõe a hospedar outras figuras e entidades que rompem seu isolamento - como observava o filósofo Vicente Ferreira da Silva, propondo uma "concepção transumanista da vida".

Há uma idade - lembra Efraín Tomás Bó - em que o povo engendra e consagra poeticamente seus heróis. É a idade de Euclydes, a idade de "Os Sertões", a idade em que nasce realmente o país. A idade heróica é sempre "primitiva, anárquica, sem um organismo político robusto, que coarte o esforço prepotente do indivíduo". Essa é a atmosfera própria da epopéia, e a epopéia é própria do nascimento dos povos.

No âmago da epopéia está o nascimento do ser humano. Euclydes sabia disso - "Euclydes no olvida", repetindo o poeta. A descrição de Canudos é uma estrofe exemplar:

— "Canudos tinha naquela ocasião — foram uma a uma contadas depois — cinco mil e duzentas vivendas; e como estas, cobertas de teto de argila vermelha, mesmo no ponto em que se ergiam isoladas, mal se destacavam, em relevo, no solo, acontecia que as vistas, acomodadas em princípio ao acervo de par-dieiros compactos em torno da praça, se iludiam, avolumando-a desproporcionadamente. A perspectiva era empolgante. Agravava-a o tom misterioso do lugar. Repugnava admitir-se que houvesse ali embaixo tantas vidas... Havia mulheres e crianças sobre que rolavam durante três meses massas de ferro e de chamas, e elas punham muitas vezes no fragor das refregas a nota comove-

dora do pranto"...

Nada mais alto na descrição da agonizante Troia cabocla do que essa breve anotação de um gemido de mulher, de um choro de criança. Em "Os Sertões", em todo o documentário da grande aventura, no texto de "Canudos" — "Diário de uma Expedição" — quase um diário íntimo, está toda a história vestibular do homem brasileiro, o soldado que nasce para a cidade, e o sertanejo nascido para sua gleba elemental, fora da qual só resta um caminho para o profeta que tomba entre as imagens de seu templo: — a embaixada aos céus, para o diálogo definitivo com os deuses.

"Não há manhãs que se comparem às de Canudos - anota Euclydes no "Diário" - nem as manhãs sul-mineiras nem as manhãs douradas do Planalto Central de São Paulo se equiparam às que aqui se expandem num firmamento puríssimo, com irradiações fantásticas de apoteose". A essa apoteose da natureza se junta a apoteose dos homens, erguida sobre o chão embebido de sangue, sobre as pirâmides de cadáveres, sobre o profeta derelicto, abraçado à cruz e morto de borcos em sua catedral despedaçada, com as cornetas militares anunciando a vitória e o hino à República estrugindo das gargantas roucas da soldadesca.

A rendição de Canudos foi o coito final entre a cidade e o campo, quando a vida e a morte se conheceram no leito nupcial do sertão rendido. E é só então que Euclydes profere o epitáfio amargo da raça que fundaria a nação: — "Via-se, então, pela primeira vez, em globo, a população de Canudos; e, à parte as variantes impressas pelo sofrer diversamente suportado, sobressaía um traço de uniformidade rara nas fisionomias mais características. Raro um branco ou um negro puro. Um ar de família em todos delatando, iniludível, a fusão perfeita de três raças. Predominava o pardo lídimo, mis-

to de café, português e tapuia - faces bronzeadas, cabelos corriedos e duros ou anelados, troncos desleigos; e aqui e ali, um perfil corretíssimo, recordando o elemento superior da mestiçagem. Em toda, vitoriosos, díspares e desunidos, o branco, o negro, o café e o mulato proteíformes com todas as gradações da cor... Um contraste: a raça forte e íntegra abatida dentro de um quadrado de mestiços indefinidos e pusilânimes. Quebrada de todo a luta. Humilhava-se. Do ajuntamento miserando partiam pedidos fêbeis e lamurientos, de esmola... Devoravam-na a fome e a sede de muitos dias".

E será sempre um "momento" para a história do homem e do país, repetir o epílogo épico de "Os Sertões", que tem um título definitivo: "Canudos não se rendeu". Ninguém, no Brasil, terá um dia meditado eficazmente sobre o destino da nação, senão houver lido, até guardá-la de memória, a estrofe final — a "CATASTROFE" - do holocausto e da catarse:

— "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam cinco mil soldados".

... "Caiu o arraial a 5. No dia 6, acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, cinco mil e duzentos cuidadosamente contadas".

Antes disso, um dos prisioneiros, interrogado por um oficial do exército sobre a razão ou a recompensa que justificava aquela luta até à morte, sob o comando do pávido profeta cearense de Canudos, respondeu, com sereno orgulho:

— "Salvar a alma".

Certamente a resgataram. Como Euclydes, ao fundar sobre o episódio estupendo sua geopoética da nação, salvou a alma do Brasil. Esta alma que está na frase curta e decisiva do canto final de "Os Sertões": — "Canudos não se rendeu". E se alguém nos indagar de que lado estava a alma do país, quando se defrontaram os quatro últimos guerreiros - um velho, dois homens feitos e uma criança - com os cinco mil soldados que rugiam raivosamente diante deles - a resposta possível será esta: dos dois lados. Mais, porém, muito mais, do lado dos fiéis à palavra do Profeta. Pois foram eles, verdadeiramente, que pagaram com seu sonho e com seu sangue a salvação da alma. Da alma de cada um, e da alma desta nação que, ao invés de dormir eternamente em berço esplêndido, é, na verdade, açoitada para a vida no leito de mandacarus do sertão de Canudos.





A história das Edições

O

histórico das sucessivas edições de *Os Sertões* não poderia ser mais complicado.

A primeira edição, dada à luz em 1902 pela Laemmert, do Rio de Janeiro, já alarmou seu Autor devido ao excesso de erros gráficos, conforme queixa ao amigo e mentor Francisco Escobar em carta datada de 19 de outubro de 1902:

"Tenho passado mal. Chamaste-me a atenção para vários descuidos dos meus 'Sertões'; fui lê-lo com mais cuidado - e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página o meu olhar fisga um erro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente... Um horror! Quem sabe se isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro? Manda-me dizer daí algo a respeito. Imagina que lá encontrei *ã facção, ã pranchada, braço ã braço, tempos ã tempos*, etc. etc. / Não te posso dizer como fiquei. Por fim - abrindo, ao acaso, depois do jantar, uma página, - encontrei isto: *Não iludia ã história...* / Não te descrevo o que houve! Quer isto dizer que estou à mercê de quanto menino crúditu bruce as esquinas; e passível da fêrula brutal dos terríveis gramatiqueros que passam por aí os dias a remascar preposições e a disciplinar pronomes! / Felizmente disseram também que o Victor Hugo não sabia francês. / Vou escrever ao Laemmert para reduzir quanto possível, a 1.ª edição, se houver tempo". (1)

Vai nesta afirmação muito do exagero de autor

(1) Francisco Venâncio Filho, *Euclides da Cunha e Seus Amigos*, 1938, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 78-9.

Walnice Nogueira Galvão

Walnice Nogueira Galvão é professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP, autora de "As Formas do Falso", "No Calor da Hora", "Saco de Gatos", "Mitologia Rosiana", "Sappamatr" e "Gatos de Outro Saco". Este texto é parte da primeira edição crítica de "Os Sertões" em preparo pela autora.

estrange, além do mais dotado de extraordinário *animus corrigendi*, patente nas exaustivas emendas que efetuou em todas as edições de sua obra, enquanto vivo. De fato, corrigirá para a impressão da segunda edição não só erros gráficos, embora numerosos não muito graves por sua própria natureza, mas sobretudo questões de estilo e algumas poucas falhas de informação.

Ainda assim, a antecipar o que será o destino de cada edição, a primeira já sai com uma *Corrigenda* final, à página 635 (não numerada nem indicada no Índice), que vai aqui reproduzida para ser por nós analisada a seguir; mantivemos a ortografia original, para fins de clareza:

Escaparam à revisão vários enganos:

as vezes, ã pranchadas, a maneira de, ã outros e idênticos; suppletivo, pittoresco, paisagem, lugar, obsessão, espontâneo, escusado, encomente, (por incombente), igual, etc; alguns sem serem erros, perturbam a uniformidade gráfica: mobilizar, centralizar, organizar, razo, etc.

Uns e outros, de prompto percebidos pelo leitor, dispensam as correções correspondentes.

Apontemos apenas estas:

À pag. 10 - leia-se *quasi abarcaria a Hollanda* e não *abarcaria a Hollanda*.

À pag. 83 - *Fenton* - e não - *Fulton*.

À pag. 96 - *Bruzzo Spinosa* - e não - *Bruno Spinosa*.

A primeira erração se refere ao emprego incorreto da crase, graficamente sinalizada pelo acento grave, que as normas da língua exigem hoje na contração entre preposição e artigo, e proíbem se não há artigo. Segundo os exemplos selecionados pela *Corrigenda* - são inúmeros na primeira edição, afota esses -, a crase está sistematicamente empregada ao contrário. De-

veria ser: *às vezes, a pranchadas, ã maneira de, a outros*; ademais, é utilizado o acento agudo em lugar do grave para indicar a crase. Acrescentamos que, corrigidos a partir da segunda edição, alguns erros de crase ainda persistirão nas outras. E, certamente, o emprego do sinal gráfico do acento agudo para indicar crase não era erro, pois também ocorre em outros autores da mesma época, e nunca é alvo de correção.

A segunda indicação se refere a oscilações, e não propriamente erros, de grafia de vocábulos, comuns na fixação do léxico brasileiro da língua portuguesa. *Supletivo*, de fato, antes da reforma ortográfica, tinha dois *pp* mas certamente não deve ter um *c* antes do *t*, em respeito a sua origem latina vulgar (*suppletivu*). Aqui, a introdução se deve à contaminação de formas paralelas, porém de derivação diversa, como *coletivo*, antes *collectivo* (do latim vulgar *collectivu*).

Quanto a *pittoresco*, uma adaptação do italiano, onde o adjetivo já existia, a opção de Euclides foi numa direção enquanto a da língua foi para outra; enquanto Euclides sistematicamente emenda para *pintoresco* na segunda edição (hoje, *pinturesco*), a língua tornou corrente a forma paralela *pitoresco*. *Paisagem*, conforme a grafia da primeira edição, guarda ainda excessivamente a marca de sua origem francesa (*paysage*). A segunda edição emenda sistematicamente para *paisagem*, que a reforma ortográfica viria a restaurar para *paizagem*. *Lugar* será corrigido na segunda edição para *logar*, de acordo com as normas ortográficas da época, quando as nossas contemporâneas novamente importou *lugar*; mas persistirão ambas como um dos casos de sincretismo. *Obsessão*, corrigido para *obsessão* na segunda edição, adaptou-se às normas de então e de hoje. Deve ser todavia lembrado que a oscilação é muito corrente, embora a primeira forma seja errada,

devido à confluência semântica de lições etimologicamente distintas. Com efeito, *obsessão*, *obsecado*, *obsessivo*, para só anotar as variedades mais comuns, vêm do latim *obsessio*, enquanto *obcecado*, *obcecação* e *obcecar* vêm de *obcecace*; mas as denotações de preocupação, idéia fixa, mania para as primeiras, freqüentemente acabam por se confundir com a denotação de ficar cego, no sentido figurado, das segundas. *Exponataneo* e *excusado*, na primeira, serão corrigidos para *espontaneo* e *excusado*, na segunda. A primeira correção é pertinente, pois restaura a etimologia latina; já a segunda correção comete o erro de violá-la. Mas, até recentemente, essas duas etimologias foram objeto de polêmica e, embora não mais haja dúvida sobre elas, a confusão é muito encontrada. *Incumbente*, na primeira, torna-se *incombente* na segunda, quando o certo seria *incumbente*, mesmo na época. Quanto à oscilação *e/i* na sílaba inicial, ela é sincrética em vários autores coveos e, nosso Autor também apresenta outros casos: igual, na primeira edição, será sistematicamente corrigido para *igual* na segunda, quando a forma contemporânea é *igual*.

Entretanto, os exemplos selecionados pela Corrigenda são insuficientes para dar uma idéia da imensa quantidade de correções meramente ortográficas a ocorrerem na segunda edição, como se verá no quinto capítulo deste trabalho.

A terceira indicação se refere aos verbos em *-izar* e ao vocábulo *razo*. A Corrigenda aponta como devendo ser modificadas, mesmo "sem serem erros", as formas com *z*; ou seja, conforme o exame das duas edições, enquanto na primeira ocorrem verbos em *-isar* e *-izar*, sincréticamente, a segunda edição tratará de uniformizá-los em *-isar*, ao contrário da norma de hoje. O mesmo se dará com *razo*, que passa a *raço*, coerentemente com a etimologia, bem como com um grande número de outros vocábulos.

A quarta indicação não trata mais de ortografia mas de informação propriamente dita: corrige-se uma questão de tamanho territorial e dois nomes próprios. As emendas

*Em folia de um post-kart, illuminaria
Sua enquadre de que pressu o sinto a imagem,
Em relevo, na artística malchura
De um trecho negativo de paisagem -
the nae, para sandal. o no remanso
De um lar. onde tara' digno conselho,
Este embudo, este jaguno, manso
- misto de celta, de Tapuya e grejo -*
Luoma 26-12-903

serão incorporadas ao texto da segunda edição, onde se lê: "quase abarcaria a Holanda" (p. 10), Fulton (p. 82) e Bruzzo Spinoza (p. 94). As três emendas são pertinentes e de fato corrigem erros.

Esta análise até aqui conduzida, menos interessante que minuciosa, visa a demonstrar que as emendas meramente ortográficas efetuadas nas edições em vida do Autor incidem não tanto sobre erros graves como sobre oscilações sem maiores consequências.

Ao contrário dos temores de Euclides, a primeira edição de seu livro conheceu intenso êxito e se esgotou rapidamente, conforme comunicação ao pai, Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, em carta datada de 19 de fevereiro de 1903:

"Ontem, p. ex.: recebi uma carta do Laemmert declarando-me que é obrigado a apressar a 2.ª edição, já em andamento, dos "Sertões", para atender a pedidos que lhe chegam até de Mato Grosso - e aos quais não pode satisfazer por estar esgotada a 1.ª. Isto em dois meses! Agora é que eu vejo como fui tolo em celebrar o contrato que fiz! Provavelmente terei uma ninharia pela 1.ª edição já esgotada. Mas nem nisto falaram ainda os bons patrões que espontaneamente procurei. O que houver a respeito lhe comunicarei logo. Estimo a 2.ª edição, principalmente porque sairá correta, destruídos os muitos erros de revisão da 1.ª". (2)

Os dados a respeito de tiragens e preços das primeiras edições de *Os Sertões* são inexistentes, entrando no quadro geral das calamidades que assolam o conhecimento possível das condições mate-

(2) Francisco Venâncio Filho, *op. cit.*, p. 83.

riais de publicação de livros em nosso país (3). Por isso, aproveitamos uma ou outra minúscula pista, rastreável principalmente na correspondência do Autor. Em nova carta ao pai, datada de 25 de fevereiro de 1903, ele acrescenta mais alguns dados:

"Estive no Rio - e modifique um pouco o que disse sobre os editores dos "Sertões". / Pelas contas que vi, as despesas foram, de fato, grandes - de sorte que, dividido o líquido, terei um ou dois contos de réis. É possível que seja mais feliz na 2.ª edição. Os homens, apesar do que dizem (e nesta terra são fáceis os juízos temerários) me parecem sérios." (4)

Parece que com o pai Euclides tinha maior liberdade para discutir esses assuntos de dinheiro, porque em outra carta a ele destinada, datada de 12 de junho de 1903, dá pormenores mais precisos:

"O Laemmert propôs comprar-me desde já por 1:600\$000 a 2.ª edição dos "Sertões" que saiu há três dias. Aceitei porque preciso fazer uma entrada do seguro de vida que fiz, e com o que anteriormente recebi paguei as dívidas que tinha. (...) Além daquela quantia dão-me os editores, quarenta e cinco livros, o que eleva a importância da venda que fiz". (5)

(3) Olímpio de Sousa Andrade, *O Livro Brasileiro*, 1978, Livraria Editora Cátedra/INL, 2.ª ed.

(4) Francisco Venâncio Filho, *op. cit.*, p. 84-5.

(5) Francisco Venâncio Filho, *op. cit.*, p. 100.

Olímpio de Sousa Andrade, escrupuloso pesquisador, junta as informações que conseguiu reunir e fornece o seguinte quadro. A primeira edição foi financiada pelo Autor, com a quantia de um conto e quinhentos, o que vinha a ser aproximadamente o dobro de seu salário de engenheiro-funcionário público. Recebeu como saldo da primeira edição dois contos e duzentos. Foi a Laemmert que insistiu para fazer a segunda e a terceira edições. No total, as três edições somaram seis mil exemplares.

Não esqueçamos que, mesmo com autofinanciamento, Euclides precisou de empenhos pessoais para editar seu livro. Levou ao todo poderoso Massow da Laemmert uma carta de recomendação "entusiástica" de Lúcio de Mendonça, o qual, além de ser por todos os títulos um homem influente, era também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. (6)

Nesse mesmo ano de 1903 sai a 2.ª edição, com o registro na folha de rosto: 2.ª edição corrigida. Desaparece a Corrigenda, mas em seu lugar vêm umas extensas "Notas à 2.ª edição", ocupando, em tipo menor, as páginas de 613 a 618. Essas notas, que defendem posições de opinião do Autor, foram desde então incorporadas a todas as edições. Por sua vez, estas, até à 28.ª da Francisco Alves, bem como as de outras editoras como mais adiante arroladas (exceto a da Universidade de Brasília, que prefere intitulá-las "Notas do Autor"), repetem o erro da 3.ª edição que as rotula "Notas à 3.ª Edição", embora elas estejam sempre datadas de "17-4-1903" e sejam absolutamente iguais.

Segue-se, em 1905, a "3.ª edição corrigida". To-

(6) Olímpio de Sousa Andrade, *História e Interpretação de "Os Sertões"*, 1986, S. Paulo, EDART, 3.ª ed. p. 2.

das, até aqui, no mesmo formato in 8.º e no mesmo tamanho.

A próxima edição, a "4.ª edição corrigida" (1911), inaugura o livro numa nova casa, a Francisco Alves & Cia., Rio de Janeiro, onde permanecerá em sucessivas edições até hoje, sendo a mais recente a 28.ª. A 4.ª edição tem tamanho ligeiramente menor, mas sempre no formato in 8.º.

É com a quinta edição (1914) que se dá uma reviravolta. Além de repetir a expressão já consagrada de "5.ª edição corrigida", a folha de rosto acrescenta: "Edição definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo Autor", o que corresponde à verdade. Ocorrerá que, após a morte de Euclides em 1909, e após a tiragem da 4.ª edição de 1911, fora encontrado um exemplar da 3.ª edição minuciosamente emendado pelo Autor. Em tempo: a indicação "4.ª edição corrigida" não corresponde à verdade, pois a edição é igual à 3.ª, afora eventuais e insignificantes erros gráficos. Por outro lado, podemos afirmar, à vista da colação por nós feita, que a expressão é justa para as demais edições. Todas elas - a 1.ª, a 2.ª, a 3.ª, - foram exaustivamente emendadas pelo Autor, o que faz cair por terra a afirmação contida na Advertência dos Editores à frente da 5.ª edição, a de que "Todas elas, sensivelmente, não diferiam".

Tendo, então, surgido uma última vontade do Autor, desde a 5.ª até a 27.ª edição a Advertência dos Editores reproduz fac-similada sua chancela autógrafo: "Livro que deve servir para a edição definitiva (4.ª)".

Todavia, o texto definitivo veio ainda a sofrer alterações.

A 12.ª edição (1933) foi preparada por Fernando Nery, a partir de uma nova leitura daquele exemplar com correções autógrafas. O próprio Fernando Nery acrescentou, e as edições desde a 12.ª até a 27.ª repetem, subtítulos que recortam os longos capítulos do livro. Tais subtítulos, temos que reconhecer, aliviam a leitura e orientam o leitor. Além do mais, eles são retirados de expressões constantes do próprio texto de Euclides, não desrespeitando, portanto, o estilo do Autor. No entanto, nossa edição crítica, que tem por dever restaurar a última vontade do Autor, preferiu eliminá-los.

Fernando Nery fez também 181 notas de rodapé, consecutivamente numeradas, para a 5.ª edição, e essas notas se repetem igualmente até a 27.ª edição. Tal é seu respeito pelo texto que, com exceção de meia dúzia delas, que explicitam nomes próprios indiretamente referidos pelo Autor e corrigem datas, as notas apenas remetem a outras páginas onde se trata do mesmo assunto, assim: "(22)V. pág. 461".

A 27.ª edição da Francisco Alves é fruto de uma nova composição, tendo a anterior se perdido por ocasião do incêndio que destruiu as instalações daquela casa, bem como, segundo consta, os originais do livro. O volume tem capa e ilustrações de Aldemir Martins.

A 28.ª edição da Francisco Alves, (bem como a 29.ª e a 30.ª, que a copiam), recorre a uma nova leitura da 3.ª emendada, feita por Teresinha Marinho.

Mas, nesse ínterim, algo ocorrera: desaparecera o exemplar da 3.ª com correções autógrafas de Euclides. O autógrafo de Fernando Nery, no reverso da folha de ante-rosto do exemplar da Academia (logo adiante examinado), declara-o em poder de Belisário Távora, tabelião

no Rio de Janeiro. Sucessivos pesquisadores, como Olímpio de Sousa Andrade e Teresinha Marinho, seguiram as pistas mas não conseguiram mais achá-lo.

Por sorte, outros cuidados haviam sido tomados. Fernando Nery havia trasladado, por encomenda de Afrânio Peixoto, segundo Hersílio Ângelo na edição da Cultrix, para outro exemplar da 3.ª edição todas as emendas feitas por Euclides, em 1934, segundo o mencionado autógrafo, e esse exemplar até hoje se encontra sob a custódia da Academia Brasileira de Letras, em sua sede no Rio de Janeiro. É nesse exemplar, com correções agora autógrafas e não mais autógrafas, que se baseiam a 28.ª edição da Francisco Alves e nossa edição crítica.

O trabalho de Fernando Nery deu ainda outro fruto. O Grêmio Euclides da Cunha, de São José do Rio Pardo, providenciou a cópia das correções autógrafas feitas por Fernando Nery em ainda outro exemplar da 3.ª edição, que se encontra sob a guarda de Oswaldo Galotti, segundo explicação de Hersílio Ângelo na edição da Cultrix.

Foi este exemplar que serviu de base tanto para a edição da Universidade de Brasília (1963) como para a edição da Cultrix (1973).

Na década de 60, as edições começam a surgir e a se multiplicar fora da Francisco Alves; o livro cai em domínio público em 1969.

*Seu se forte, resignando e peritico - Apres
Tou se cedo para a lucte. O seu se
fecto reconda por sever, vagamente,
o de um guerreiro antigo salicando de
refregas de guerra, são como arma-
dura. Envelho de giba de couro co-
tado, de lode ou de vaqueta, apen-
tudo pelo canteiro também de couro,
Caloumo as pernas, de couro
cunhado amado, mendo fustas, co-
do as pernas e subindo até a
velhas; e resignando os pés e a
mão pelas luvas e grandes pés
de pelle de urso - e como a
forma grossa de um camponês
medieval, desarmado sem armas, tem
po de um humilhado, com a sua arma, fustas,
tem subido, com a sua subido, com a
pelo sol e fustas e pontos de urso
e com o urso de uma perspectiva de
tallo sem victorias...*





A vida, numa curva de linhas retas

I

A biografia, segundo os dicionaristas, é a descrição ou história da vida de uma pessoa. A rigor, trata-se de um gênero trabalhoso, porquanto implica na localização da personagem no tempo e no espaço. No conhecimento de seus antecedentes familiares. No seu aspecto físico, na sua psicologia e nas características de sua personalidade. Na sua participação nos acontecimentos históricos. Nas suas amizades. Nas obras que produziu. Nos lugares em que viveu. Na sua correspondência. Estes, além de outros fatores, permitirão surpreender e compreender o "fenômeno" euclydeano.

Moisés Gikovate

Moisés Gikovate
é advogado e escritor,
1.º secretário do
Centro de Estudos
Euclides da Cunha (SP),
membro do Instituto
Histórico e
Geográfico de S. Paulo.

II

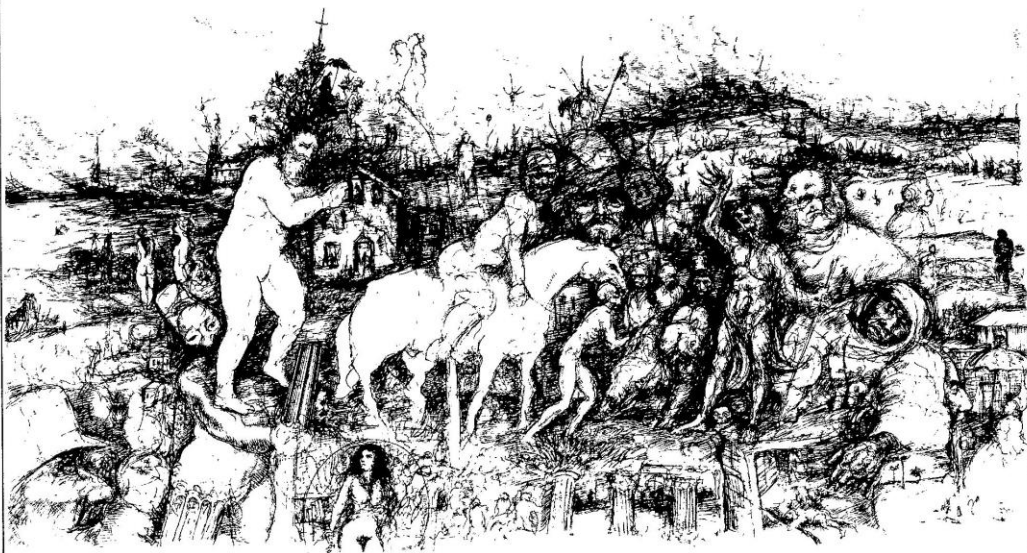
Pertenceu Euclides da Cunha a uma época que, por suas características universais e brasileiras, delimita períodos antagônicos e paradoxais no sentido de graves e profundas modificações político-institucionais e sócio-econômicas. Novos fatores, até então ausentes, abalaram as velhas estruturas. Após lenta fermentação, determinaram rumos singulares.

Viveu Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha numa época de grandes transformações sociais (1866-1909): dois regimes de trabalho, dois regimes políticos. O trabalho escravo foi substituído pelo trabalho livre; o regime monárquico cedeu lugar ao republicano. Houve participação de Euclides no decorrer dos dois períodos, direta ou indiretamente, não se tendo omitido em momento algum. E, ainda, no campo

literário, porquanto a sua obra máxima, "Os Sertões", constitui marco divisorio entre dois momentos decisivos nas letras nacionais.

III

Recompor a personalidade de Euclides da Cunha, síntese de seu retrato físico e psicológico, não é tarefa das mais fáceis. Exige perspicácia, conhecimento e capacidade interpretativa. A formação de seu caráter é o resultado da soma de emoções que recuam aos primeiros anos de sua infância; aos mais tenros anos de sua vida. E vão em um crescendo através de toda ela para culminar numa tragédia "esquiliana". Respingamos, aqui e ali, num e noutra autor. Uma frase, uma afirmação sua ou de outrem, permitirão uma visão de conjunto. Os antecedentes raciais respondem, em parte, às nossas indagações.



IV

Para melhor metodização, consideraremos períodos: o *monárquico* e o *republicano*. Dos quarenta e três anos da vida de Euclides da Cunha, 23 pertencem ao primeiro período (20.1.1866 a 15.11.1889) e 20 ao segundo (16.11.1889 a 15.08.1909). A Proclamação da República serve de divisor entre eles.

Denominamos a essa primeira quadra de sua vida *período de formação*. É, por assim dizer, a fase idealista de sua existência. O ideal republicano despertou nele precocemente — no qual pautou muitos de seus atos —, em base da doutrina filosófica do positivismo de Augusto Comte. Cumpre acentuar que Euclides ambicionava uma república perfeita.

V

Em comunicação ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 28.04.1982, dizíamos:

"Os estudos euclidianos exigem incursões nos domínios de Clío, frequentes e persistentes. Não há separação da História.

Apesar da vasta bibliografia existente, permanecem os estudos da vida e da obra de Euclides da Cunha de forma fragmentária, dada a ausência de uma obra global, orgânica e una, que abrangesse, como um todo, o conteúdo de seus múltiplos aspectos. Cumpre apreender toda a riqueza de seu teor, o sentido profundo, e mesmo profético, de sua mensagem. O inserimento da vida e da obra de Euclides no panorama histórico, econômico, político e social de nossa Pátria.

Impõe-se, pois, a revisão dos estudos euclidianos, no sentido da reavaliação do muito que já foi escrito e que permanece disperso em jornais, revistas, suplementos, folhetos, livros esgotados, raros e de difícil acesso. E ainda os inéditos que figuram nos arquivos e órgãos oficiais, civis ou militares, ou que pertencem a particulares, que não devem considerá-los como propriedade privativa. Deve ser permitida fácil consulta e sua utilização".

Euclides está à espera de novas avaliações e interpretações através de diferentes caminhos.

VI

A valorização da vida é a resultante da ação recíproca entre o indivíduo e os acontecimentos históricos. Há, pois, a considerar a *personalidade*, em função do *momento histórico*.

No caso específico de Euclides, é perfeitamente identificável essa reciprocidade, conseqüente de sua personalidade singular e dos sucessos históricos marcantes.

Euclides da Cunha nasceu em Cantagalo, no distrito de Santa Rita do Rio Ne-

gro, hoje Euclidelândia, na fazenda da Saudade, a 20 de janeiro de 1866, em plena Guerra do Paraguai. Era filho de pai baiano e mãe fluminense, Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e Eudóxia Moreira Cunha. Teresa de Jesus Viana, sua avó paterna, trazia em suas veias sangue indígena.

Seu pai possuía boa cultura. Dedicava-se ao comércio, mas também fazia versos. Deixou seu Estado atraído pela miragem do Vale do Paraíba do Sul. Pelo casamento, tornou-se proprietário de uma fazendola e, entre a lavoura e os seus deveres profissionais, viu correrem dias tranquilos na vida rural.

Euclides da Cunha ficou órfão aos três anos (1869). A morte de sua mãe marcou-o profundamente e para sempre. Diante do corpo inerte, bradava Euclides que a sua mãe não havia morrido, que seu pai era injusto...

Feria início a sua peregrinação. Junto com sua irmã

Adélia, foi Euclides entregue aos cuidados de uma tia, Rosinda, em Teresópolis. Fixou ele na retina o sentido daquela paisagem, recordando-a, posteriormente, em carta a Lúcio de Mendonça. Acusando a uma carta, escreve: "...ela vem de uma terra sagrada para mim, esse alpestre Teresópolis, onde passei os mais verdes anos e me criei; de sorte que a adorável vila forma o cenário mais longínquo das minhas recordações e das minhas saudades".

O falecimento da tia Rosinda (1871) pôs novamente em marcha o pequeno Euclides. Recolhido por outra tia, Laura Garcez, prosseguiu a sua "infância sem lar", no sentido próprio da expressão, indo residir na Fazenda São Joaquim. Aprendeu as primeiras letras. Discursava aos animais, o que evidencia o gosto pela sonoridade das palavras. Ali passou os sete anos mais tranquilos de sua vida e definiria os traços marcantes de seu caráter.

Apesar do carinho e cuidados de sua tia e demais familiares, ressentia-se da falta do amor materno, o que, a nosso ver, o acompanhou pela vida afora. O tio era um liberal e já havia abolido o castigo dos escravos em sua fazenda. Recusa-se Euclides, terminantemente, a cumprir dois vizinhos, fazendeiros, que tratavam com dureza os seus escravos.

O menino Euclides era feioso, cabelos duros e coriados, molares salientes, estes últimos herdados, provavelmente, de sua avó sertaneja. Esses traços físicos, aliados à sua ofrande, são importantes na definição e, conseqüentemente, compreensão de seu caráter. Ele mesmo o comenta em carta a diversos amigos, em épocas distintas.

VII

Euclides e os primos, Cândido e Trajano, atingiram a idade escolar. A família muda-se para São Fidelis,



pequeno centro cultural, devido à grande fase de prosperidade por que passava na época o Vale do Paraíba fluminense e à proximidade da Corte. O ano de 1874 marca, pois, o término da "infância sem compromisso" e o início de uma nova caminhada. Vida diferente para Euclides, Adélia, Cândido e Trajano.

Ouvindo o pai de Euclides, é ele encaminhado, juntamente com os primos, ao Colégio Caldeira, onde iniciaria os seus estudos e a sua política. O Colégio Caldeira fora fundado por Francisco José Caldeira da Silva, português, natural da Ilha da Madeira, portador de idéias republicanas, razão de sua vinda ao Brasil. Euclides fez um sólido curso primário. Demonstrando a sua inclinação para os estudos e leitura, refugia-se na biblioteca. Agradou-lhe a companhia dos livros.

O ano de 1877 (Euclides com 11 anos) assinala o fim dos estudos elementares. Aluno "itinerante", Euclides é levado para Salvador pelo pai e matriculado no Colégio Bahia (Ginásio Carneiro Ribeiro, a partir de 1884). Segue para o Rio, onde fica morando em companhia do tio Antônio, republicano. Frequência, sucessivamente, o Colégio Anglo-Americano, o Vítório da Costa, o Menezes Vieira e, por fim, o Colégio Aquino.

Continua Euclides arreio dos divertimentos da Corte, dado seu caráter taciturno. Prefere o estudo e a leitura de seus autores preferidos: poetas e romancistas brasileiros, portugueses e franceses. Entre os excelentes mestres que teve, destaca-se Benjamin Constant. Nesse período terá início o desenvolvimento de suas tendências literárias.

Existia um jornalzinho - *O Democrata*. Nele Euclides da Cunha publicaria o seu primeiro artigo, verdadeiro libelo contra o progresso que destrói a natureza: "Tudo isso me revolta, me revolta, vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor". Dessa época datam os primeiros versos de Euclides, reunidos em caderno por ele denominado *Onças*. Aí surgem os grandes vultos da Revolução Francesa: Danton, Marat, Robespierre... As composições poéticas posteriores são em número reduzido.

Em nossa opinião, não partilhada por muitos, mereciam ser publicadas em volume, com apreciação e estudo, sério e profundo, porquanto revelam atitude, conceito e compreensão dos problemas sociais. Sugestão às autoridades que cuidam dos problemas da cultura.

VIII

Dedica-se ao estudo da matemática e presta exame na Escola Politécnica, na qual se matricula em 1885. Deficiência de recursos determina a sua transferência para a Escola Militar, onde assenta praça a 20 de fevereiro de 1886. A doutrinação de Benjamin Constant, positivista e republicana, empolgava a juventude.

Terminada a Guerra do Paraguai, inicia-se a campanha pela libertação dos escravos e surge a propaganda republicana. A Escola da Praia Vermelha era um "misto de quartel e academia". A monarquia vive seu período crítico. A participação dos jovens era intensa. Euclides colabora assiduamente na "Revista Acadêmica", em prosa e verso.

O gênio de Euclides era esquivo — homem de tristeza instintiva, pessimismo orgânico, amor ao silêncio. Recolhia-se nos livros. Deu igualmente expansão aos seus pendores literários. Grande soma de energia gastava em "dominar-se". Lê-se no seu caderno de notas: "Dominar-me! Este trabalho de Hércules, que a minha consciência a todo o instante impõe-me, constitui aqui — às vezes — o meu único esforço durante dias seguidos...". Euclides dificilmente se adaptaria à vida militar. Era-lhe insuportável dormir ao mando de uma corneta, acordar e comer sob comando.

A idéia republicana o arrebatava, passando a fazer parte de sua personalidade. O que mais o impressionava eram os critérios adotados para as promoções. Pelo regulamento, dependia das notas plenas ou distintas em cada exame. Mas, na prática, isso assim não se realizava. Permanecia Euclides havia um ano no seu posto de simples cadete, quando, pelas notas obtidas, deveria ser promovido. Sentia-se preterido e injustiçado.

Corria o ano de 1888. O famoso tribuno Lopes Trovão regressava da Europa. A fim de evitar o comparecimento dos jovens da Escola Militar ao seu desembarque, foi marcada a visita do Ministro da Guerra à Escola, à mesma hora. O descontentamento foi geral. Combinaram os jovens que, para manifestarem o seu desagrado, por ocasião de apresentar armas, seriam estas lançadas ao chão.

Compareceu Tomás Coelho, Ministro da Guerra. Subitamente, em um ato de rebeldia e protesto, destaca-se da segunda companhia o cadete Euclides da Cunha. Tenta quebrar o sabre e o atira aos pés do Ministro. Houve violenta troca de palavras. Euclides protestava contra a injustiça de que era vítima.

Retirado da forma, baixou à enfermaria.

IX

A repercussão pública

foi enorme. No Parlamento, ventilaram o assunto Silveira Martins e Joaquim Nabuco. Procurou aquele minimizar o significado do gesto. Joaquim Nabuco atribuiu-lhe real importância.

Transferido para o Hospital Militar do Morro do Castelo, rebelou-se Euclides contra os médicos que desejavam declará-lo doente das faculdades mentais. Recolhido em sua alizeira, permaneceu Euclides em um ângulo da sala, de pé, durante horas, orgulhoso e solitário. Ninguém o procurava, temendo uns a sua estranha figura, temendo outros o revoltoso republicano. Afirmava ser republicano e assumiu integral responsabilidade pelo ato.

Dois almas elevadas, dois grandes corações, dele se aproximaram: uma irmã de caridade e o grande médico Francisco de Castro.

A irmã de caridade chegou-se junto do jovem e falou-lhe com voz doce, maternal. Conduziu-o branda-

mente, suavemente, para a capela. Perguntou-lhe há quanto tempo não rezava. Em voz alta ela reza o terço e ele acompanha. Como se fosse ainda pequenino, abraça-se com a bondosa freira e chora convulsivamente.

X

Excluído da Escola Militar a 14 de dezembro, segue para São Paulo seis dias depois. Foi bem recebido pelo grupo republicano.

Convidado por Júlio Mesquita, diretor-proprietário do jornal "A Província de São Paulo", inicia a publicação de uma sequência de artigos, "Questões Sociais", sob o pseudônimo de Proudhon, e outra série, "Atos e Palavras". A mesma coragem, o combate honesto, o ideal político, atitudes que jamais o abandonariam.

Em janeiro de 1889 volta ao Rio. Após um rápido

repouso, prepara-se para os exames de adaptação à Escola Politécnica. Começa a frequentar o curso de engenharia civil.

Passa o Brasil, na segunda metade do século XIX, por transformações sociais e econômicas que distanciam a realidade nacional das instituições monárquicas. Lembremos a "revolta do vinho", no Rio de Janeiro, quando a população se levantou contra o aumento da passagem de bonde...

Não por mera coincidência a Abolição ocorreu em 1888 e a República, em 1889. Essa identificação — da Abolição com a República — é a pedra angular para a compreensão da mudança do regime político.

Não deve ser esquecida a Questão Religiosa e, muito menos, a chamada Questão Militar. A Guerra do Paraguai constitui marco importante e decisivo em nossa História. O Manifesto Republicano data de 1870 e, a par-



tir desse ano, aumentam os incidentes entre o Exército e a Coroa e culminam com a recusa do Exército de participar na captura de escravos fugidos.

A Abolição dos escravos, 13 de maio de 1888, determinaria desequilíbrio econômico e, conseqüentemente, social. "Depois disto a República não podia ser uma surpresa...", escreveu Euclides da Cunha.

São ainda de Euclides da Cunha as seguintes palavras: "Foi o que se viu a 15 de novembro de 1889: uma parada repentina e uma sublevação; um movimento refeito de golpe e transformando-se, por um princípio universal, em força; e o desfecho feliz de uma revolta.

"Porque a revolução já estava feita."

XI

Contava Euclides da

Cunha por essa época 23 anos. A nosso ver, havia terminado a sua fase de formação. Coincidia com o ocaso do Império. Inaugurava-se o período republicano e Euclides atuaria nele de forma decisiva. Tomaria parte ativa em numerosos e importantes acontecimentos históricos.

Esta segunda fase, ou período de afirmação, no sentido de persistência de seu caráter e personalidade face aos sucessos históricos. E, como corolário, o contestatário, não ao regime propriamente dito, mas à maneira por que eram conduzidos os negócios públicos. Euclides, republicano convicto e caráter reto, sem discrepâncias, sem desvios. Uma vida de lutas e contestações dentro de uma sociedade que não o compreendia, à qual ele se impunha por suas qualidades positivas, sua pertinácia, sua coerência na maneira de ser.

A 16 de novembro, sou-

be através de seu amigo Edgar Sampaio, sobrinho do major Solon Ribeiro, a respeito da proclamação da República. A noite do mesmo dia, em companhia de seu amigo, dirige-se à casa do major Solon, recebidos por uma menina de quinze anos, filha do major. Apresentado e festejado como o "estudante da baioneta", tornou-se alvo da admiração de todos.

Dois conseqüências marcariam a vida de Euclides: o seu reingresso na Escola Militar e o seu casamento com Ana Maria, filha do major.

Entre a jovem de quinze anos e Euclides sucedeu fato estranho, especialmente a este. Ao despedir-se, deixou nas mãos de Ana um bilhete: "Entrei aqui com a imagem da República e parto com a sua imagem." Frase que merece estudo e análise freudiana, porquanto evidencia a busca de um amor (materno). A 1.º de setembro do ano seguinte (1890) estavam casados, fruto de entusiasmo

momentâneo. Faltou àquela união algo mais profundo, mais consistente: o amor verdadeiro, amadurecido, sintonização de sentimentos, guiados pelo mesmo ideal para um futuro em comum. Infelizmente, tudo não passou de um "equivoco republicano".

Paralelamente, por meio de ato do governo provisório, foi o "estudante da baioneta" reintegrado na Escola Militar, a 19 de novembro, promovido três dias depois a aluno-alferes. No ano seguinte, matricula-se na Escola Superior de Guerra, atingindo o posto de 2.º tenente a 14 de abril.

XII

Completado o curso, deixa a Escola de Guerra, em dezembro de 1891. Decorridos alguns meses de permanência no Rio, obtém licença para tratamento de saúde e vai descansar, com sua mulher, em Belém do Descalvado, onde seu pai possuía fazenda de café. Promovido a 1.º tenente, é designado auxiliar de ensino da Escola de Guerra (1892).

Floriano Peixoto, na Presidência da República, convoca Euclides (1893). Em carta a Lúcio de Mendonça (1904), relata Euclides aquele encontro, em que tinha a liberdade de escolher cargo. São palavras de Euclides: "... declarei-lhe ingenuamente que desejava o que previa a Lei para os engenheiros recém-formados: um ano de prática na Estrada de Ferro Central do Brasil". Ao despedir-se, informa: "... parece que no olhar mortuário do interlocutor estava escrito: *nada valer*. E tive ainda a inexplicável satisfação de descer orgulhosamente as escadas do Itamarati, atravessar alegremente o saguão, embaixo, e sair agitando não sei quantos sonhos de futuro... um futuro que desastrosamente eu tinha destruído". Euclides foi atendido.

Agitações marcaram o governo de Floriano. Em setembro de 1893 irrompe a Revolta da Armada. Euclides, comissionado pelo Governo para servir na Diretoria das Obras Militares, é designado para dirigir fortificações na Saúde. Redige um *Diário da Revolta*.

Correu o boato de que o general Solon, preso, seria fuzilado. Comparece Euclides diante de Floriano Peixoto e lhe declara: "... Para que não se iluda a meu respeito, declaro desassombradamente que não o acompanho como homem; não sou seu partidário, mas o sigo, porque defende esta República, que eu também defendo". Inquestionável, Euclides contestador.

XIII

Por esse tempo, fevereiro de 1894, a propósito de uma bomba colocada nos degraus da escada da redação de

"O Tempo", o senador pelo Ceará, João Cordeiro, pelas colunas do referido jornal, pede o fuzilamento dos "sabotadores e dinamiteiros". Sai à lica Euclides. Em carta publicada na primeira página da "Gazeta de Notícias", verbera a atitude do senador, num país nobilitado pela forma republicana... João Cordeiro, volta à carga. Euclides, em nova carta responde: "... Há nos sentimentos que ambos tributamos à República uma diferença enorme: S. Exa. tem por ela um amor tempestuoso e cheio de delírios de amante, eu tenho por ela cuidados e a afeição de um filho... O futuro dirá quem melhor cumpriu o seu dever".

A sua atitude corajosa — mas contestadora — tornou-o suspeito aos olhos da legalidade. Foi transferido — exilado — para Campanha (MG), com a incumbência de construir um quartel.

Nessa cidade, rodeou-se de amigos e dedicou-se à leitura, estudo e pesquisa. Júlio Bueno, professor e jornalista,

empresta-lhe obra da autoria de E. Liais — "Geologia, Flora, Fauna e Climas do Brasil" — em francês. O seu interesse pelo socialismo é revelado pela existência do livro "Teoria do Socialismo", de Oliveira Martins, datado de Campanha, anotado e comentado por Euclides.

A Câmara Municipal presta homenagem singular a Euclides, dando o seu nome a uma das praças da cidade.

XIV

Decidido a deixar o Exército, consegue licença, a fim de tentar a engenharia civil em São Paulo. Permanece, por um período de um ano, adido ao corpo do Estado-Maior de Primeira Classe.

O sogro não aprova a sua idéia. Em resposta, afirma o general Solon que "... a carreira militar é a melhor profissão do país". A decisão de Euclides é inabalável. Em 1896 é reformado no posto de capitão.

Volta a colaborar em "O Estado de S. Paulo". No decorrer do ano de 1892 publica três artigos, "Da Penumbra", assinados José Dávila, e a série "Dia a Dia", em número de vinte e sete artigos, quase todos assinados pelas iniciais E.C.

Estagia durante uma temporada na fazenda do pai, em Belém do Descalvado, com a família. Entrega-se à faina da lavoura. Volta a São Paulo. É nomeado engenheiro-ajudante de 1.ª classe da Superintendência de Obras do Estado de São Paulo.

XV

Importante conhecermos o retrato físico e psicológico de Euclides da Cunha. "Este caboclo, este jagunço manso, Misto de celta, de tapuio, de grego..."

"Foi como ele se definiu a si próprio em verso — e nesses dois versos concentrou os traços dominantes de seu caráter físico e moral; porque



no físico era realmente um caboclo de cara mongólica; e era no temperamento um jagunço manso; e tinha na arte o impetuoso espírito "prime-sautier" do celta, casado ao senso de proporções de grego. Demais no retrato só há aquele tapuio, simples enfeite do verso" — Monteiro Lobato.

"O físico de Euclides da Cunha tinha a vulgaridade mamaluca da nossa humilde e boa caipiragem. Porque não praticava nenhuma lei de Brummel, mais lhe aparecia a insignificância do caboclo magrizona, de fonte escampa e arcadas zigomáticas saltadas, onde os olhos brilhavam com reverberos de incêndio à beira d'água à noite.

"Costumava vestir o casaco, na confusa insipidez do índio que o vestisse pela primeira vez. Um botão do colarinho se punha a fugir da casa, na indisciplina boêmia da cabeça óssea. A gravata tomava na tira sombria, em laço frouxo, banalíssimo, do mais torto traspasse e uma das bandas do colete não se soto-

punha às vezes devidamente à outra. A figura não era efetivamente um figurino. Não tinha, contudo, o aspecto incômodo dos destratados que envergonham, dos cambaios e relaxados que irritam. Nem imundice, nem trapejos... Na cabeça, os cabelos ásperos eram bem tratados, abatidos as cerdas de bororó, em penteadela conveniente. Os bigodes fracos nada pretendiam" — Alberto Rangel.

Cesar Bierrenbach levou Euclides à casa de Coelho Neto. Foi na manhã de 1.º de novembro de 1902, em Campinas.

"Baixei o olhar e dei com um homenzinho seco, mal enjorcado em andaime de brim escuro, sobraçando um rolo: rosto moreno, arestoso, como flanqueado em vinhático, queixo enérgico, olhar duro, que passara por baixo de meu raio visual e, diante de mim, militarmente apurado, encarava-me hostil". Coelho Neto.

Desejamos assinalar que, desde o início de sua vida, foi ela marcada pela ca-

rência de afeto, carinho e amor. A sua busca culminou com o bilhete deixado em mãos da filha do coronel Solon, ao sair da casa deste. Uma visão que buscava há muito. Se tivesse encontrado afeto, amor, carinho bastante, não teríamos a figura em desalinho, nem a tragédia que pôs fim à sua vida.

Não nos cabe julgar e, muito menos, acusar. Se culpa houve, foi de parte a parte. Duas almas que apenas se encontraram, não se completaram, por falta de compreensão e sintonia. Ausência de maturidade. Por outro lado, a falta de estabilidade de trabalho, de situação financeira que lhe permitisse melhor prover as necessidades da família, teriam sido fatores centrifugantes. A sua vida errante, o seu temperamento vibrátil, voltado para os problemas que afligiam o país, além de fatores outros imponderáveis ou para nós desconhecidos, mas, incontestavelmente, a carência de amor, afeto e carinho, foram, até certo ponto, a determi-

nante dos acontecimentos. De carinho feminino — maternal.

Em carta datada de 17-03-1905 — de Manaus, dirigida a Domicio da Gama, escreve: "...beijo-lhe as mãos pela grande bondade com que atendeu ao meu telegrama, pedindo notícias de minha família. Passei-o coagido, sob o império de preocupações torturantes: há quase dois meses que não tinha uma carta de casa".

A sua filiação à filosofia positivista não eliminou em Euclydes o sentimento religioso. Acusado de ateu, reagiu ele em carta a Coelho Neto, datada de Lorena (22-11-905): "Então ...eu não creio em Deus?! Quem te disse isso? Pusete-me na mesma roda dos singulares infelizes, que usam do ateísmo como usam de gravatas — por "chic", e para se darem ares de sábios... Não. Rezo, sem palavras, no meu grande panteísmo, na perpétua adoração das coisas; e na minha miserabilíssima e falha ciência sei, sei positivamente, que há alguma coisa que não sei!"

Cumprir destacar a "Correspondência" de Euclydes, como elemento de maior importância para melhor compreensão da vida de uma pessoa. No caso específico de Euclydes da Cunha, ela nos revela as buscas e apreensões, as dúvidas e os receios, as convicções, bem como as decepções, no seu quase dia-a-dia. Podemos surpreender, freqüentes vezes, as suas angústias e desilusões, as revoltas e os aplausos. Representa o retrato vivo de seu caráter e de suas determinações. Merece estudo mais acurado.

XVI

Em 1897 torna Euclydes da Cunha a colaborar em "O Estado de São Paulo". A 4 de março publica interessante artigo, "Distribuição dos Vegetais no Estado de São Paulo".

O livro de registro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo fornece revelação importante. Datada de 5 de março daquele ano, deu entrada proposta para "admissão de sócio correspondente" do dr. Euclydes da Cunha. Como propoentes, figuras exponenciais e fundadores do Instituto — Teodoro Sampaio, Orville A. Derby e Alberto Lofgren. Decorridos precisamente trinta dias, foi dada a proposta como aprovada (5-04-1897).

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo teve o privilégio de, como entidade cultural, ter sido a primeira a acolher em seu convívio o dr. Euclydes da Cunha e marcou a sua presença de modo expressivo. O seu sentido torna-se tanto mais significativo, porquanto anterior à sua ida a Canudos e à sua consagração como autor de "Os Sertões".

XVII

A idéia de elaborar obra que contivesse a problemática etno-social no ambiente físico de nossa terra antecedeu, não resta a menor dúvida, aos dois artigos "A Nossa Vendéia", publicados em "O Estado de São Paulo", respectivamente a 14 de março e 17 de julho de 1897. Fato que patenteia que Euclydes acompanhava, com o máximo interesse, os acontecimentos que se desenrolavam nos sertões baianos. Inquietava-se agora com os revezes das sucessivas expedições (3 de março — morte de Moreira Cesar — comandante da 3.ª expedição).

Os artigos publicados por Euclydes, anteriores à sua ida a Canudos, evidenciam os seus profundos conhecimentos no referente aos aspectos geográficos da região conflagrada, bem como a sua familiaridade com os problemas militares face a uma região desconhecida, responsável, até certo ponto, pelas derrotas.

Quando as notícias de Canudos se tornaram ainda mais inquietantes, Júlio Mesquita dirigiu-se à mesa em que trabalhava o amigo, para dizer-lhe:

"Euclydes, chegou o momento de você escrever a sua grande obra!" Aliás, é esse o nosso ponto de vista.

Euclydes resistia ao convite. Em razão da insistência e persistência de Júlio Mesquita, cedeu aos argumentos do amigo. Aceitou.

"Por contrato assinado com esta empresa ("O Estado de São Paulo"), o dr. Euclydes da Cunha nos enviará correspondência do teatro das operações e, além disso, tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro. Este trabalho será por nós publicado".

Cumpriu Euclydes a parte que lhe competia pelo contrato assinado entre ele e aquela empresa jornalística. "O Estado", infelizmente, recusou-se a publicar a obra encomendada e que veio a

constituir "Os Sertões". Não nos é dado conhecer se houve alegações de motivos.

XVIII

Euclydes da Cunha segue para o teatro da luta, na qualidade de repórter correspondente de guerra de "O Estado", como membro do Estado-Maior do Ministro da Guerra, General Bittencourt, que iria comandar, pessoalmente, a luta em Canudos. Embarcou a 6 de agosto de 1897.

As reportagens enviadas por Euclydes da Cunha foram publicadas em "O Estado de São Paulo" entre agosto e outubro de 1897. Constituem, na opinião da Prof.^a Walnice Nogueira Galvão, o "embrião" de "Os Sertões". Foram publicados em volume, "Canudos — 1939".

Terminada a campanha, de volta a São Paulo, recorre a Teodoro Sampaio. Muito valeu a Euclydes a sua fraterno amizade.



A 19 de janeiro de 1898 publica Euclydes da Cunha, em "O Estado de São Paulo", estudo intitulado "Excerto de um livro inédito". O "Diário de Notícias", em data de 29 de outubro de 1897, transcreveu do "Jornal do Comércio", do Rio, notícia com o seguinte cabeçalho: "O ilustre dr. Euclydes da Cunha, que representou tão brilhantemente 'O Estado de São Paulo', como seu correspondente, vai publicar interessante livro, sob o título 'Nossa Vendéia', do qual o 'Jornal do Comércio' dá o seguinte esboço das duas primeiras partes: A Natureza... O Homem". Prevaleceu o título "Os Sertões".

O ruimento da ponte sobre o rio Pardo, verificado a 24 de janeiro de 1898 — "incidente desvalioso" —, determinou a ida de Euclydes a São José do Rio Pardo.

Anteriormente, lá estivera em agosto e setembro de 1896. Não ficara satisfeito com o que lhe foi dado observar no referente à construção

ção da ponte, conforme consta de relatório por ele elaborado. Os trabalhos de desmontagem foram iniciados no dia 28, sob as vistas de Euclydes, que ali permaneceu até o dia 4 de fevereiro, quando retornou a São Paulo. No dia imediato, comparece ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, onde faz leitura de alguns trechos de "Os Sertões" — "Climatologia dos sertões da Bahia".

Num rancho de sarrafos e zinco, à margem do rio Pardo, à sombra de uma paineira, pôde Euclydes concluir sua obra, cercado de amigos, destacando-se a figura de Francisco Escobar. Em um período de relativa tranqüilidade, escreveu "Os Sertões", o seu "livro vingador".

Durante a sua permanência nesta cidade, escreveu Euclydes importante trabalho histórico — "Da Independência à República" —, que figura no livro póstumo "À Margem da História", e crítica ao livro de J. Pereira

de Sampaio (Bruno) — "Brasil Mental".

Em maio de 1901 deixa São José do Rio Pardo. Termina "Os Sertões" e a construção da nova ponte.

XIX

É transferido para Guaratatingá em dezembro de 1901. Dirige-se Euclydes ao Rio sobraçando seu alentado volume, passado a limpo, em boa caligrafia, pelo sargento da polícia José Augusto. Nova "peregrinação". Em vão tenta publicá-los nas colunas de "O Estado". Mais uma vez intervieram os amigos. Munido de uma carta de Garcia Redondo, apresenta-se a Lúcio de Mendonça. É encaminhado por este à Casa Laemmert, dirigida pelo velho Massow. Face à indecisão do "avisado editor", resolve Euclydes custear a primeira edição, pagando por sua impressão um conto e quinhentos mil-reis.

O ano de 1902 seria de-

cisivo para Euclides. O trabalho de fiscalização das obras do Estado era estafante. A monotonia de sua vida foi quebrada pelo acidente sofrido por um de seus filhos. Viagem acidentada, em companhia de Vicente de Carvalho, ainda no exercício de sua profissão, que fez às ilhas dos Búzios. Fora encarregado Euclides para escolher local para um presídio em pleno mar. Escrevendo a Francisco Escobar, comenta: "Calcula lá, e se eu pudesse escolher também os presidiários".

Durante a longa espera e expectativa, tinha Euclides o espírito torturado. Torturava, igualmente, as páginas escritas. Emendava, suprimia, acrescentava. Finalmente, o lançamento da obra, a 2 de dezembro de 1902. Viu Euclides o primeiro exemplar em Lorena.

Nesse mesmo ano foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Importantes os discursos de posse.

XX

Em junho do ano seguinte era lançada a 2.ª edição de "Os Sertões". Os maiores críticos haviam recebido a obra com entusiasmo.

A crise do café que se verificou nesse ano determinou restrições orçamentárias por parte do Governo para o ano seguinte. Diversos lugares foram extintos, inclusive o ocupado por Euclides.

Organizada a Comissão de Saneamento de Santos, em janeiro de 1904, assumiu Euclides o cargo de engenheiro fiscal. Foi residir em Guarujá. Demitia-se pouco depois.

Em carta a Luis Cruls, dizia: "Nessa terra, para tudo faz-se mister o pedido e o empenho, duas coisas que me repugnam".

Ainda em agosto de 1904 continua sem emprego. Sonha com uma viagem ao Amazonas. Em 1903, graças ao Barão do Rio Branco, fora assinado o Tratado de Petrópolis. Seriam organizadas duas comissões para demarcação dos limites. Para a obtenção de lugar de auxiliar em uma das comissões bastaria pedido de um amigo de Rio Branco. Oliveira Lima o faria indiretamente por intermédio de José Veríssimo.

Levado à presença de Rio Branco por Domício da Gama, após uma palestra entre os dois, que se prolongaria pela madrugada, é convidado para chefe da Comissão do Alto-Purus. Em agosto sai a nomeação.

A bordo do Alagoas embarca Euclides a 13 de dezembro. Aproveitou Euclides uma parada no Recife para visitar Clovis Beviláqua. Deu passeio a Olinda em companhia de Oliveira Lima.

Chegou finalmente a Belém, do Pará. O seu primeiro encontro com o rio-mar foi um desapontamento. Visitou o Museu do Pará (hoje Museu Goeldi) e aí conhe-

ceu Emílio Goeldi e Jaques Huber, dois sábios, que lhe falaram da natureza amazônica. A 30 de dezembro estava em Manaus, onde faria os preparativos para a "empresa arrojada".

Numerosas as dificuldades na aquisição dos meios de transporte até o Purus. Em março de 1905 tudo estava pronto e as "instruções" não chegavam. O que preocupava a Euclides era o fato de já ter passado a melhor quadra para a viagem.

Numerosas as peripécias e os perigos da viagem. Apesar de tudo, nos momentos de folga, toma as primeiras notas para o seu segundo "livro vingador", cujo título seria *Paraíso Perdido*.

Cumprida a missão, de volta ao Rio, apresenta o "Relatório" a Rio Branco, enriquecido pelas "Notas Complementares".

XXI

Permanece no Itamará-

ti, encarregado de organizar mapas. Mas, o que o martiriza é a sua situação precária. Não faz parte do quadro de funcionários. Continuava adido ao gabinete de Rio Branco. Assim decorreu o ano de 1907.

Nesse ano de 1907 é publicado em Portugal o livro de sua autoria "Contrastes e Confrontos". Uma série de artigos forma o volume "Peru versus Bolívia", modelo de lógica histórica e geográfica. Pronuncia em São Paulo, no Centro Acadêmico XI de Agosto, a sua conferência sobre "Castro Alves e seu tempo". Apesar do prestígio alcançado, a precariedade de sua situação tortura e angustia seu espírito. Trabalhava e produzia.

XXII

Vagava a cadeira de lógica no Ginásio Nacional (hoje Pedro II), por morte do professor Vicente de Sousa. Diversas vezes havia pensado no

magistério. Por insistência de amigos e, em especial, de Coelho Neto, decide-se afinal. Escreve a Oliveira Lima: "Assim procedo numa grande ansia de dar uma estabilidade à vida".

Pôs-se a estudar. Eram 15 os candidatos inscritos. Vencidas as dificuldades, é finalmente constituída a banca examinadora. A 7 de junho de 1909 é conhecido o resultado. Euclides havia sido classificado em 2.º lugar. Poderia o Governo, em conformidade com a Lei, nomear o 1.º ou o 2.º classificado. Ocupa a presidência Nilo Peçanha, com a morte de Afonso Pena. O Governo vacila. Escreve Euclides a Coelho Neto: "A linha reta, diante das vacilações do Governo, é essa: renunciar". Demove-o o amigo.

Rio Branco, ciente de que campeava uma "escandalosa cabala", pela primeira vez intercede a favor de Euclides. Nomeado a 17 de junho de 1909, recebe das mãos de Escagnole Dória, professor interino, a cadeira que iria reger, no dia 21.

Chegara finalmente a um ancoradouro, a um "porto seguro".

XXIII

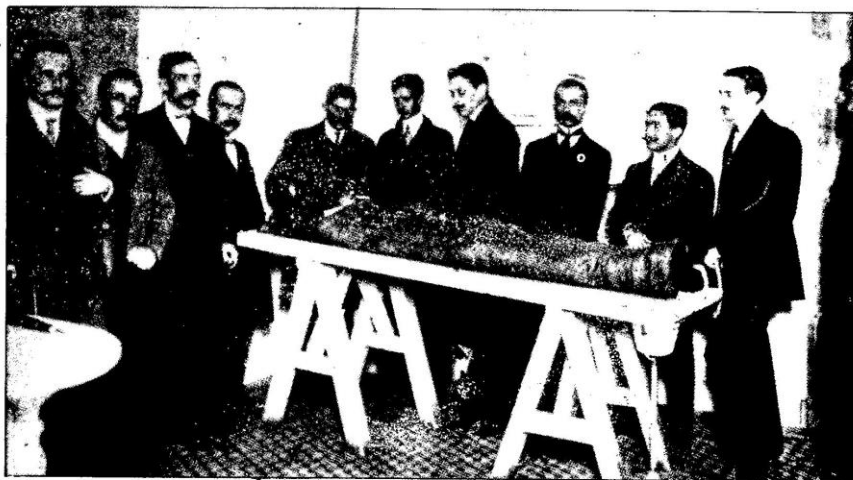
O drama íntimo, que a ninguém revelava, corrolha a alma. O dia 15 de agosto de 1909 foi um domingo. Manhã triste e chuvosa. Euclides da Cunha estava nervoso e agitado, mas decidido. Tomou o trem da Central do Brasil e se dirigiu para a Estação de Piedade. Saltou. Pouco depois era o silêncio interrompido por diversos tiros. Ferido mortalmente, cai Euclides da Cunha para não mais se levantar. Assim, de maneira brutal, terminou a vida gloriosa e o destino injusto de Euclides da Cunha. Por ironia do destino, penetrara na vida na fazenda da Saudade e saía dela na estação da Piedade...

Viveu Euclides da Cunha quarenta e três anos, entre mágoa e dissabores. Euclides da Cunha teve uma vida erradia, mas fecunda; nobre, mas violenta; aparentemente irregular, mas sempre reta, tímida na forma, muitas vezes, mas profundamente corajosa.

Prestou relevantes serviços à Pátria. A glória que conquistou em vida acompanhou-o após a morte. Em São José do Rio Pardo, a "meca do euclidianismo" rememora, anualmente, a vida gloriosa, a sorte injusta e a obra imortal de Euclides da Cunha. O carinho dos euclidianos de todo o Brasil o confirma. Haja em vista o traslado de seus restos mortais e os de seu filho para o mausoléu especialmente construído em São José do Rio Pardo, cidade que guarda como relíquia sagrada a casinha de sarrafos e zinco, bem como a mesa, sobre a qual Euclides da Cunha escreveu o seu livro imortal "Os Sertões".

— agosto de 1982.





O corpo...

A ÚLTIMA HORA

*(como o País
ficou sabendo
do trágico fim
do escritor,
pelas páginas
do Jornal do
Commercio)*

Ainda não voltamos a nós do espanto horrível que nos causou a notícia do absurdo e trágico assassinato de nosso prezado e eminente colaborador Euclydes da Cunha.

Um telegrama expedido de Cascadura às 12h30min da tarde de ontem dizia-nos laconicamente:

Euclydes da Cunha assassinado. Estrada Real, 214. (Assinado), **Sólon Cunha**.

Assassinado por quê? Como? Por quem? Parecia inverossímil a notícia. Ainda nos primeiros dias da semana última o ilustre escritor aqui estivera, em companhia do seu jovem filho, Euclydes, irmão de Sólon Cunha, signatário daquele despacho, uma inteligente e viva criança, aluno do Internato Bernardo de Vasconcelos, onde o pai fora buscá-lo. Entregamos nessa ocasião ao nosso prezado colaborador um exemplar do **Atlas do Brasil**, do sr. Barão Homem de Melo, reiterando o pedido que já lhe havíamos feito para que se incumbisse do juízo crítico desse trabalho.

Trasanteontem, sexta-feira, apareceu-nos Euclydes da Cunha, à tarde, dizendo que não pudera concluir o artigo e referindo-se com muitos gabos à obra que tinha de analisar.

Nesse dia ofereceu ao nosso colega sr. Ernesto Senna um retrato, recentemente tirado na fotografia Guimarães, tendo escrito de próprio punho esta dedicatória, com a caneta que sempre trazia consigo. "A Ernesto Senna, lembrança do Euclydes da Cunha, Agosto, 909."

Ao nosso redator-gerente entregou também com dedicatória autógrafo um exemplar do folheto **Fora de Forma**, do sr. Alberto Rangel, que aquele, havia justamente um ano, lhe pedira, para completar o ensaio intitulado **Dois Egressos da Farda**, cuja publicação em volume Euclydes da Cunha de novo solicitou com desusado empenho.

Como o sr. Ernesto Senna insistisse por umas notas biográficas que o nosso colaborador ficara de fornecer-lhe para não sabemos que publica-

ção, Euclydes da Cunha sentou-se na ponta de uma mesa e escreveu textualmente isso:

"Natural do Estado do Rio, Cantagalo. Nascido em 1866. Bacharel em matemática, ciências físicas e naturais. Lente de lógica do Pedro II. **Sertões** (1930); **Contrastes e Confrontos** (1905); **Peru versus Bolívia** (1908). Colaborador do **Jornal**. Chefe da Comissão mista brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus."

Euclydes da Cunha andava ultimamente queixando-se de moléstias, mas não lhe notávamos alteração de maior na fisionomia. E todavia certo que o estudo acurado a que se entregara para o concurso de lógica alterou-lhe um pouco a saúde. Satisfetíssimo com o decreto de sua nomeação, dera já algumas aulas e parecia deveras apaixonado pelo ofício de professor. Falava sempre da necessidade de um compêndio para a disciplina que regia, mostrando-se disposto a escrevê-lo, logo que se dessembaraçasse da revisão das

provas de seu novo livro **A Margem da História**, que está sendo editado em Portugal.

Nada, absolutamente nada, fazia prever a tragédia de ontem. Todos tinham na conta de um homem heróico e intemerato. O autor de obras tão fortes deveria ser naturalmente um espírito robusto, um homem armado de rude coragem contra os equívocos da vida, contra os absurdos do destino.

Infelizmente assim não acontecia. Euclides da Cunha era uma cerebração de rara força, servida por um coração vibrátil e fragilíssimo. As grandes cóleras vingadoras do seu poderoso estilo evocado correspondia, no seu trato social e na sua existência doméstica, uma extraordinária delicadeza de sentimentos. Tinha por vezes certos melindres de uma candura verdadeiramente angélica. Dava, não raro, uma impressão de profunda timidez pessoal, revelando acanhamentos e humildades que tocavam pelo desazo aparências curiosas que à primeira vista nos autorizavam a supô-lo um homem em contradição com a sua própria obra.

A verdade, porém, é que essas duas feições de seu espírito e de seu caráter se casavam à maravilha, imprimindo um vigoroso relevo à sua personalidade.

Homem de uma integridade moral a toda prova, experimentado em proações de todo gênero, com uma alta compreensão dos seus deveres cívicos, pelejador como poucos, intrépido até a temeridade, Euclides da Cunha conservava da matemática a disciplina mental formidável, da poesia a ideia da beleza e o gosto da perfeição, da filosofia o sentimento da justiça, a vibração contínua e generosa, alguma coisa acima das misérias da terra...

E tudo isto a morte cortou ontem brutalmente, num golpe de tragédia inenarrável.

A má nova da trágica morte do dr. Euclides da Cunha espalhou-se, ontem, logo às primeiras horas da tarde, por todos os ângulos da cidade.

A princípio, eram apenas informações vagas, inconcisas, dando margem à dúvida, aliás, inspirada em todos os corações pelo que a notícia tinha de profundamente lamentável. Mais tarde, porém, os amigos do ilustre homem de letras, mais inteiramente interessados em esclarecer a triste notícia, iam aos poucos recebendo a confirmação e a narrativa pormenorizada do infausto acontecimento.

O fato passara-se em uma afastada estação dos subúrbios, Piedade, dentro de uma pequena casa, na Estrada Real de Santa Cruz n.º 214, onde residiam os irmãos Dilermando Cândido de Assis, aspirante a oficial do Exército, e Dinorá Cândido de Assis, aspirante de Marinha, ambos antigos amigos e protegidos da família do dr. Euclides da Cunha.

Haviam estes dois moços, faz cerca de seis anos, perdido os seus progenitores; e, desde esta época encontraram sempre da parte do dr. Euclides da Cunha e de sua esposa d. Ana Sólón da Cunha a proteção e carinho que a morte de seus pais lhes tinha roubado.

Foi justamente este sentimento de amizade maternal que animava a sra. d. Ana tão paralelamente ao que nutria o seu esposo, que, em um dado momento, malevolamente desvirtuado, cruelmente envenenado, deu causa ao tremendo drama em que caiu sem vida, atravessado por uma bala, o laureado homem de letras que, pode-se dizer, sem rebuços, era o maior estilista da sua geração.

Ordenemos os acontecimentos.

Há algum tempo o dr. Euclides da Cunha teve de acolher em sua residência na Rua Nossa Senhora de Copacabana n.º 23 duas senhoras contraparentes da sra. d. Ana, sua esposa. Estas moças são ainda parentes muito próximos dos aspirantes militares Dilermando e Dinorá, a quem, como já dissemos, o dr. Euclides e sua esposa protegiam.

Estas duas senhoras, parece, não estimaram em muito o acolhimento que receberam e não tardou que se incompatibilizassem com a ex-ma. sra. d. Ana. De pequenas intrigas que a princípio alteraram mais de uma vez a boa paz dos dois consortes, foram aos poucos surgindo acusações mais ou menos sérias e, por fim, não se trepidou em despertar no coração do chefe da casa o dissolvente ciúme.

Aventou-se-lhe no espírito a suspeita de que a sua esposa, a fidelíssima companheira de 17 anos de uma existência cheia de lutas, já não era mais a mesma; a amizade que dedicava ao aspirante Dilermando não podia ter este nome, porque era coisa muito diversa, era amor, cheio de culpa, eivado de crimes.

Tudo isto, esta tremenda acusação, está claro, não era sequer pronunciada, nunca ninguém a formulara direta ou indiretamente.

Ela foi feita com pequenos olhares, sorrisos malignos, foi levantada surdamente, com método, com uma calma fria e feroz, para que fosse adivinhada apenas, vagamente percebida.

Os seus efeitos começaram, porém, a se fazer sentir, sem nenhuma demora.

O jovem Dilermando e seu irmão sentiram imediatamente que o amigo, o infatigável e digno protetor, mudara completamente a maneira de tratá-los.

Chegaram a saber a causa; souberam que o dr. Euclides da Cunha tinha já revelado seu ciúme, a negra suspeita que o alucinava.

Dilermando retirou-se pa-

ra casa onde residia com Dinorá, numa pequena república, situada no interior do arrabalde da Piedade, à Estrada Real de Santa Cruz, n.º 214 e daí endereçou uma carta ao dr. Euclides da Cunha, chamando sua atenção para a injustiça que fazia não só a ele senão à sua esposa.

Os conceitos e expressões desta carta tiveram o efeito mais benéfico possível e não tardou que uma resposta do dr. Euclides viesse cientificar ao rapaz de que tudo passara e ele continuava a merecer a sua confiança.

Mas em seguida a estes fatos não veio a calma desejada. Os espíritos malignos continuavam a sua obra, adivinha um turbilhão de circunstâncias evidentemente desmorteadoras.

O dr. Euclides da Cunha, em meio de seus trabalhos científicos, das suas grandes e várias preocupações, recebia a notícia da grave enfermidade de seu pai, dr. Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, residente no Estado de São Paulo.

Ao mesmo tempo d. Ana tinha notícias do grave estado de saúde de sua velha mãe, que é a viúva do general Sólón.

O que há de mais revoltante em toda esta tragédia é que, apesar de todas estas atribuições, que feriam de choque os dois consortes, o sobressalto do lar, a feroz intriga não tinha intercadença, continuava sem considerações e sem tréguas.

Ao mesmo tempo, para fugir a este insuportável estado de coisas, e para dar à sua mãe os cuidados de que devia estar carecendo, na quinta-feira passada, à tarde, a sra. d. Ana da Cunha deixou a casa de Copacabana e foi para a casa da viúva Sólón, no Campo de S. Cristóvão n.º 24.

Na sexta-feira, durante o dia, d. Ana foi encontrar-se com o dr. Euclides da Cunha no internato do ginásio, onde visitaram um filho, o segundo em idade, de nome Euclides, que ali estudava o terceiro ano do curso.

Os dois esposos conversaram longamente e, a não ser o acabrunhamento doentio em que se achava o dr. Cunha, nada se poderia prever da tempestade que lhe revolvía no íntimo.

À tarde, ele conduziu a esposa até a casa materna, de onde voltou com o filho para a cidade.

Ao chegar em casa, porém, o dr. Euclides da Cunha não tardou de chegar à conclusão de que a esposa fora para casa de sua mãe para ter mais liberdade de encontrar-se com o aspirante do Exército.

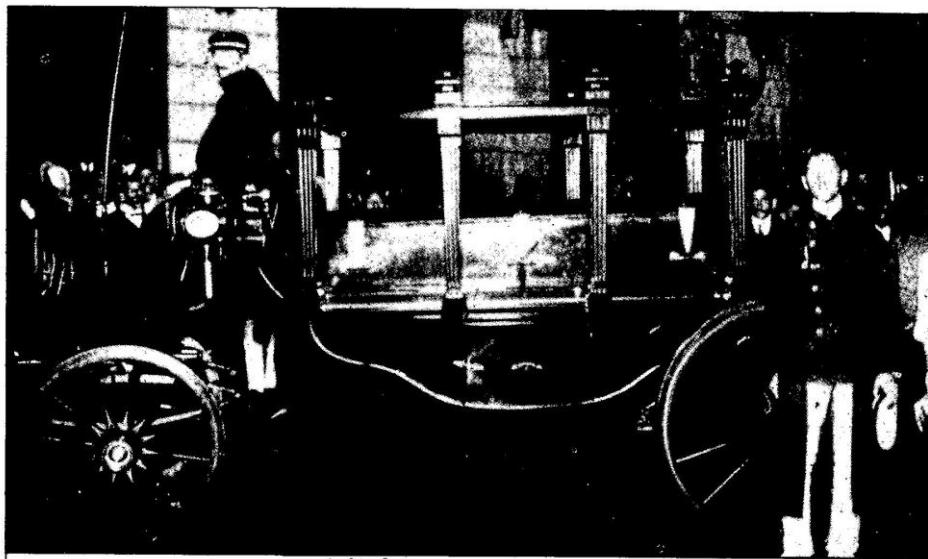
Esta conclusão, como ele a tirou, ninguém sabe. No dia seguinte, sábado, foi à casa da viúva Sólón, e, como não encontrasse sua esposa, tornou à casa em um intenso estado de exaltação.

Receberam-no as duas senhoras que em tão pouco haviam estimado o acolhimento que haviam tido em sua casa.

O dr. Euclides da Cunha, então cheio de viva cólera, absolutamente crente no que

... o velório e o ...





...cortejo fúnebre

se lhe insinuava, cego, sem procurar sequer raciocinar, disse-lhes: "Amanhã se acaba tudo isto, mato-os".

Presenciou este fato seu filho mais velho, Sólton, de 17 anos, que se apressou a sair de casa, ontem, logo cedo, para levá-lo ao conhecimento de sua mãe.

O dr. Euclides da Cunha saiu também cedo de casa, dirigindo-se para a Estação Central da Estrada de Ferro, onde tomou um trem de subúrbios.

Tendo ouvido a narrativa que lhe levava seu filho Sólton, a sra. d. Ana da Cunha não quis perder tempo. Acompanhada de Sólton e de Luís, de um ano e meio de idade, d. Ana saiu imediatamente de casa, dirigindo-se para a Estrada de Ferro, onde tomou o primeiro comboio, que partiu para os subúrbios.

Todo o seu intuito era chegar antes do marido, chegar a tempo de impedir a grande desgraça, custasse o que custasse, com o seu prestígio de mulher, de companheira de 17 anos de vida comum ou com o prestígio dos filhinhos que levava consigo.

Infelizmente, porém, d. Ana da Cunha chegou tarde.

Seu marido tinha-a precedido, chegara um comboio antes.

Dirigiu-se então para a casa dos irmãos Cândido Assis, e quando lá entrou já encontrou o dr. Euclides da Cunha agonizante sobre um leito, em torno do qual Dilermando e seu irmão se quedavam comovidos.

D. Ana da Cunha penetrou no quarto juntamente

com seu filho Sólton, que com ela, ajoelhando-se ao lado do leito, procurava saber do agonizante o que se havia passado.

O dr. Euclides da Cunha pronunciou ainda algumas palavras de perdão e de amor e rendeu a alma ao Criador.

Remontando a narrativa ao momento em que o dr. Euclides da Cunha tomou o trem suburbano, vimos-lo saltar na estação da Piedade e perguntar ao primeiro transeunte onde demorava a Estrada Real de Santa Cruz.

Indicam-lhe e ele segue para a frente.

Ao chegar à pequena república dos rapazes seus protegidos, dentro da salinha da frente, cujas paredes são cobertas de panóplias de armas, vê Dinorá assentado à mesa tomando uma xícara de café.

Aqui principia a narrativa feita pelos dois irmãos, pois o fato se passou sem testemunha alguma.

Percebendo-o ao portão, o rapaz foi abri-lo.

Ele entrou e dirigiu-se direito à porta de um quarto que estava fechada, indagando se sua mulher se achava ali.

Era o quarto de Dilermando, que ainda dormia.

Ainda não eram 11 horas da manhã.

O dr. Euclides da Cunha forçou a porta e fazendo Dilermando levantar-se, disse que fora ali para matar ou morrer.

E juntando a ação à palavra detonou o primeiro tiro de seu revólver.

A este tiro sucederam-se outro e mais outro.

Dilermando declarou que tomando por sua vez um re-

vólver procurou intimidar o dr. Euclides, disparando dois tiros contra a parede, mas como visse que ele não retrocedia e não o pudesse desarmar, alvejou-o, por sua vez, em defesa própria.

Seu irmão Dinorá interveio na luta, estabelecendo-se então verdadeiro tiroteio dentro do pequeno aposento.

Em poucos instantes o dr. Euclides da Cunha, baleado mortalmente, procurava a saída da casa, indo cair exangue de forças no pequeno jardim à frente.

Então, contam os irmãos que apesar de se acharem ambos também bastante feridos, aproximaram-se de seu antigo protetor e recolheram-no para dentro de casa, deitando-o no leito de Dilermando.

Os ferimentos que o dr. Euclides da Cunha apresenta são: no pulso, no braço, no flanco direito e na região infra-clavicular esquerda, que parece ter sido que determinou a morte, provocando uma hemorragia interna.

Dilermando Cândido de Assis, de 21 anos de idade, está ferido no mamelo direito, virilha e baixo-ventre do mesmo lado.

Dinorá Cândido de Assis, de 20 anos, tem apenas um ferimento na região dorsal.

Os dois irmãos, naturais do Estado do Rio Grande do Sul, são filhos do 1.º tenente do Exército João Cândido de Assis, e viviam há seis anos sob a proteção do dr. Euclides da Cunha.

Quando a lamentável notícia foi confirmada, dirigiram-se imediatamente para a Piedade numerosos amigos do grande brasileiro

que se extinguiu tão desastrosamente. Um dos primeiros que lá chegaram foi o deputado Coelho Neto, que já o encontrou morto.

Depois de conversar rapidamente com a sra. d. Ana da Cunha e seu filho Sólton, o sr. Coelho Neto procurou a agência dos telégrafos e dali expediu despachos aos srs. drs. Nilo Peçanha, presidente da República; barão do Rio Branco, Esmeraldino Bandeira, Conselheiro Rui Barbosa e Mário de Alencar, secretário da Academia de Letras, de que o dr. Euclides da Cunha era um dos mais belos ornamentos.

Depois disto, o sr. deputado Coelho Neto que foi infatigável nesta triste emergência voltou à casinha da Estrada Real, e começou a dar providências para que o corpo fosse transportado para a estação.

Eram 3 horas da tarde quando o cadáver do dr. Euclides da Cunha foi colocado sobre uma maca da guarda noturna de Inhaúma e carregado para a agência da estação da Piedade, onde ficou depositado até que chegasse o vagão fúnebre que o deveria trazer para a cidade.

A maca, da casa da Estrada Real para a agência, foi carregada pelo sr. deputado Coelho Neto, pelo delegado do 20.º Distrito dr. Oliveira Alcântara e pelos repórteres de todos os jornais.

O corpo esteve na agência da estação da Piedade até às 6 horas e 34 minutos da noite, quando foi colocado em um vagão fúnebre anexo ao trem suburbano SU-96 que o conduziu para a estação Central.

Ali, aguardavam a chegada do corpo do infortunado publicista grande número de amigos e uma massa enorme de curiosos.

O corpo do infortunado publicista ficou durante algum tempo dentro do vagão da Estrada de Ferro. Ao chegar o coche fúnebre que deveria conduzir o cadáver para o necrotério, foi o corpo transportado para este veículo, pegando na maca, os srs. dr. Brício Filho, Irineu Marinho, dr. Oliveira Alcântara, Félix Pacheco, José Cordeiro e Anor Margando. Ao chegar no necrotério, já aí se achavam entre outras pessoas os srs. Gastão Paranhos, sobrinho do sr. Barão do Rio Branco, e seu oficial de gabinete, dr. Muniz de Aragão, os quais, de ordem do sr. ministro do Exterior, fizeram cobrir de flores o corpo do ilustre morto, e colocaram-lhe aos pés duas palmas.

Durante a noite, o cadáver foi velado por diversas pessoas, amigos do dr. Euclides da Cunha, entre os quais destacamos os srs. Olavo Bilac, Ernesto Sena, Júlio Barbosa, Manoel Lavrador, Muniz de Aragão, Carvoliva, Félix Pacheco, Otávio Moraes, Artur Alves, dr. Brício Filho, tenente Odilon de Araújo, Antônio Dantas, Miguel F. Moraes, Otton do Amaral, Mário Guaraná, Ludgero Vidal, Teotônio de Oliveira, Otávio Dutra, Viriato de Araújo e Júlio de Oliveira.

O dr. Euclides da Cunha deixa quatro filhos: Sôlon, de 16 anos; Euclides, de 14 anos; Manoel Afonso, de 8 anos, e Luís, de menos de dois anos.

Na Central da Estrada de Ferro encontrou-se também o menino Euclides.

O cadáver foi transportado às 8 horas da noite para o Necrotério Público, onde será examinado, hoje, pelos médicos legistas da Polícia, devendo em seguida ser levado para a Academia Brasileira de Letras, de onde sairá o féretro para o Cemitério de São João Batista.

O aspirante a oficial Dilermando Assis foi recolhido ao Hospital Central do Exército, tendo saído da Piedade às 3 horas e meia da tarde, acompanhado de um comissário.

Apesar de gravemente ferido o rapaz dirigiu-se a pé para a estação e daí para o trem, onde se sentou naturalmente em um carro de 1.ª classe.

Dinorá acompanhou-o até à estação de S. Francisco Xavier, seguindo por sua vez para o Posto Central de Assistência, onde foi medicado e saiu para recolher-se a um quarto particular na Santa Casa de Misericórdia.

Ao sair de sua casa, em Copacabana, ontem pela manhã, o dr. Euclides da Cunha trajava uma roupa velhíssima, há muito tempo abandonada.

Apesar disto, quando a polícia do 20.º Distrito revisitou as roupas do cadáver foram ainda encontrados nos seus bolsos diversos papéis particulares, um livro de cheques do London Bank e duas tiradas na época em que era ainda noivo de d. Anna da Cunha.

O delegado de polícia do

20.º Distrito, que esteve descedo no local com o seu escrivão Anor Margarido, tomou por termo as declarações dos dois irmãos Assis.

O revólver do dr. Euclides da Cunha foi apreendido; era uma arma pequena, nova, de sete balas, das quais a última não detonou.

A arma do aspirante Dilermando foi um enorme revólver de campanha, calibre 80, semelhante ao Nagant.

O aspirante a oficial Dilermando de Assis esteve no último baile do Itamarati. Teve há pouco um assalto de armas com o professor Jorge Ocheptini.

Seu irmão Dinorá de Assis é aluno ouvinte no 2.º ano da Escola Naval.

É impossível à hora em que terminamos esta notícia redigir com largueza a biografia do nosso malgrado colaborador, traçar-lhe o perfil literário, fazer a análise de seus trabalhos e de suas obras.

Em nossas coleções encontrávamos à falta, elementos para uma exata apreciação da vida desse engenheiro e escritor notável, que morre aos 41 anos, quando ainda poderia prestar ao seu país e à língua portuguesa serviços inestimáveis.

Aluno da velha Escola Militar, fez parte da falange republicana que Benjamim Constant ali educou. Já nesse tempo afastado era um poeta apreciável, tendo deixado grande cópia de versos, alguns dos quais realmente brilhantes.

Quando Tomás Coelho foi à aludida Escola, onde a agitação democrática fervia às escâncaras, Euclides da Cunha praticou o famoso jesto de atirar-lhe ma aos pés, exclamando que uma dignidade acalma que se pretendia obter da mocidade republicana por meio de afagos interesseiros.

Reintegrado nas fileiras a 15 de novembro de 89, formado mais tarde em Engenharia Militar, combateu no litoral contra a Revolta da Esquadra e é pena que poucos escritos tenha deixado a respeito dessa horrível época de nossa história política.

Houve um dia em que se pode dizer sem exagero que o jovem oficial salvou, pela coragem de um protesto, a honra de sua geração perante a história. Foi quando se falou em asfixiar pela cal os presos políticos da Correção. A carta memorável que o tenente legalista publicou na *Gazeta de Notícias*, verbe-

rando a projetada monstruosidade, ficará com um belo documento da sua nobreza de caráter.

Bem cedo compreendeu Euclides da Cunha que não era o Exército a profissão que lhe convinha.

Depois de empregar-se em alguns trabalhos de engenharia em São Paulo, acompanhou como jornalista a Campanha de Canudos e de volta escreveu *Os Sertões*, ao mesmo tempo que fiscalizava a reconstrução de uma ponte naquele Estado.

O que foi esse livro, não é preciso dizê-lo agora. Não há, em nosso país, memória de estéril mais fulgurante. O escritor e o homem de ciência adquiriram logo um renome enorme, só comparável à admiração geral suscitada pela coragem com que pintou as misérias e torpezas de que fora teatro o sertão baiano.

Desde esse dia Euclides da Cunha ficou sendo um nome nacional. Pode-se dizer sem favor que ele inaugurou uma literatura nova.

Talvez não medire o seu feito, mas ainda assim a sua figura ficará como uma das mais poderosas e originais entre as dos maiores escritores da língua portuguesa.

Sócio do Instituto Histórico, membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Urbano Duarte, auxiliar técnico do barão de Rio Branco no estudo das questões de fronteiras, Euclides da Cunha desenvolveu nestes dez anos uma assombrosa atividade mental, tendo publicado:

Em 1902, *Os Sertões* (Campanha de Canudos), de que foram tiradas três edições;

Em 1906, *o Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, trabalho esse em que colaborou o comissário peruano Pedro Alejandro Buenano, e a que anexou as suas *Notas Complementares sobre a História da Geografia do Purus, seu Povoamento e Navegabilidade*;

Em 1907, *Contrastes e Confrontos*, um volume, Porto;

Em 1907, *Peru versus Bolívia*, um volume, trabalho este publicado nas colunas do *JORNAL DO COMERCIO* e de que foram tiradas duas edições no Rio de Janeiro, sendo publicada uma tradução espanhola em Buenos Aires, feito pelo sr. Eliodoro Villazon, atual presidente da República da Bolívia;

Em 1908, também nesta folha, *Martin Garcia, (A propósito de Martin Garcia la jurisdicción del Plata, de Agustín de Vedia)*, estudo traduzido para o espanhol e publicado em Buenos Aires pelo sr. Agustín de Vedia.

Fez, em S. Paulo, em 1908, uma conferência sobre *Alvares de Azevedo*, que também publicamos. Não falamos aqui no grande número de artigos que deixa esparsos.

De 5 de abril a fins de outubro de 1905, fez o reconhecimento do Alto Purus, sendo chefe da Comissão Brasileira.

